

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PROLING
MESTRADO E DOUTORADO EM LINGUÍSTICA

ANA KARLA ALVES DE MENEZES

CONSTRUÇÕES DIALÓGICAS EM CHARGES QUE TEMATIZAM A TRANSPOSIÇÃO
DO RIO SÃO FRANCISCO

JOÃO PESSOA

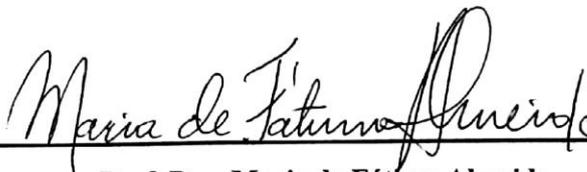
2018

ANA KARLA ALVES DE MENEZES

CONSTRUÇÕES DIALÓGICAS EM CHARGES QUE TEMATIZAM A TRANSPOSIÇÃO
DO RIO SÃO FRANCISCO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para obtenção do Título de Mestra em Linguística, na área de concentração Discurso e Sociedade.

Orientadora: Prof. Dra. Maria de Fátima Almeida



Prof. Dra. Maria de Fátima Almeida

Orientadora – Universidade Federal da Paraíba – UFPB – PROLING



Prof. Dra. Oriana Fulanetti

Examinadora – Universidade Federal da Paraíba – UFPB – PROLING



Prof. Dra. Eliete Corrêia dos Santos

Examinadora - Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

JOÃO PESSOA

2018

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M543c Menezes, Ana Karla Alves de.
CONSTRUÇÕES DIALÓGICAS EM CHARGES QUE TEMATIZAM A
TRANSPOSIÇÃO DO RIO SÃO FRANCISCO / Ana Karla Alves de
Menezes. - João Pessoa, 2018.
107 f. : il.

Orientação: Maria de Fátima Almeida.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/PROLING.

1. Relações Dialógicas. 2. Gênero Discursivo Charge. 3.
Transposição do Rio São Francisco. I. Almeida, Maria de
Fátima. II. Título.

UFPB/BC

*À Deus, autor da minha vida, do meu destino e o meu socorro nas horas de angústia e
desânimo.
À minha mãe, que é o meu maior exemplo de ser humano, aquela que me sustenta em todos os
momentos de tribulações, demonstrando que minha capacidade vai muito além do que eu
possa imaginar.*

AGRADECIMENTOS

Hoje, vivo uma realidade que sempre pareceu idealização, mas busquei transformá-la em situação real e, sendo assim, alcancei com muita determinação, esforço, paciência e perseverança um sonho. Porém, para que esse objetivo tornasse realidade eu jamais chegaria sozinha. Minha afetuosa gratidão a todos aqueles que contribuíram para que este sonho pudesse ser concretizado.

Agradeço a Deus pelo fôlego de vida, que me permitiu, a despeito de pedras e entulhos no caminho, superá-los; que me deu a força que não imaginaria ter para vencer os obstáculos; que me segurou pela mão para que eu não temesse os dias sombrios; que me levou no colo quando a caminhada tornou-se insuportável para os meus pés e eu quis desistir; pelas oportunidades que Ele me proporcionou e me fez acreditar que eu era capaz de vencê-las; e a Ele que sempre esteve e estará comigo nos momentos festivos e nos momentos de angústias.

Aos meus pais Francicleide e Gilvan, pelo amor incondicional: pelas palavras de conforto e incentivos, pelo suporte emocional e por estarem sempre me apoiando na busca de meus objetivos.

Ao meu irmão Alisson Menezes pelo incentivo, suporte e torcida constante nestes dois anos de Mestrado, mostrando que sempre acreditou em mim, o ânimo que você me deu foi essencial para chegar até aqui!

A minha avó, Iracema Menezes, pelas orações para que eu caminhasse e chegasse até aqui, sempre me incentivando e torcendo por esse momento sublime. A minha família, que é grande. Em números, feitos, em dar apoio, na compreensão pelos momentos em que precisei estar ausente, na doação de carinho e, sobretudo, de coração.

A minha grande amiga, minha dupla eterna Suzianne Ramos, por se fazer presente nos momentos de alegria, mas principalmente nos mais difíceis, buscando compreender e incentivar essa fase de minha vida. Deus foi muito misericordioso em me conceder o convívio com você, pois ter você ao meu lado esses anos foi essencial. Obrigada pelo carinho, apoio, compreensão, paciência nos momentos em que estive bastante agoniada. Você é um suporte que Ele me deu!

A uma amiga que o Mestrado me deu, Karyne, pela confiança e segurança que sempre depositou em mim, acreditando que eu seria capaz bem mais do que imaginava.

Ao meu amigo-irmão, Manassés Morais Xavier, que idealizou este sonho comigo e nunca desistiu de acreditar que eu poderia realizá-lo. Você foi o grande degrau da minha subida! Além disso, por me inspirar ser uma profissional melhor ainda, através dos seus ensinamentos

que têm ultrapassado os limites acadêmicos: conduta, caráter e exemplo de ser humano.

A professora Dra. Maria, de Fátima Almeida, orientadora deste trabalho, exemplo de luta e humildade. Pelo carinho e compreensão que foram incentivadores para continuar minha caminhada. Serei sempre grata a ti por todo o apoio que me destes, pois desempenhastes um sentimento muito especial em mim.

Aos membros da banca, Oriana e Eliete, pela disponibilidade, interesse, dedicação e sugestões que aperfeiçoaram este trabalho. E, finalmente, a todos e todas que de uma forma direta ou indireta compreenderam e incentivaram meus sonhos e ideais, oferecendo apoio e coragem para que pudesse vencer este novo desafio!

RESUMO

De acordo com a perspectiva da Teoria Dialógica da Linguagem, representada por Bakhtin e o seu Círculo, assim como por trabalhos de estudiosos como Brait (2008), Faraco (2003), Sobral (2009), dentre outros, a presente pesquisa objetivou, de maneira geral, analisar as construções dialógicas no gênero discursivo charge no evento enunciativo *Transposição do Rio São Francisco*. Quanto aos objetivos específicos, destacamos: a) estabelecer as relações dialógicas entre as vozes presentes nos discursos proferidos pelas charges; b) compreender as diferentes formas de representação da temática Transposição do Rio São Francisco nos pontos de vista dos sujeitos enunciadores das charges e c) comparar o jogo de palavras presente nas charges que se referem a Transposição do Rio São Francisco. A pesquisa configura-se como uma pesquisa na Teoria Dialógica da Linguagem (TDL), especificamente sobre leituras dialógicas de charges. Ainda, é considerado um estudo exploratório-descritivo, cuja abordagem teórica metodológica utilizada no estudo foi a dialógica, comparando os textos no tempo e nas respostas que uns dão aos outros e apresentando como os enunciados se concretizam, ocupam o lugar na interação social e suscitam respostas, uma vez que os textos não podem ser analisados sem considerar que são enunciados-respostas. O *corpus* selecionado constitui-se de 06 (seis) charges, durante o período de Dezembro de 2016 à Março de 2017, hospedadas no *Google Imagens*. A partir da análise da pesquisa, o que mais observamos nas charges é o diálogo que elas mantêm com outros gêneros do discurso e também com outros discursos. Não apenas os enunciados linguísticos como também os elementos imagéticos que compõem o enunciado como um todo modificam seus sentidos. Uma representação de uma outra ilustração existente ou de um enunciado já proferido (intertextualidades) não só modificam sentidos como constroem diversos outros. Portanto, as charges analisadas evidenciaram representações dialógicas que denunciam ou fazem surgir compreensões negativas a respeito do evento *Transposição do Rio São Francisco*, conforme os aspectos do gênero analisado.

Palavras-chave: Relações Dialógicas. Gênero Discursivo Charge. Transposição do Rio São Francisco.

ABSTRACT

According to the perspective of the Dialogical Theory of Language, represented by Bakhtin and his Circle, as well as by other authors' studies like Brait (2008), Faraco (2003), Sobral (2009), among others, this study aimed to analyze the dialogical constructions in the discursive genre cartoon in the enunciative event *Transposition of the São Francisco River*. Regarding about the specific purposes, we point out: a) to establish the dialogical relations among the voices present in the cartoons' speeches; b) to understand the different forms of representation for the theme *Transposition of the São Francisco River* according to the enunciators' point of view in the cartoons and c) to compare the game of words present in the cartoons which refer to the *Transposition of the São Francisco River*. This research is based on the Dialogical Theory of Language (DTL), specifically on dialogical readings of cartoons. It is considered an exploratory-descriptive study, whose methodological approach used was the dialogical one, comparing the texts in the event and the answers that one gives to the others, and presenting as the statements materialize, the social interaction and their answers, as the texts cannot be analyzed without considering them to be utterances-answers. The selected *corpus* consists in 06 (six) cartoons, from December of 2016 to March of 2017, hosted in *Google Images*. From the analysis of this study, we find out that the cartoons keep the dialogue with other genres of discourse and with other discourses. Another point relevant is that not only linguistic utterances are used but also the imaginary elements that make up the utterance as a whole and alter their meanings. The representation of another illustration present or an uttered enunciative (intertextualities) not only change meanings but also build several others. There fore, the cartoons analyzed show the dialogical representations that denounce or reinforce the negative understandings about the event *Transposition of the São Francisco River*, according to the aspects of the genre analyzed.

Keywords: Dialogism. Dialogical Relations. Discursive Genre Cartoon. Transposition of the São Francisco River.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Charge de Amarildo.....	70
Figura 02: Charge de Bruno.....	75
Figura 03: Charge de Genildo I.....	80
Figura 04: Charge de Grooeland/Jaime Guimarães.....	85
Figura 05: Charge de Genildo II.....	89
Figura 06: Charge de Spon Holz.....	94

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	METODOLOGIA.....	17
2.1	ÁREA DE INSERÇÃO DA PESQUISA.....	17
2.2	NATUREZA E TIPO DE PESQUISA.....	18
2.3	O CONTEXTO DA PESQUISA E CRITÉRIOS DE ANÁLISE DOS DADOS.....	19
3	UM OLHAR SOBRE A TEORIA DIALÓGICA DA LINGUAGEM.....	23
3.1	LÍNGUA E SUBJETIVIDADE.....	23
3.2	INTERAÇÃO VERBAL.....	27
3.3	DIALOGISMO.....	30
3.4	SIGNO IDEOLÓGICO.....	34
3.5	VALORAÇÃO.....	37
3.6	DISCURSO DE OUTREM	41
3.7	LINGUAGEM VERBO-VISUAL	42
4	GÊNEROS DO DISCURSO: UM OLHAR PARA A CHARGE.....	44
4.1	OS ELEMENTOS CONSTITUINTES DO GÊNERO: CONTEÚDO TEMÁTICO, ESTRUTURA COMPOSICIONAL E ESTILO.....	44
4.1.1	Conteúdo Temático: Rede de Vozes.....	46
4.1.2	Estrutura Composicional.....	47
4.1.3	Estilo.....	49
4.2	HISTÓRICO DO GÊNERO CHARGE.....	52
4.3	CARACTERÍSTICAS DO GÊNERO CHARGE.....	57
4.3.1	Elementos Visuais.....	58
4.3.2	Elementos Verbais.....	59
4.3.3	Elementos Extra-verbais.....	59
4.4	CARACTERIZANDO O GÊNERO CHARGE COMO GÊNERO DISCURSIVO: FUNÇÃO SOCIAL E SEUS EFEITOS DE SENTIDO.....	61
5	ANÁLISE DOS DADOS.....	67
5.1	ASPECTOS VALORATIVOS NO GÊNERO CHARGE.....	67
5.2	O TEOR IRÔNICO E O SENTIDO NO TEXTO CHARGÍSTICO.....	79

5.3	DISCURSO DE OUTREM NAS CHARGES.....	89
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	99
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	102

1 INTRODUÇÃO

[...] O pensamento das ciências humanas nasce como pensamento sobre pensamentos dos outros, sobre exposições de vontades, manifestações, expressões, signos atrás dos quais estão os deuses que se manifestam (a revelação) ou os homens (as leis dos soberanos do poder, os legados dos ancestrais, as sentenças e enigmas anônimos, etc.).

Mikhail M. Bakhtin

Os estudos da Linguística interessados não somente pelo sistema da língua, mas também pela relação da língua com história, política, sociedade, cultura constituíram, em meados do século XX, uma contradição às correntes teóricas estruturalistas que estavam dominando as investigações da linguagem. Na perspectiva bakhtiniana, o princípio dialógico é a característica essencial da linguagem e, por isso, a linguagem e as línguas têm uma natureza intrinsecamente política, porque sujeitam os falantes a sua ordem. Portanto, a relação dialógica-discursiva, que ocorre entre o sujeito que enuncia e o seu interlocutor, constrói o significado do texto, levando em consideração as suas condições de produção enunciativa, nas diversas esferas de comunicação.

O sujeito, por sua vez, constitui-se na relação de alteridade, mediada pela linguagem. Assim, durante a interação verbal, veem-se a união entre o que é regulado pela esfera social e o que é realizado no âmbito individual de cada ser humano, através de uma avaliação valorativa sob a ideologia e do valor que é atribuído ao signo naquele contexto de produção enunciativa-discursiva. Para tanto, as ideias difundidas por Bakhtin e seu Círculo, que constituem a teoria dialógica da linguagem, se referem à interação verbal como principal característica para a comunicação através da língua. Nesse sentido, a palavra é vista como signo ideológico, assim como depreende-se que o sujeito se constitui na relação valorativa com o discurso do outro, no âmbito das esferas de comunicação as quais o sujeito está inserido.

A noção de dialogismo - escrita em que se lê o outro, o discurso do outro no eu - pode ser encarado como filosofia de vida, fundamentação da política, concepção de mundo, entre outras perspectivas. Segundo o pensador russo, o enunciado estabelece uma relação na comunicação verbal contínua, em que se relaciona com enunciações que a precedem e a sucedem, visto que o enunciado é pleno de ecos e ressonâncias. Portanto, assim como a enunciação emerge do meio social, uma forma linguística não pode ser separada de sua constituição ideológica.

A análise sobre a linguagem deixa de ser parcial ou incompleta ao se considerar que a língua serve como instrumento para comunicação entre falantes e que a natureza social humana

não permite que escapemos à interação (MORATO, 2007). Tendo em vista as diferentes esferas de atividade humana, os gêneros discursivos, utilizados nos mais diversos ambientes linguísticos, retratam/refratam de forma dinâmica, histórica e situada, essa transformação da/na linguagem. Os gêneros discursivos da esfera jornalística cumprem relevante função para a sociedade, seja como divulgação da informação, seja através do anúncio de produtos e oferta de serviços, ou contribuindo para a formação de opinião, por meio de artigos, crônicas, charges e demais gêneros da esfera do jornalismo opinativo.

Vale destacar que a charge é um gênero constituído de um texto curto e preciso, com uma linguagem que pode variar de acordo com a intenção comunicativa, sendo organizado por elementos verbais e não-verbais e que tem como suporte de circulação, principalmente, jornais, embora apareça também em revistas, *sites* e outros meios. A charge tem por função provocar o humor, o riso, com o objetivo de atrair o leitor para uma crítica. Porém, de forma descontraída, mais leve que outros gêneros dentro da mesma esfera ou suporte.

Este estudo configura-se como uma pesquisa na Teoria Dialógica da Linguagem (TDL), especificamente sobre leituras dialógicas de charges. A abordagem teórica metodológica utilizada no estudo foi a dialógica, comparando os textos no tempo e nas respostas que uns dão aos outros e apresentando como os enunciados se concretizam, ocupam o lugar na interação social e suscitam respostas, uma vez que os textos não podem ser analisados sem considerar que são enunciados-respostas.

Quanto aos seus objetivos, segundo a proposta de Severino (2007), esta é uma pesquisa explicativa, em que se busca registrar e analisar os fenômenos estudados, no intuito de identificar suas causas através da interpretação possibilitada pelos métodos qualitativos. O quadro epistemológico desta pesquisa fundamenta-se nos pressupostos enunciativos da teoria dialógica da linguagem de Bakhtin e o Círculo, cujo foco de investigações não está centrado em aspectos estritamente linguísticos, mas, principalmente, em questões de natureza trans. linguística.

Tendo por objeto o exame das relações dialógicas entre os enunciados, seu modo de constituição real (ZANDWAIS, 2010, p. 12), o pensamento bakhtiniano inclina-se sobre a singularidade do enunciado concreto, tomado na ordem sócio histórica, sem, entretanto, negar o papel do sistema linguístico no fenômeno da interação verbal. Todo enunciativo, para construir seu discurso, leva em conta a compreensão responsiva ativa do seu interlocutor, isto é, a percepção do seu ato responsivo pelo destinatário. Desse modo, a historicidade se manifesta não só no conteúdo do discurso, mas no processo dialético em que o autor organiza a arquitetura do seu enunciado.

Portanto, Bakhtin e o Círculo concebem a vida do sujeito como formada por uma sucessão de atos singulares, irrepetíveis e únicos, ou que não são iguais a outros atos, mas que possuem elementos comuns com outros atos e, desse modo, constituem a categoria do “ato” (SOBRAL, 2009). A transposição do rio São Francisco é um projeto de deslocamento de parte das águas do rio São Francisco, no Brasil, nomeado pelo governo brasileiro como "Projeto de Integração do Rio São Francisco com Bacias Hidrográficas do Nordeste Setentrional". O projeto é antigo, foi concebido em 1985 pelo extinto DNOS – Departamento Nacional de Obras e Saneamento, sendo, em 1999, transferido para o Ministério da Integração Nacional e acompanhado por vários ministérios desde então, assim como, pelo Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco.

O principal argumento da polêmica dá-se sobretudo pela destinação do uso da água: os críticos do projeto alegam que a água será retirada de regiões onde a demanda por água para uso humano e dessedentação animal é maior que a demanda na região de destino e que a finalidade última da transposição é disponibilizar água para a agroindústria e a carnicultura — contudo, apesar da controvérsia, tais finalidades são elencadas como positivas no Relatório de Impacto Ambiental (RIMA) em razão da conseqüente geração de emprego e renda. Iniciada em 2007, a conclusão da transposição estava originalmente planejada para 2012, mas atrasos mudaram a data prevista para 2016. Por outro lado, a corrente contra as obras de transposição do Rio São Francisco afirma que a obra é nada mais que uma “transamazônica hídrica”, e que além de demasiado cara a transposição do rio não será capaz de suprir a necessidade da população da região uma vez que o problema não seria o déficit hídrico que não existe, o problema seria a má administração dos recursos existentes uma vez que a maior parte da água é destinada a irrigação e que diversas obras, que poderiam suprir a necessidade de distribuição da água pela região, estão há anos inconclusas. Portanto, em meio a variedade de gêneros existentes nas diferentes esferas sociais da atividade humana, recorreu-se, para o desenvolvimento deste trabalho, ao gênero discursivo charge, na perspectiva de refletir sobre a construção dialógica que perpassa a temática da Transposição do Rio São Francisco no gênero supracitado, convocando sentidos sobre como, a partir dos gêneros discursivos, a temática e as relações dialógicas da linguagem se estabelecem.

Neste trabalho, optamos pelo estudo discursivo de um problema que afeta a população brasileira, em especial, a problemática da Transposição do Rio São Francisco atrelada à crise hídrica. A pesquisa se dá em função da relevância de ser um assunto polêmico, bem como as críticas que são referendadas a esse fenômeno atual. Pensando nisso, partimos da seguinte

questão-problema: Quais as representações dialógicas e jogo de palavras da temática Transposição do Rio São Francisco são convocadas em charges?

Orientados por esse questionamento, a pesquisa, em foco, objetiva, de forma geral, analisar as relações dialógicas no gênero discursivo charge que tem como tema a Transposição do Rio São Francisco. Quanto aos objetivos específicos, destacamos: a) estabelecer as relações dialógicas entre as vozes presentes nos discursos proferidos pelas charges, b) compreender as diferentes formas de representação da temática Transposição do Rio São Francisco nos pontos de vista dos sujeitos enunciadore das charges e c) comparar o jogo de palavras presente nas charges que se referem a Transposição do Rio São Francisco.

A hipótese de pesquisa versa sobre as escolhas lexicais verbo-ideológicas das charges vão ao encontro de um tom valorativo pejorativo em relação à Transposição do Rio São Francisco. Esse estudo justifica-se pela busca em analisar como as relações dialógicas ocorrem no processo de produção dialógica de charges, especificamente com a temática Transposição do Rio São Francisco, evidenciando cada vez mais que o discurso se realiza dentro de situações concretas de enunciados, mostrando que todo discurso é ideológico por natureza e, conseqüentemente, reflete e refrata as posições sociais da vida em sociedade, conforme a teoria defendida nesta dissertação. Portanto, é oportuno destacar o estudo da charge por dispor de um conteúdo crítico que tem como alvo acontecimentos ocorridos na sociedade, principalmente quando se trata de fatos polêmicos, como nosso objeto de estudo. Além disso, há outra característica também marcante, que é o humor, o que mostra que a opinião, nesse gênero discursivo, é tratada por estas duas vias (o humor e a ironia).

Com isso, a relevância desse estudo se dá, também, devido ao acréscimo de conhecimento à própria população, visto que demonstrará os discursos que perpassam as charges da temática em estudo. Ainda, contribuirá, enquanto Mestra em Linguística, na aquisição de melhor apreensão do trabalho com o gênero discursivo charge, pois se acredita que a multimodalidade existente nas charges possibilite e estimule os educandos à prática da leitura, uma vez que o contato com esse gênero discursivo, leve e agradável, possibilita uma intimidade com o ato de ler. Também, vale ressaltar que, enquanto recurso didático, a charge se apresenta muito favorável ao trabalho em sala de aula, uma vez que pode despertar o senso crítico do aluno, contribuir para enriquecer o seu conhecimento enciclopédico e proporcionar a compreensão do mundo em que vive.

Esta pesquisa é fundamentada nos pressupostos teóricos propostos por Bakhtin acerca dos gêneros discursivos, bem como pela Teoria Dialógica da Linguagem (TDL), representada também por trabalhos de alguns estudiosos como Brait (2012), Faraco (2003), Fiorin (2006) e

Sobral (2009); e, ainda, por Romualdo (2000), Nascimento (2010), dentre outros que abordam as características do gênero em análise. De modo a contemplar o objetivo proposto, esta dissertação está organizada em sete partes: introdução, metodologia, dois capítulos teóricos e um teórico-analítico, bem como as considerações finais seguida das referências.

No Capítulo I, intitulado de *Introdução*, contextualizamos o objeto e a teoria de análise, assim como apresentamos a metodologia, os objetivos, questão-problema e justificativa da temática escolhida. Destacamos ainda uma breve revisão de literatura e, conseqüentemente, definições breves acerca do gênero do discurso charge e o dialogismo.

No Capítulo II, intitulado de *Pressupostos Metodológicos da Pesquisa*, aborda os aspectos teórico-metodológicos da pesquisa, no qual apresentamos a natureza da pesquisa, e explicamos os procedimentos de análise dos dados, bem como os pressupostos teóricos do estudo.

No Capítulo III, intitulado de *Um Olhar Sobre a Teoria Dialógica da Linguagem*, discorremos os fundamentos que subjazem a teoria dialógica da linguagem. Para tanto, levamos em consideração alguns conceitos específicos que são tematizados nessa teoria, a saber: língua e subjetividade; interação verbal; dialogismo, signo ideológico e valoração.

O Capítulo IV, designado de *Gêneros do Discurso: um olhar para a charge*, apresentamos os elementos constituintes do gênero discursivo, o discurso de outrem e, por fim, o histórico, características e função dialógica da charge.

Por fim, no Capítulo V, intitulado *Análise do Corpus*, é composto da análise em categorias: em função do gênero e em função de categorias, como *Aspectos Valorativos no Gênero Charge; O Teor Irônico e o Sentido no Texto Chargístico e o Discurso de Outrem nas Charges*. Por fim, nas Considerações Finais evidenciamos respostas à questão-problema da pesquisa, bem como ao alcance dos objetivos assumidos diante da produção deste trabalho dissertativo. A seguir apresentamos os pressupostos metodológicos, conforme o estudo em análise.

2 METODOLOGIA

O ato humano é um texto potencial e não pode ser compreendido (na qualidade de ato humano distinto da ação física) fora do contexto dialógico de seu tempo (em que figura como réplica, posição de sentido, sistema de motivação).
Mikhail Bakhtin

Neste capítulo metodológico, abordaremos os aspectos do procedimento de pesquisa. Dividimos em três seções: a) Área de inserção da pesquisa; b) Natureza e tipo de pesquisa e c) O contexto da pesquisa e critérios de análise dos dados.

2.1 ÁREA DE INSERÇÃO DA PESQUISA

Essa pesquisa caracteriza-se como um estudo em Teoria Dialógica da Linguagem (TDL), especificamente sobre leituras de charges, uma vez que procura analisar os discursos proferidos no gênero supracitado, a partir do evento *Transposição do Rio São Francisco*. Segundo Lakatos (2001), a metodologia é o item considerado como o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que com maior segurança e economia permite alcançar o objetivo, ou seja, os conhecimentos válidos e verdadeiros, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e avaliando as decisões do cientista. Como sabemos, podemos dizer que a metodologia se resume as etapas a seguir de um determinado processo, e exatamente é o que relataremos nas próximas linhas deste capítulo, buscando de forma minuciosa retratar, em forma de diálogo, os procedimentos implicados, uma vez que

o diálogo é o encontro entre os homens mediatizados pelo mundo, para designá-lo. Se ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os homens os transformam, o diálogo impõem-se como caminho pela qual os homens encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial. E já que o diálogo é o encontro no qual a reflexão e a ação, inseparáveis daqueles que dialogam, orientam-se para o mundo que é preciso transformar e humanizar, este diálogo não pode reduzir-se a depositar ideias em outros. Não pode converter-se num simples intercâmbio de ideias... não é também uma discussão hostil, polêmica entre os homens que não estão comprometidos nem ao chamar ao mundo pelo seu nome, nem a procura da verdade, mas a imposição de sua própria verdade (FREIRE, 2000, p. 92).

Como diz a citação acima descrita, podemos perceber que qualquer forma de interação entre os homens é uma maneira de buscar seus objetivos como seres transformadores da realidade, pois o diálogo nada mais é uma forma de mostrar a capacidade de humanização entre as partes, visto que tanto o locutor como o interlocutor desempenham, cada um, uma função de

mediadores do próprio conhecimento de mundo. A cada instante buscamos maneiras de elucidarmos os segredos do conhecimento e aperfeiçoá-lo. Dessa forma, é que através de etapas de desenvolvimento buscamos alcançar objetivos propostos. Podemos ressaltar que a pesquisa está diretamente ligada ao pesquisador e ao objeto de análise.

2.2 NATUREZA E TIPO DE PESQUISA

Quanto aos seus objetivos, segundo a proposta de Gil (2008), esta é uma pesquisa exploratória, pois proporciona maior familiaridade com o problema (explicitá-lo). Com relação à abordagem, a pesquisa tem caráter qualitativo, isto é, não emprega procedimentos estatísticos ou não tem, como objetivo principal, abordar o problema a partir desses procedimentos. Sobre esse tipo de abordagem, Chizzotti (2003) afirma que:

O termo qualitativo implica uma partilha densa com as pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível e, após este tirocínio, o autor interpreta e traduz em um texto, zelosamente escrito, com perspicácia e competência científicas, os significados patentes ou ocultos do seu objeto de pesquisa. (CHIZZOTTI, 2003, p. 221).

Isso quer dizer que seguimos uma orientação que objetiva entender a situação em análise e não recolhemos dados fixos, mas flexíveis e variáveis, em função dos contextos específicos comprobatórios para uma afirmação prévia, sendo, deste modo, de natureza social e não tende à quantificação. Ainda sobre a pesquisa qualitativa, Tozoni-Reis (2010, p. 05) reforça a citação anterior, ao afirmar que — a pesquisa qualitativa defende a ideia de que, na produção de conhecimentos sobre os fenômenos humanos e sociais, nos interessa mais compreender e interpretar seus conteúdos do que descrevê-los, explicá-los. A abordagem qualitativa foi eleita como paradigma da investigação, considerando que se trata de uma perspectiva adequada para a análise em profundidade do objeto de estudo desta pesquisa. Sobre esta abordagem, destacamos as seguintes particularidades:

- a) ter ambiente natural como fonte direta dos dados;
 - b) ser descritiva;
 - c) analisar intuitivamente os dados;
 - d) preocupar-se com o processo e não só com os resultados e o produto;
 - e) enfatizar o significado.
- (MARCONI; LAKATOS, 2010, p.272).

O presente estudo aplicou o método indutivo, no qual o pesquisador observa e analisa os fatos ou fenômenos, aproximando-os por intermédio da comparação, com o objetivo de revelar as causas de sua manifestação e descobrir a relação entre eles. Em outras palavras, nosso objeto de estudo se refere a um fenômeno da TDL e que objetivamos descrever e interpretar as charges, cujo foco é o evento *Transposição do Rio São Francisco*, para investigar quais as relações dialógicas constituídas nas charges, a partir do método indutivo que se caracteriza pela análise de dados para chegar a uma teoria ou aos princípios que parecem reger a organização desses dados (ROTH; HENDGES, 2010, p. 113).

Em virtude do objeto desta pesquisa, também a caracterizamos como descritivo-explicativa porque o nosso objeto de estudo se refere a um fenômeno complexo de uso linguareiro e que objetivamos descrever e explicar – a produção de sentidos em charges. Para explicar esse procedimento metodológico, Rodrigues (2006, p. 90) considera que a pesquisa descritiva

é realizada para descrever fenômenos ou estabelecer relações entre variáveis. O pesquisador, nesse caso, procura observar, registrar, analisar e interpretar os fenômenos por meio de técnicas padronizadas de coleta de dados, como questionário e a observação sistemática. [...] Na pesquisa descritiva, o pesquisador estuda a relação entre as variáveis de um determinado fenômeno sem as manipular; ou seja, constata e avalia as relações à medida que as variáveis se manifestam espontaneamente (RODRIGUES, 2006, p. 90).

Portanto, a pesquisa descritiva busca descrever e explicar as características de determinadas populações ou fenômenos. O olhar para o social é uma de suas características e é por esse motivo que nos filiamos, neste trabalho, a este tipo de pesquisa científica.

2.3 O CONTEXTO DA PESQUISA E CRITÉRIOS DE ANÁLISE DOS DADOS

A pesquisa pauta-se no gênero discursivo charge por considerar que o estudo deste gênero dispõe de um conteúdo crítico que tem como alvo acontecimentos ocorridos na sociedade, principalmente quando se trata de temas polêmicos, como nosso objeto de estudo. Além disso, há outra característica também marcante, que é o humor, o que mostra que a opinião, nesse gênero discursivo, é tratada por estas duas vias (o humor e a ironia). A escolha e a relevância desse gênero se dá, também, devido ao acréscimo de conhecimento à própria sociedade, visto que demonstrará e explicitará os discursos que perpassam as charges tecidos a temática *Transposição do Rio São Francisco*.

O projeto de *Transposição do Rio São Francisco* é um tema bastante polêmico, pois engloba a suposta tentativa de solucionar um problema que afeta a população do Nordeste brasileiro, a seca; e, é um assunto de natureza político-ambiental que acaba dividindo opiniões, visto que se trata de um projeto disputado pelo âmbito político e que traz temor à sociedade, porque vivenciamos um cenário de obras iniciadas, porém não acabadas, perpassando apenas pelo período de eleições com o objetivo da adesão de aliados aos seus respectivos governos. Do ponto de vista temporal, a constituição do *corpus* se deu em Dezembro de 2016 a Março de 2017 com a seleção de 06 (seis) charges colhidas na internet, hospedadas no *Google Imagens*. Para tanto, utilizamos duas charges para cada três categorias de análise selecionadas, a saber: valoração (tom emotivo-volitivo); discurso de outrem e as relações dialógicas, bem como o teor irônico na construção de sentidos em charges.

Com relação a primeira categoria selecionada para a análise do corpus, Bakhtin (2010) afirma que todos os atos do sujeito estão sempre sendo atravessados por tons emotivo-volitivos. Para o autor, todo sujeito sempre enuncia atitudes avaliativas sobre si e sobre o outro. Pelo simples fato de agir, enquanto sujeito único e singular, este entra em relações volitivas com o mundo. Para o autor, “[...] o verdadeiro pensamento que age é pensamento emotivo-volitivo, é pensamento que entoa e tal entoação penetra de maneira essencial em todos os momentos contedísticos do pensamento...”. (BAKHTIN, 2010, p. 87). O tom valorativo dá o caráter do evento. O tom emotivo-volitivo que envolve o conteúdo inteiro do sentido é o mesmo que o relaciona com o existir do evento singular. Entendemos que o sistema de valoração do sujeito, em seu evento singular, deve ser uma posição construída nos limites do seu existir. A ligação entre o conteúdo dos atos vivenciados e seu tom emotivo-volitivo não são de ordem causal, mas entrelaçados na trama histórica das experiências únicas do sujeito.

O discurso é a parte mais importante da ideologia, e a partir dele, a ideologia é dominante ou não, pode modificar-se ou não. Com ela, afloram-se as diferenças de pensamento e posição diante de algum fato ou tema específico, pois o discurso é social, é humano, assim como a ideologia é inerente ao discurso. No livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Bakhtin/Volochinov (1978) esclarecem que todo discurso é dialógico, onde o homem é um sujeito inexistente fora da relação com o outro, que se realiza através da linguagem, ou seja, todo discurso é constituído pelo discurso do outro, estando este sujeito a recriações e reinterpretções. As palavras que utilizamos não são fruto de um sistema isolado, mas sim de enunciações completas e com “determinada direção ideológica, ou seja, expressam um projeto concreto, um determinado nexos com a práxis”. (PONZIO, 2008, p.101). Dessa forma, todo

discurso concreto presente nos diferentes contextos sociais nunca é completamente novo, pois contém resquícios de outros discursos.

Acerca da terceira categoria de análise, Bakhtin e o Círculo formulam o conceito de dialogismo considerado como o princípio constitutivo da linguagem. Segundo eles, a linguagem, sendo em sua natureza concreta, viva, em seu uso real, tem a característica de ser dialógica. Em outras palavras, valoriza o aspecto social da fala que está intimamente ligada à enunciação, sendo assim, instaura a interação. O que é importante para o locutor é que a forma linguística se torne um signo que seja adequado para se concretizar num dado contexto. Trata-se de compreender a língua, pois o sentido da palavra é determinado por sua situação contextual e ideologicamente situada.

Os membros do Círculo exploram a ideia de que a linguagem não é falada no vazio e, sim, em uma situação histórica e social concreta. Para Bakhtin (1998), a linguagem é, por constituição, dialógica e a língua não é ideologicamente neutra e sim complexa, pois, a partir do uso e dos traços dos discursos que nela se imprimem, instalam-se choques e contradições. Isso significa que desconsiderar a natureza dialógica, é ignorar a ligação que existe entre a linguagem e a vida, isso porque a construção da linguagem é realizada sócio histórica e ideologicamente. Analisamos as charges a partir da análise do discurso baseada na concepção de enunciado concreto difundida pela TDL, considerando os seus contextos de produção, circulação e recepção.

O critério de seleção deste espaço cronológico se deveu ao fato de entendermos como um intervalo de tempo propício em que se estabelece, discursivamente, a cobertura jornalística a respeito do fato social que mobiliza esta pesquisa: a construção de charges em função do evento enunciativo *Transposição do Rio São Francisco*. O *corpus* da pesquisa foi composto a partir de uma pesquisa exploratória, ou seja, houve uma coleta para definição e origem das charges, bem como seu critério de seleção e, conseqüentemente, uma escolha desses dados para análise. A abordagem teórica metodológica utilizada na pesquisa foi dialógica, comparando os textos no tempo e nas respostas que uns dão aos outros e apresentando como os enunciados se concretizam, ocupam o lugar na interação social e suscitam respostas, uma vez que os textos não podem ser analisados sem considerar que são enunciados respostas.

Destacamos, ainda, que a organização do estudo teve três movimentos em sua análise: uma primeira etapa em que selecionamos charges, no site *Google Imagens*, que tematizam o evento enunciativo *Transposição do Rio São Francisco*; após a etapa de seleção, analisamos dialogicamente discursos (vozes) contidos nas charges – o que faz esta pesquisa aderir a um

trabalho de análise discursiva – e por fim, ponderamos as diferentes formas de representação do evento *Transposição do Rio São Francisco* nos pontos de vista dos sujeitos enunciadore das charges. Apresentaremos no próximo capítulo uma discussão teórica sobre a TDL, abordando alguns de seus conceitos mobilizados.

3 UM OLHAR SOBRE A TEORIA DIALÓGICA DA LINGUAGEM

Não há uma palavra que seja a primeira ou a última e não há limites para o contexto dialógico.

Mesmo os sentidos passados, isto é, aqueles que nasceram no diálogo dos séculos passados, não podem nunca ser estabilizados (finalizados, encerrados de uma vez por todas) – eles sempre se modificarão (serão renovados no desenrolar subsequente e futuro do diálogo). Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo, existem quantidades imensas, ilimitadas de sentidos contextuais esquecidos, mas em determinados momentos do desenrolar posterior do diálogo eles são lembrados e receberão vigor numa forma renovada (num contexto novo). Nada está morto de maneira absoluta: todo sentido terá seu festivo retorno.

Mikhail Bakhtin

Essa seção visa abordar teoricamente a concepção da TDL e alguns dos conceitos por ela convocados, com base nas obras *Marxismo e Filosofia da Linguagem (MFL)* e *Estética da Criação Verbal (ECV)*. Para tanto, divide-se em quatro itens: 1) Língua e Subjetividade; 2) Interação Verbal; 3) Dialogismo; 4) Signo Ideológico e 5) Valoração. A TDL compreende a linguagem humana como um constante processo de interação mediado pelo diálogo - e não apenas como um sistema autônomo, assim como a língua só existe em função do uso que locutores e interlocutores fazem dela em situações de comunicações.

3.1 LÍNGUA E SUBJETIVIDADE

Ao longo da história da humanidade, o conceito de língua foi apresentado de diversas maneiras. É claro que, cada fase das pesquisas sobre a linguagem humana esteve fundamentada em uma perspectiva filosófica e trouxe contribuições importantes para elevar a linguística como ciência piloto das ciências humanas. No século XX, ocorreu uma grande revolução no fazer científico dessa área, visto que foi um período em que a linguística atingiu seu ápice, desvinculando-se do título de “disciplina” para ser denominada de ciência. Para tanto, essas fases da língua podem ser distribuídas em três tendências, a saber: a língua como representação do mundo e do pensamento; a língua como instrumento ou “ferramenta” de comunicação e, por fim, a língua como forma ou instância de ação ou interação. Entretanto, o enfoque desta pesquisa é baseado na terceira concepção de língua, uma vez que pretendemos comprovar determinada forma de ver a linguagem para a explicação do fenômeno em estudo.

A respeito da primeira concepção, a língua vista como expressão do pensamento, foi desenvolvida pela Gramática de Port-Royal (1612-1694) que, por sua vez, pautava-se na ideia

de que a língua é racional, isto é, ela é a representação do pensamento. Em seguida, a concepção de língua como instrumento de comunicação influenciou os estudos linguísticos da corrente estruturalista/formalista. Portanto, os seguidores dessa concepção defendiam a ideia de que a língua é um sistema de signos linguísticos, em que cada um dos signos é constituído de um significante e outro de significado. Então, a língua para essa corrente existe a partir das necessidades de comunicação.

Por fim, a terceira concepção de língua, concebida como instância de interação entre sujeitos sócio historicamente situados é vista a partir da perspectiva de que os sujeitos, ao falarem, não apenas expressam seu pensamento ou o fazem com fins comunicativos, mas agem uns sobre os outros e produzem pontos de vista, isto é, posições axiológicas de sujeito. Portanto, a língua é idealizada como um sistema de formas em funcionamento, constituída de fatores externos com o contexto sócio histórico, a posição ideológica dos sujeitos falantes, enfim, os elementos linguísticos, que já vem impregnados de posições sócio axiológicas de outrem, estando à disposição do sujeito para a produção dos mais diversos efeitos de sentido.

Nosso enfoque nesta pesquisa será o dos estudos desenvolvidos a partir do século XX, uma vez que Bakhtin constrói sua teoria dialógica do discurso a partir das correntes linguísticas em vigência na época. Vale salientar que não existe um desprezo pelos estudos tradicionais, mas é preciso delimitar o percurso como forma de restringir, do ponto de vista teórico e metodológico, nosso objeto de estudo. O pensamento linguístico contemporâneo recebeu grandes contribuições de Bakhtin e o Círculo, com o desenvolvimento de uma filosofia de base marxista e o modo de tratar a linguagem enquanto uma atividade social, por onde os indivíduos são constituídos na relação com a alteridade, de forma dialética.

Essa concepção assegura que a linguagem como uma instância em que os sujeitos agem reciprocamente em suas posições valorativas a respeito dos diferentes temas que circulam nas interações sociais cotidianas. Portanto, Bakhtin recomenda uma “trans. linguística” que perceba as categorias na linguagem e considera que todos os aspectos relativos à vida humana estão, assim, diretamente enraizados (CLARK; HOLQUIST, 2008). Bakhtin/Volochínov, no livro “Marxismo e Filosofia da Linguagem”, ao se opor às orientações linguísticas do subjetivismo idealista e do objetivismo abstrato, esclarece que a estrutura mental do sujeito e a enunciação são de origem social, bem como os processos interativos que constituem toda a cadeira verbal social. (SILVA; VASCONCELOS; MORAIS, 2011).

Segundo os autores acima, a língua não representa um sistema estático, sincrônico, imutável, pois está em constante mudança, transformação, evolução. Sendo assim, ela tem a função de atender às variadas necessidades comunicativas dos usuários nos respectivos

contextos sócio históricos de inter-relação. Em outras palavras, para Bakhtin, “uma língua deve ser considerada em função e do ponto de vista do falante-ouvinte, o que faz do signo verbal um signo que vai além de um simples sinal é sua mutabilidade, sua adaptação aos contextos de situação sempre novos e variados” (PONZIO, 2010, p. 87).

Portanto, tal concepção bakhtiniana difere das ideias defendidas pelos pensadores linguísticos supracitados, uma vez que teorizam sobre caracteres abstratos e idealistas na linguagem; sendo assim, no subjetivismo idealista a enunciação é defendida como expressão da consciência individual e a constituição da língua se dá por meio do psiquismo. Em outras palavras, a língua constitui um fluxo de atos de fala, nada permanece estável, nada conserva sua identidade.

Segundo Bakhtin/Volochínov (2010, p. 71), esclarecer o fenômeno linguístico significa reduzi-lo a um ato significativo de criação individual; a tarefa do linguista limita-se a preparar a descrição, classificação, explicação do fato linguístico como ato individual”. O sujeito se relaciona com outro em um movimento ideológico que surge do seu interior em direção ao exterior.

Diferentemente, o objetivismo abstrato analisa a língua como instituição autônoma, isto é, apresenta como um código utilizado pelo sujeito para se comunicar e exclui suas relações com a cultura, história, sociedade, segundo as ideias linguísticas de Saussure. Isto é, a língua é um arco-íris imóvel que domina este fluxo (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2010, p. 34). Bakhtin e o Círculo afirma a existência do sujeito concreto e idealiza que a unicidade do indivíduo flui na ação, no seu ato responsável. Para o Círculo, o sujeito é detentor de três principais características: constituição psíquica relativamente fixada, onde sua consciência se modifica nas interações com o outro; marcas de aspectos sócio históricos em sua subjetividade, que se integram à sua identidade no reconhecimento do *eu* pelo *outro*; atividades avaliativo-valorativas diante de ações responsáveis, cujas coerções sociais participam da constituição de sua identidade. (SOBRAL, 2009).

Assim sendo, Bakhtin se opõe as concepções idealistas e abstratas de subjetividade que, por sua vez, limitam o sujeito a um ser absoluto, desconsiderando a relação eu-outro, a natureza social da palavra, e defendem que a consciência do sujeito deriva apenas do psicologismo. Para Bakhtin, o ato concreto não pode ser vivenciado pelo sujeito, senão na relação com o outro. Benveniste (1976) define a subjetividade como:

[...] a capacidade de o locutor se propor como sujeito” do seu discurso. Para ele, “A linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito,

remetendo a ele mesmo como eu no seu discurso” (1976, p. 286). Dessa forma, a subjetividade se funda no exercício da língua. Só se apreende a subjetividade em um discurso porque esse discurso foi concretamente produzido por um sujeito, um “eu” que se dirige a um outro, um ‘tu’, a respeito de um determinado referente, de um determinado objeto” (BRANDÃO, 2012, p. 28).

O sujeito, segundo Bakhtin, não é um ser criado do todo enunciativo, mas sim a incompletude do enunciado é que reflete a incompletude dos sujeitos sociais, históricos, ideológicos e discursivos; até o lado mais individual do sujeito é formado pela via das relações sociais. O sujeito bakhtiniano é um ser de ações concretas, em contrapartida às concepções do subjetivismo idealista e do objetivismo abstrato. Dessa forma, conclui-se que o sujeito, para Bakhtin, se constitui em relação ao outro, na interação com outros discursos e sujeitos. Com isso,

assim como dependem do ambiente social e histórico para existirem, a ideologia e o psiquismo constituem esse mesmo ambiente. Esse é um aspecto da dialética materialista que é uma das bases do dialogismo bakhtiniano, fundamento constitutivo não apenas dos discursos como da própria linguagem e mesmo do agir humano (SOBRAL, 2009, p.48).

Bakhtin acredita que o sujeito é um ser constitutivamente dialógico por natureza, imerso em um processo contínuo de “vir a ser”, cujo mundo interior possui caráter de incompletude e é preenchido por diversas vozes em relações de concordância ou discordância que percorrem as interações dialógicas. Então, são a partir das relações sociais que participam o indivíduo que constituem a sua própria subjetividade. Contudo, o sujeito bakhtiniano não é totalmente submisso às estruturas sociais, assim como não se trata de uma subjetividade autônoma, independente, em relação ao meio em que vive, porque o processo de compreensão de si realiza-se através da alteridade, pelas percepções dos valores de outro.

Segundo Sobral (2009), o sujeito está inserido no mundo e este, por sua vez, encontra-se “preso” a ele, pois o ato responsável do indivíduo altera o mundo onde ele está inserido e esse ser também é alterado por esse mundo. Portanto, afirmamos que o social e o individual são elementos inerentes aos próprios discursos, à própria linguagem, aos próprios atos. Isto é, o indivíduo se reflete, se constrói no outro e, a partir disso, o sujeito também se modifica, através das palavras, signos ideológicos, interações estabelecidas com outros sujeitos, opiniões e pensamentos que trazem a alteridade e constituem a identidade do ser, em sua singularidade. Vale destacar que essa interlocução entre sujeitos ocorre por meio da enunciação, do discurso. Então, a partir desse processo, a palavra surge atrelada de valores construídos no meio social e exerce a função de relacionamento entre os interlocutores. O discurso, por sua vez, é irrepitível,

pois, elaborada no âmbito da subjetividade do ser, ele nunca existiu. Ainda, o sujeito não deixa de ser ele próprio, mesmo ocupando diferentes funções diante de seus interlocutores, mas assume o papel de agente mediador inserido na sociedade e na história.

No pensamento bakhtiniano, o *eu* se constitui a partir da interação com o *outro*. Assim sendo, no *outro*, o *eu* sempre encontra um novo ponto de vista que possibilita a criação e recriação da ideia do próprio *eu*. Portanto, é nesse diálogo entre o *eu* e o *outro* que a subjetividade se constrói, uma vez que se considera os diferentes posicionamentos, discursos, experiências e percepções reveladas pelos indivíduos no processo dialógico. O *eu* vive na fronteira do horizonte da sua própria visão, cujo mundo visível se estende à sua frente. Esse *eu* visualiza, apenas, o que conseguem alcançar seus olhos na direção em que gira a sua cabeça, podendo atingir a visão completa de todo o espaço que o circunda. Mas o *eu* nunca se verá realmente rodeado por esse espaço (BAKHTIN, 2010). Vale destacar que a subjetividade do ser humano é constituída na e por meio da alteridade; todos os papéis e atos realizados pelo indivíduo no meio social são construídos pela via contínua das interações dialógicas e valorativas com outros sujeitos, pensamentos e discursos.

3.2 INTERAÇÃO VERBAL

Bakhtin e o Círculo apresentam a interação de forma dialógica, que começa no próprio discurso interior e que possui caráter incessante. (SOBRAL, 2009). Para tanto, o autor se ocupa da enunciação e da constituição do sentido no processo de interação verbal, situado em um quadro completo de inter-relações onde se entrecruzam as diferentes posições avaliativas dos sujeitos sociais, discursivos, ideológicos.

A visão de interação em Linguística, a partir de Morato (2007), expressou uma reação das posições externalistas contra o psicologismo que carregava a ciência da linguagem nos meados do século XX, isto é, não se interessam apenas pelo sistema linguístico, mas também pelo modo como se relaciona com o mundo externo, considerando sua constituição heterogênea. A enunciação é o reflexo da interação entre dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo não havendo um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2010, p.116).

Ainda segundo o autor supracitado, a palavra se dirige em função do interlocutor, portanto, o processo enunciativo implica em uma avaliação sobre o horizonte social onde ocorre o processo de interação verbal. Por sua vez, a comunicação entre os sujeitos acontece no espaço de um determinado auditório social, cujo contexto sócio cultural determina e modula a atividade

enunciativa. Bakhtin/Volochínov afirmam que a palavra sempre é procedida de alguém e se dirige para um outro alguém, como produto da inter-relação entre sujeitos que compartilham uma organização social. Eles concluem que a palavra representa uma ponte que se apoia nas extremidades do posicionamento do *eu* e do *outro*, e constitui o território comum do enunciador e de seu interlocutor.

Partindo do pressuposto de que o sujeito e a linguagem são sociais, percebe-se, no pensamento de Bakhtin/Volochínov, que tanto a tomada da consciência quanto a elaboração ideológica realizam-se por meio da *atividade mental do eu* e da *atividade mental do nós*. (SILVA; VASCONCELOS; MORAIS, 2011). Diante do exposto, Bakhtin/Volochínov se coloca em condição de afirmar que o diálogo pode ser compreendido em um sentido mais amplo, pois

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2010, p. 127).

O ato comunicativo é compreendido através da natureza dialógica da linguagem que, por sua vez, é idealizado como um espaço de interação entre os locutores. Sendo assim, o sujeito transpõe para o texto, escrito ou falado, marcas singulares de sua sociedade, assim como suas experiências, além de hipóteses sobre a possível reação, positiva ou negativa, do interlocutor perante o texto. O conceito de interação verbal é gerado através do efeito de sentido criado pela sequência verbal, situação, contexto histórico social, condições de produção e pelos papéis sociais que os interlocutores desempenham em seus contextos. Em outras palavras, segundo Bakhtin, “a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema abstrato das formas na língua nem no psiquismo individual dos falantes” (BAKHTIN, 2002, p.124).

Portanto, esse processo de interação social fundamenta-se em alguns princípios primordiais: no diálogo com o outro, que se relaciona à ideia de sujeito social, histórica e ideologicamente situado, constituído na interação verbal; na unidade das diferenças, noção de que a linguagem é heterogênea, portanto marcada pela presença do outro, onde estão presentes os papéis sociais, a posição dos interlocutores, suas imagens diante dos outros interlocutores e da sociedade e; na discursividade – simples e complexa. Assim sendo, para que possamos

conhecer de forma mais clara o pensamento bakhtiniano, devemos conhecer um mundo que encontra-se permeado por relações dialógicas, no qual o sujeito se constitui à medida que vai ao encontro do outro. Bakhtin, portanto, se posicionava da seguinte maneira: “De minha parte, em todas as coisas, ouço vozes e sua relação dialógica” (BAKHTIN, 2011, p. 413).

A palavra permite apresentar duas faces, a saber: é determinada pelo fato de se dirigir a alguém e proceder de alguém. É, através da palavra, que se constitui a denominada interação do locutor e do ouvinte e serve de expressão do *eu* em relação ao *outro*, conforme Bakhtin aponta “a palavra é o território comum do locutor e do interlocutor” (BAKHTIN, 1981, p. 113). A partir disso, resulta a abordagem histórica e viva da língua e o tratamento sociológico das enunciações, visto que o pensamento bakhtiniano está pautado na interação verbal e seu caráter dialógico. Ainda, a língua é vista como um fenômeno social, histórico e ideológico, por consequência, “a comunicação verbal não poderá jamais ser compreendida e explicada fora desse vínculo com a situação concreta”. (BAKHTIN, 1981, p. 124). Consequentemente, a língua não se transmite; ela dura e perdura sob a forma de um processo evolutivo contínuo. Os indivíduos, por sua vez, não são detentores de uma língua pronta para o uso, mas adentram na corrente da comunicação verbal e, a partir de então, é que sua consciência desperta e começa a operar.

Por conceber o homem como um ser histórico e social, compreende a linguagem sob a perspectiva da situação concreta, considerando a enunciação e o contexto. É no contato entre a língua e a realidade concreta, via enunciado, que a palavra pode expressar um juízo de valor, uma significação, uma expressividade (JUNQUEIRA, 2003, p. 25).

Logo, o significado é constituído a partir de um determinado discurso e o envolvimento dos participantes, situação imediata ou o contexto mais amplo, isto é, “a confrontação das mais diferentes refrações sociais expressas em enunciados de qualquer tipo e tamanho postos em relação” (FARACO, 2003, p. 60). Por fim, Bakhtin afirma que o ato da fala e seu produto, a enunciação, protagonistas de uma interação, seja ela real ou não. Eles “não podem ser explicados somente a partir das condições do sujeito falante, mas também não podem dele prescindir. Tendo a enunciação uma natureza social, para compreendê-la seria necessário entender que ela se dá numa interação”. (FREITAS, 2000, 134).

3.3 DIALOGISMO

Bakhtin e o Círculo formulam o conceito de dialogismo considerado como o princípio constitutivo da linguagem. Segundo eles, a linguagem, sendo em sua natureza concreta, viva, em seu uso real, tem a característica de ser dialógica. Nessa perspectiva, ao tratar da linguagem como natureza real/viva considera-se que a língua não é um sistema abstrato de formas linguísticas, mas entende-se a língua a partir desses elementos linguísticos - num contexto concreto preciso, compreender sua significação numa enunciação particular (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2009, p. 93).

O que destacamos ainda como relevante nessa teoria para a compreensão da linguagem como fenômeno humano eminentemente dialógico é o relevo que se dá aos sujeitos, aos interlocutores, pois estes, no fluxo da interação, não se tornam reféns de uma estrutura – a língua – mas apresentam uma autonomia ao utilizar-se desta para a produção de sentidos que pretendem gerar, o que Bakhtin chamará de “intuito discursivo do locutor”. Para Bakhtin, os enunciados apresentam características estruturais peculiares e fronteiras bem definidas, dentre elas a alternância do sujeito falante. Isso constitui a primeira particularidade do enunciado e significa dizer que todo enunciado dialoga com os enunciados que surgiram antes dele e com aqueles que virão como resposta a ele. A esse respeito, afirma Bakhtin (2011, p. 294)

Todo enunciado (...) comporta um começo absoluto e um fim absoluto: antes de seu início, há os enunciados dos outros, depois de seu fim, há os enunciados-respostas dos outros (ainda que seja uma compreensão responsiva ativa muda ou como um ato-resposta baseado em determinada compreensão). O locutor termina seu enunciado para passar a palavra ao outro ou para dar lugar à compreensão responsiva ativa do outro.

O que enfatizamos, portanto, é que esses sujeitos devem ser vistos sempre numa *relação* com um outro, com e para quem eles adotam uma atitude responsiva ativa e no/ para o qual eles se constituem sujeitos. Em outras palavras, valoriza o aspecto social da fala que está intimamente ligada à enunciação, sendo assim, instaura a interação. O que é importante para o locutor é que a forma linguística se torne um signo que seja adequado para se concretizar num dado contexto. Trata-se de compreender a língua, pois o sentido da palavra é determinado por sua situação contextual e ideologicamente situada.

Bakhtin defende o princípio dialógico das enunciações, o qual implica uma nova maneira de perceber os interlocutores de uma atividade comunicativa. De acordo com a teoria

bakhtiniana, o dialogismo reafirma a natureza sociocultural do enunciado. O indivíduo, ao mesmo tempo que negocia com seu interlocutor, recebe influências deste, as quais interferirão na estrutura e na organização do enunciado. Os membros do Círculo exploram a ideia de que a linguagem não é falada no vazio e, sim, em uma situação histórica e social concreta. Para Bakhtin (1998), a linguagem é, por constituição, dialógica e a língua não é ideologicamente neutra e sim complexa, pois, a partir do uso e dos traços dos discursos que nela se imprimem, instalam-se choques e contradições. Isso significa que desconsiderar a natureza dialógica, é ignorar a ligação que existe entre a linguagem e a vida, isso porque a construção da linguagem é realizada sócio histórica e ideologicamente. Bakhtin mostra que o sentido da palavra advém não apenas do fato de pertencer à língua e, portanto, admitir uma significação lexical, mas, sobretudo, do fato de dialogar com os milhares de enunciados da realidade concreta. Isso significa dizer que

Quando escolhemos uma palavra, durante o processo de elaboração de um enunciado, nem sempre a tiramos, pelo contrário, do sistema da língua, da neutralidade *lexicográfica*. Costumamos tirá-la de *outros enunciados*, e, acima de tudo, de enunciados que são aparentados ao nosso pelo gênero, isto é, pelo tema, composição e estilo: selecionamos as palavras segundo as especificidades de um gênero. (BAKHTIN, 2011, p. 311-312) (grifos do autor).

É importante destacar que nessa ideologização existe a relação dialógica da palavra que é sempre perpassada pela palavra do outro. Assim, o falante, para constituir seu discurso, considera o discurso de outrem, que está presente no seu. O discurso está sempre atravessado por discursos - alheios, pois não há nenhum discurso que não seja voltado para os discursos que o circundam.

Para Bakhtin, existe a significação da palavra, que ele chama de palavra neutra, isto é, o que permite sua utilização e seu acesso por todos os falantes da língua para que haja comunicação. No entanto, o que se destaca em suas proposições é o fato de nossas palavras apresentarem o eco de palavras do outro; isso, a nosso ver, configura-se como uma das multifaces do dialogismo. Ainda mais relevantes são as características da dinamicidade que a palavra apresenta, ou seja, ao mesmo tempo em que as palavras não são de ninguém, elas são dos outros (pois estão à disposição de todos os usuários da língua com as mais diversas expressões valorativas) e são minhas (pois eu as impregno com a minha individualidade dependendo da situação comunicativa). Enfim, é como se as palavras girassem dentro de um

grande círculo, sendo saturadas, sacudidas por seus usuários, deixando-se expressar os mais diversos sentidos. Ainda sobre essa questão, Bakhtin (2011, p. 314) diz que:

A experiência verbal individual do homem toma forma e evolui sob o efeito da interação contínua e permanente com os enunciados individuais do outro (...) Nossa fala, isto é, nossos enunciados (que incluem as obras literárias) estão repletos de palavras *dos outros*, caracterizadas, em graus variáveis, pela alteridade ou pela assimilação, caracterizadas, também em graus variáveis, por um emprego consciente e decalcado. As palavras dos outros introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, modificamos (*Grifo do autor*).

Pelo exposto, podemos perceber que a visão de linguagem de Bakhtin confunde-se com própria noção de vida, de mundo e de homem. O sujeito é concebido emaranhado numa rede de (Inter) relações, cujos enunciados são produzidos em resposta a outros enunciados. Portanto, Bakhtin postula uma das faces de sua teoria dialógica: a do dialogismo entre os enunciados. Esse aspecto do dialogismo mostra que eles não surgem do acaso, mas emanam de outros enunciados que compõem uma cadeia grande e complexa da qual cada enunciado faz parte. Bakhtin (2009, p. 89) afirma que:

Todo discurso é orientado para a resposta e ele não pode esquivar-se à influência profunda do discurso da resposta antecipada (...) Ao constituir-se na atmosfera da “já-dito”, o discurso é orientado ao mesmo tempo para o discurso-resposta que ainda não foi dito, discurso, porém, que foi solicitado a surgir e que já era esperado.

Os enunciados estão entrelaçados numa grande rede e estabelecem entre si as mais diversas relações, muitas vezes antagônicas. É por esse motivo que Bakhtin afirma que cada enunciado pressupõe necessariamente outro no processo de sua produção, circulação, recepção e assimilação. Estas formulações do pensamento bakhtiniano configuram a condição constitutivamente dialógica da linguagem e revelam a alteridade como requisito indispensável da natureza humana.

Nesse sentido, o dialogismo é, justamente, essa relação de significação que se estabelece entre dois (ou mais) enunciados. Nesses termos, quando falamos em discurso, necessariamente nos referimos às palavras, pois, toda palavra dialoga com outras palavras, constitui-se a partir de outras palavras, está rodeada de outras palavras. Desse modo, não nos referimos à palavra no sentido puramente linguístico, mas a de que o locutor faz uso da língua para a utilização de suas necessidades enunciativas concretas, pois está voltada para a enunciação.

O enunciado tem autor, pois pode reivindicar sua autoria e é sempre uma réplica que permite resposta. Sendo assim, enunciação diz respeito a um sujeito que fala e necessita do outro, mas não como sujeito passivo, e sim como ativo, numa ação colaborativa. Bakhtin (2011, p. 271) afirma que o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele, completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc. Isso quer dizer que todo enunciado é vivo e tem sua natureza responsiva, transformando, assim, o ouvinte (leitor) também em falante, pois o próprio falante não assume uma ação unicamente passiva.

O falante pressupõe a existência da língua que usa, mas também a de alguns enunciados antecedentes, quer seus, quer dos outros, isto é, enunciados já conhecidos do ouvinte. Dessa maneira, - cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados (BAKHTIN, 2011, p. 272). Podemos afirmar, então, que as noções de enunciado/enunciação têm caráter fundamental na concepção de linguagem do pensamento bakhtiniano, pois esta linguagem é concebida em relação com os aspectos históricos, culturais e sociais e, além disso, inclui os sujeitos e os discursos que estão nela envolvidos. Dessa forma, a enunciação segue uma perspectiva tecida pela dimensão discursiva implicada pela sua natureza constitutivamente interativa, social, histórica e cultural. Bakhtin, ao afirmar que o ato de fala não deve ser considerado como algo individual, no sentido estrito do termo, mas como algo de natureza social, consolida essa afirmação a partir da concepção de interação verbal, já que as unidades reais da cadeia verbal são as enunciações.

Nesse sentido, a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009, p. 112), pois a palavra dirige-se a um interlocutor numa dada situação social. Como bem lembra Sobral (2009), é a partir da interação que há a construção contínua do sentido, pois sem a interação, há um distanciamento do diálogo e, com isso, não existe sentido. Isso porque a interação é fundada no diálogo, que vai além da relação face a face e que envolve mais de um sujeito: o eu e o outro.

A língua é, para Bakhtin, constituída pelo fenômeno social da interação verbal que é realizada pela enunciação ou enunciações. A interação constitui, assim, a realidade essencial da língua. Assim, define-se, então, que o verdadeiro interesse de Bakhtin é a linguagem enquanto uso e em interação social, e a enunciação seria o momento de - consagração deste uso que envolve, além da presença do locutor e do interlocutor, o momento sócio histórico e ideológico.

O processo de interação entre sujeitos está marcado pela enunciação, pois a palavra possui duas faces: começa de alguém com destino a outro alguém. Com isso, Bakhtin e Volochínov (1926) estabelecem o princípio dialógico. Segundo Bakhtin (2010), o dialogismo

é o modo de funcionamento real da linguagem na qual todos os enunciados constituem-se a partir de outros, pois todo enunciado é dialógico. Nas palavras de Bakhtin (2010, p. 123), o diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra – diálogo num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja.

Dessa maneira, qualquer que seja o ato verbal, as relações dialógicas conferem sentidos que podem ser de divergência ou convergência, de acordo ou desacordo, de aceitação ou não, dentre outros sentidos. As relações dialógicas, a partir dos enunciados, acontecem a partir de uma voz com outras vozes sociais. O que evidencia que, sendo a sociedade dividida em grupos sociais que possuem ideias divergentes, esses enunciados assumem também relações de desacordos. Defende-se, nesses termos, a tese de que cada ser humano é social e individual, ou seja, ele faz parte de um grupo em que circulam ideologias, valores, princípios e, conseqüentemente, sua produção discursiva ou de linguagem refletirá sua relação com esse meio. Sendo assim, esse grupo no qual o ser humano está inserido determina o que ele deve ou como deve falar, pois pensa sempre no outro para se comunicar.

A concepção dialógica defende que, antes mesmo de falar, - o locutor altera, “modula” sua fala, seu modo de dizer, de acordo com a imagem presumida que cria de interlocutores típicos, ou seja, representativos do grupo a que se dirige. (SOBRAL, 2009, p. 39). Nessa perspectiva, o dialogismo diz respeito às relações entre enunciados e sujeitos socialmente organizados. Isso porque, em Bakhtin, o sujeito não é submisso à sociedade, tampouco assume uma subjetividade autônoma em relação a ela. O que acontece é que o sujeito se constitui discursivamente a partir da apreensão das vozes sociais. Conclui-se, então, que o sujeito é constitutivamente dialógico.

3.4 SIGNO IDEOLÓGICO

Para o Círculo de Bakhtin, a palavra, considerada como item de dicionário ou como unidade da língua (sistema), é tida como um sinal, enquanto que, na comunicação discursiva, na interação verbal, é um signo. Bakhtin e Volochínov, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, explicam o signo ideológico pelo viés das relações entre consciência, ideologia e linguagem. Em outras palavras, o ideológico pertence a uma realidade e remete a algo encontrado no exterior, cujo significado é constituído a partir do refletir e refratar de uma nova realidade.

Tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2010, p.31). Sendo assim, o pensamento bakhtiniano afirma que os signos remetem a uma realidade que lhes é externa, envoltos em uma amplitude heterogênea de discursos constituídos pelas diversas vozes sociais. Portanto, o signo, por sua vez, constituindo um fragmento material da realidade, a sua significação pode ser reconhecida a partir das suas diversas interpretações de acordo com as respectivas situações de produção.

[...]todo corpo físico pode ser percebido como símbolo: é o caso, por exemplo, da simbolização do princípio da inércia e de necessidade na natureza (determinismo) por um determinado objeto único. E toda imagem artístico-simbólica ocasionada por um objeto físico particular já é um produto ideológico (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2010, p.31).

Segundo Bakhtin, o valor do signo é construído mediante as relações sociais que corroboram para a sua função ideológica. Desse modo,

Se a forma linguística pode ser considerada estruturante do signo ideológico como seu corpo material, aquilo que ele “vale”, seu sentido, o modo como o real se reflete através dele é sempre determinado enquanto uma “força produtiva” que “deita suas raízes no vivido”, no meio social e histórico em que os sujeitos interagem, estruturando, ao mesmo tempo, o que denominamos de consciência (ZANDWAIS, 2010, p.109).

Assim sendo, o autor argumenta que o enunciado possui, por natureza, uma origem sócio ideológica, e, portanto, a consciência não emerge apenas do psiquismo, assim como a ideologia não se constitui somente a partir da consciência individual. Em outras palavras, o signo é compreendido a partir do momento em que é aproximado de outros já conhecidos, isto é, a compreensão é fruto da resposta de um signo por meio de outros signos, ligando-se entre si. Portanto, os pressupostos bakhtinianos defendem que o psiquismo do sujeito é constituído pelo meio social que funciona como centro organizador das formas de expressão do conteúdo ideológico verbal. Esta noção que veicula o signo à consciência individual desconstrói a ideia do sujeito idealista e refuta os princípios do objetivismo abstrato. Conforme o pensamento de Bakhtin, a natureza do signo ideológico incide na concretização da comunicação verbal; o signo, por sua vez, contempla a realidade da palavra que é percebida como elemento revelador das formas ideológicas dessa comunicação verbal.

O signo é criado por uma função ideológica precisa e permanece inseparável dela. A palavra, ao contrário, é neutra em relação a qualquer função ideológica

específica. Pode preencher qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral, religiosa (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2010, p. 37).

A palavra, segundo Bakhtin e Volochinov, possui a função de material semiótico do discurso que, por sua vez, possibilita o desenvolvimento da consciência do sujeito. Portanto, o autor assegura que a relação existente entre a consciência individual e a palavra interior é um problema inseparável da filosofia da linguagem. Ao estabelecer a relação entre signo e sociedade, Bakhtin/Volochinov intenta definir a realidade dos fenômenos ideológicos de forma diferenciada das teorias de sua época, considerando todo fenômeno como signo ideológico que funciona por meio de uma encarnação material, seja está um som, massa física, cor, movimento, ou outra materialidade (SILVA, 2011).

Logo, os processos de compreensão dos fenômenos ideológicos não acontecem de forma independente em relação ao discurso interior. Sendo assim, a palavra não substitui o signo ideológico, afinal, não são todas as formas de semiose que podem ser expressas através da palavra. Todavia, embora nenhum signo ideológico seja substituível por palavras, ele se apoia e é acompanhado por elas, como no caso do canto e de seu acompanhamento musical. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2010). Nessa perspectiva, o signo ideológico dotado de sentido nunca se separa da consciência construída no processo de comunicação verbal social, considerando que “toda refração ideológica do ser em processo de formação, seja qual for a natureza de seu material significante, é acompanhada de uma refração ideológica verbal, como fenômeno obrigatoriamente concomitante”. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2010, p.38). Portanto, na visão bakhtiniana, todos os atos de compreensão e interpretação pressupõem a presença da palavra.

Um signo é um fenômeno do mundo exterior. O próprio signo e todos os seus efeitos (todas as ações, reações e novos signos que ele gera no meio social circundante) aparecem na experiência exterior. Este é um ponto de suma importância (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2010, p.33).

Ademais, na teoria dialógica, o signo é compreendido como uma realidade da interação verbal e é ideológico, portanto, sua existência e valor, devido à natureza social, estão ligados diretamente à enunciação. Em outras palavras, é a enunciação que transforma o sinal em signo. Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, o signo é definido como “variável e flexível”, pertencente à enunciação, à “prática viva da língua”, portanto sempre carregado de “um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial”. Em relação ao sinal, processa-se uma

identificação; ao signo, uma compreensão (“descodificação”), que é sempre dialógica e responsiva. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 96-99).

para a palavra (e conseqüentemente para o homem) não existe nada mais terrível do que a *irresponsividade*”, [pois] “[...] a palavra quer ser ouvida, entendida, respondida e mais uma vez responder à resposta, e assim *ad infinitum*. Mas essa responsividade não existe no sinal, que é inerte e limitado a um isolamento que se basta a si mesmo (BAKHTIN, 2011, p. 333-334).

O signo é de natureza ideológica e, portanto, entendido como palavra viva que, por sua vez, em um enunciado concreto é pleno de valores da vida dos sujeitos, visto que “a palavra entra no enunciado não a partir do dicionário, mas a partir da vida, passando de um enunciado a outros” (MEDVIÉDEV, 2012, p. 185), justamente porque o signo possui um caráter ativo e dialógico. Seguindo este pensamento, é possível afirmar que a natureza de cada signo deriva, justamente, do processo comunicativo, mediado pela linguagem, que ocorre de forma ininterrupta entre sujeitos socialmente organizados. É dessa relação social que nasce a palavra, não como elemento linguístico abstrato, mas como um fenômeno ideológico.

3.5 VALORAÇÃO

Bakhtin (2010) afirma que todos os atos do sujeito estão sempre sendo atravessados por tons emotivo-volitivos. Para o autor, todo sujeito sempre enuncia atitudes avaliativa sobre si e sobre o outro. Pelo simples fato de agir, enquanto sujeito único e singular, este entra em relações volitivas com o mundo. A esse respeito, Bakhtin (2010) afirma que, ao separarmos abstratamente o conteúdo da experiência do seu real evento de vivência, o conteúdo se apresenta absolutamente indiferente a respeito do valor atribuído no ato experienciado. Contudo, para tornar-se realmente realizado e experienciado, o conteúdo, incorporado ao ser historicamente instituído, precisa ser atravessado por entoações emotivo-volitivas.

Para o autor, “[...] o verdadeiro pensamento que age é pensamento emotivo-volitivo, é pensamento que entoa e tal entoação penetra de maneira essencial em todos os momentos contedísticos do pensamento [...]”. (BAKHTIN, 2010, p. 87). Assim, o matiz valorativo dá o caráter do evento. O tom emotivo-volitivo que envolve o conteúdo inteiro do sentido é o mesmo que o relaciona com o existir do evento singular. Entendemos que o sistema de valoração do sujeito, em sua eventicidade singular, deve ser uma posição construída nos limites do seu existir. A ligação entre o conteúdo dos atos vivenciados e seu tom emotivo-volitivo não são de ordem causal, mas entrelaçados na trama histórica das experiências únicas do sujeito. Dessa

forma, dentre outras possíveis relações entre o conteúdo da experiência e a sua valoração, para Bakhtin (2010, p. 88),

[...] um pensamento pode ser entrelaçado na trama da minha viva consciência real emotivo-volitiva por razões completamente estranhas, que não tenham nenhuma relação necessária com o aspecto de conteúdo-sentido do pensamento dado.

Com isso, compreendemos que um tom emotivo-volitivo não se refere estritamente ao conteúdo como tal, mas na sua correlação entre o sujeito e a eventicidade do seu ato. Além disso, a projeção de valor que abarca e perpassa todo existir-evento singular não é uma reação inata ao ser ou uma reação psíquica passiva, mas uma orientação moralmente validada e responsabilmente ativa. Com isso, as projeções valorativas são movimentos de uma consciência responsabilmente consciente, que “transforma uma possibilidade na realidade de um ato realizado, de um ato de pensamento, de sentimento, de desejo, etc.” (BAKHTIN, 2010, p. 91).

Segundo Bakhtin (2010), com o tom emotivo-volitivo, todo sujeito indica exatamente o momento do seu ser ativo na experiência vivida, isto é, o sujeito age e constrói valores para esse agir no evento. Bakhtin (2010) denomina esse estágio de “caráter volitivo realizador”, à medida que o sujeito experiência seu ato e atribui-lhe um caráter valorativo-sensorial. (BAKHTIN, 2010, p. 91). Assim, o autor nos esclarece que “o momento de atuação do pensamento, do sentimento, da palavra, de uma ação, é precisamente uma disposição minha ativamente responsável – emotivo-volitiva em relação à situação na sua totalidade, no contexto de minha vida real, unitária e singular”. (BAKHTIN, 2010, p. 91-92).

Nesse sentido, Bakhtin (2010) afirma que viver significa posicionar-se em relação a valores. O conteúdo da experiência direta de sua vivência real, ao tornar-se realmente realizado e, por conseguinte, incorporado ao ser histórico do conhecimento, precisa entrar em uma ligação direta com a valoração, posto que, “somente como valor efetivo ele é por mim experimentado (pensado), isto é, somente posso pensá-lo em tom emotivo-volitivo” (BAKHTIN, 2010, p. 87). Assim, explica Bakhtin que esse conteúdo não cai, de fato, na minha cabeça por acaso, como um meteoro de outro mundo, ficando fechado e impenetrável, sem infiltrar-se no tecido único do meu vivo pensar-experimentar emotivo-volitivo como seu momento essencial. Nenhum conteúdo seria realizado, nenhum pensamento seria realmente pensado, se não se estabelecesse um vínculo essencial entre o conteúdo e o seu tom emotivo-volitivo, isto é, o seu valor realmente afirmado por aquele que pensa. “Viver uma experiência, pensar um pensamento, ou

seja, não estar, de modo algum, indiferente a ele, significa antes afirmá-lo de uma maneira emotivo-volitiva”. (BAKHTIN, 2010, p. 87).

Para o autor, o ato é sempre um ato emotivo-volitivo, pois os atos são atravessados por entoações que penetram em todos os seus momentos contedísticos. O tom emotivo-volitivo abarca todo o conteúdo do ato e o relaciona com o existir-evento singular, isto é, todo ato, em sua singularidade, é orientado por tons emotivo-volitivos. “A experiência real de um vivido possível é precisamente a sua inserção, a sua colocação em comunhão com o existir-evento singular”. (BAKHTIN, 2010, p. 87). Para Bakhtin (2010), o tom emotivo-volitivo interrompe a autossuficiência do conteúdo do ato, incorporando-o no evento singular e único. Com isso, o tom emotivo-volitivo “não é uma construção mecânica ou abstrata. Com o tom emotivo-volitivo indicamos exatamente o momento do meu ser ativo na experiência vivida, o vivenciar da experiência como minha”. Em adição à discussão do existir único e seu tom emotivo-volitivo, Bakhtin discute a relação entre valoração e ideologia. Bakhtin e Volochínov (2006, p. 45) afirmam que

todo signo ideológico é marcado pelo horizonte social de uma época e de um grupo social determinado. Os signos são determinados pelas formas de interação social; seu conteúdo é determinado tanto pelas condições sociais de interação quanto pelos índices sociais de valor. Assim, em cada etapa de desenvolvimento da sociedade, encontram-se grupos de objetos determinados que acabam recebendo valores particulares.

Cada objeto, para que receba valores, e, por conseguinte, desencadeie uma reação semiótico-ideológica, é indispensável que esteja ligado às condições socioeconômicas do referido grupo. A partir disso, podemos entender que todos os índices sociais de valor são ideologicamente construídos, mesmo que enunciado por indivíduos em seus atos singulares e únicos, pois constituem projeções de valor com pretensões ao consenso social, “e apenas em nome deste consenso é que eles se exteriorizam no material ideológico”. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2006, p. 46). Dessa forma, para o autor, todo signo ideológico possui sempre um índice social de valor. Bakhtin e Volochínov (2006) ressaltam que todos os índices sociais de valor dos signos ideológicos chegam de forma semelhante à consciência individual. Na consciência, esses índices se tornam individuais, mas a fonte de sua projeção se encontra, contrariamente, no horizonte social. Assim, para o autor, o índice de valor é de natureza interindividual, ou seja, fundado no mundo exterior, no qual os atos se orientam no participar singular e na relação com o outro.

Com isso, uma vez estabelecida a relação constitutiva entre ideologia e signo/linguagem, observamos a questão da dimensão valorativa dos enunciados e da sua materialização na entonação. Os enunciados, que materializam os discursos, apresentam sempre uma dimensão axiológica e expressam um posicionamento social. Desse modo, qualquer enunciado é, “na concepção do Círculo, sempre ideológico – para eles [membros do Círculo], não existe enunciado não-ideológico. E ideológico em dois sentidos: qualquer enunciado se dá numa esfera de uma das ideologias [...] e expressa sempre uma posição avaliativa ...”. (FARACO, 2003, p. 46-47). O que o Círculo procura esclarecer é que o enunciado é concebido não apenas como uma unidade de comunicação, mas como uma unidade de sentido axiologicamente constituída na situação interativa.

Além disso, Bakhtin (2003) explica que o enunciado, seu estilo e sua composição são determinados pelo elemento semântico objetual e por seu tom expressivo, isto é, “[...] pela relação valorativa do falante com o elemento semântico-objetual do enunciado...”. (p. 296). Assim, para o autor, todo enunciado possui uma orientação valorativa, um determinado acento apreciativo. A valoração, portanto, juntamente com as demais instâncias da situação extra verbal, possibilita a compreensão dos juízos de valor que organizam as ações de um dado grupo social. Segundo Rodrigues (2001), esse vínculo entre o enunciado e a situação social concretiza-se pela entonação.

Através dela, o discurso se orienta para fora dos seus limites verbais e entra em contato com a vida sócio ideológica. Ela se situa na fronteira da vida social e da parte verbal do enunciado, marcando a atitude valorativa [...]. Pela entonação o falante se engaja socialmente e toma posição ativa em relação a certos valores (RODRIGUES, 2001, p. 27).

Por essa razão, para Bakhtin, “um enunciado isolado e concreto sempre é dado num contexto cultural e semântico-axiológico (científico, artístico, político, etc.) ou no contexto de uma situação isolada da vida privada; apenas nesses contextos o enunciado isolado é vivo e compreensível”. (BAKHTIN, 1998, p. 46). A partir disso, podemos entender que os juízos de valor têm na entonação a sua expressão mais pura, que se situa nos limites entre o plano verbal e o extra verbal. Rodrigues (2001) explica que o fato da situação social determinar o enunciado não deve conduzir à compreensão de que os enunciados refletem passivamente a situação de interação. O enunciado conclui uma situação social, representando sua solução valorativa. Com isso, podemos entender que a entonação não apenas estabelece um vínculo entre o enunciado e seu contexto, mas situa o enunciado nos limites entre o verbal e o extra verbal. A entonação,

como expressão da atitude valorativa do sujeito é, portanto, uma propriedade constitutiva do enunciado. Assim, a entonação pode ser entendida como a materialização da avaliação social. Em conclusão, a valoração é definida como uma ligação constitutiva entre o enunciado e sua situação de interação, e também como a valoração social da própria situação, responsável pelo sentido do enunciado.

3.6 DISCURSO DE OUTREM

O discurso é a parte mais importante da ideologia, e a partir dele, a ideologia é dominante ou não, pode modificar-se ou não. Com ela, afloram-se as diferenças de pensamento e posição diante de algum fato ou tema específico, pois o discurso é social, é humano, assim como a ideologia é inerente ao discurso. No livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Bakhtin/Volochinov (1978) esclarecem que todo discurso é dialógico, onde o homem é um sujeito inexistente fora da relação com o outro, que se realiza através da linguagem. Eles asseveram que a construção do sentido se dá pela multiplicidade, pelo dialogismo e pela polifonia, elementos constitutivos do discurso citado. Ainda de acordo com os autores, todo discurso é constituído pelo discurso do outro, estando este sujeito a recriações e reinterpretações.

Nosso discurso está carregado do discurso do outro, pois falamos através da palavra alheia. Isso ocorre devido ao fato de sermos sujeitos situados tanto historicamente como ideologicamente em contextos sociais. As palavras que utilizamos não são fruto de um sistema isolado, mas sim de enunciações completas e com “determinada direção ideológica, ou seja, expressam um projeto concreto, um determinado nexos com a práxis” (PONZIO, 2008, p.101). Todo discurso concreto presente nos diferentes contextos sociais nunca é completamente novo, pois contém resquícios de outros discursos, ou seja, discursos de outrem, reorganizados de forma dialógica nas falas dos sujeitos, podendo aparecer de maneira mais explícita, marcados pelos recursos linguísticos presentes no discurso, como no discurso direto, ou de maneira implícita, como ocorre no discurso indireto e indireto livre.

Conforme afirma Ponzio (2008), a relação com a voz do outro não é unilateral, pois ela é direcionada para um terceiro interlocutor: o destinatário. Assim, no processo de interação, há, pelo menos, três participantes: eu, a pessoa a quem eu cito e a pessoa a quem eu me dirijo. Essa concepção assegura que a relação entre interlocutores é, portanto, triangular. É preciso destacar que o funcionamento do discurso citado sofre a influência dos gêneros discursivos e do contexto sócio histórico, ou seja, as formas do discurso citado não são estáticas, pois sofrem variações.

Em face da atitude responsiva ativa do outro perante o enunciador, o enunciado pressupõe sempre, conforme Bakhtin, uma apreciação valorativa.

Podemos concluir, pautados na concepção dialógica da linguagem, que a nossa fala não é unicamente nossa. Nela encontram-se inseridas múltiplas vozes. O discurso citado na abordagem do Círculo comprova a natureza heterogênea do discurso e contribui para a sua reflexão. O sujeito, formado histórico e ideologicamente, formula o seu discurso a partir do outro. Por outro lado, ao manifestar de forma ativa o seu ponto de vista acerca da palavra alheia, esse sujeito mostra-se também como construtor do seu discurso, o que lhe confere o poder de se aproximar ou de se afastar da ideia sugerida pela palavra citada. Nesse sentido, as práticas sociais as quais os sujeitos estão inseridos podem influenciar nas ideologias reveladas em seus discursos. Ao inserirem-se em outras comunidades e interagirem com outros sujeitos, outras ideologias podem ser reveladas. À medida que essas identidades entram em conflito, são questionadas e analisadas, o diálogo pode se tornar um espaço para (re) construção de identidades para todos os participantes envolvidos.

3.7 LINGUAGEM VERBO-VISUAL

Ao tratarmos do verbo-visual, da verbo-visualidade, é necessário, antes de mais nada, distinguir alguns aspectos fundamentais. De um lado, temos os estudos do visual, especialmente os ligados à arte. É disso que tratamos com a referência às obras que recuperam, diferentemente, os trabalhos do Círculo para a leitura e interpretação do visual, da cultura visual. Outra coisa é um estudo que procura explicar o verbal e o visual casados, articulados num único enunciado, o que pode acontecer na arte ou fora dela, e que tem gradações, pendendo mais para o verbal ou mais para o visual, mas organizados num único plano de expressão, numa combinatória de materialidades, numa expressão material estruturada, para utilizar palavras cunhadas por Voloshinov em *Marxismo e filosofia da linguagem*, já citadas aqui.

A dimensão verbo-visual da linguagem participa ativamente da vida em sociedade e, conseqüentemente, da constituição dos sujeitos e das identidades. Em determinados textos ou conjuntos de textos, artísticos ou não, a articulação entre os elementos verbais e visuais forma um todo indissolúvel, cuja unidade exige do analista o reconhecimento dessa particularidade. São textos em que a verbo-visualidade se apresenta como constitutiva, impossibilitando o tratamento excludente do verbal ou do visual e, em especial, das formas de junção assumidas por essas dimensões para produzir sentido. Assim sendo, a linguagem verbo-visual será aqui considerada como um enunciado concreto articulado por um projeto discursivo do qual

participam, com a mesma força e importância, o verbal e o visual. Essa unidade de sentido, esse enunciado concreto, por sua vez, será constituído a partir de determinada esfera estético-ideológica, a qual possibilita e dinamiza sua existência, interferindo diretamente em suas formas de produção, circulação e recepção.

Na esfera jornalística, por exemplo, o projeto discursivo é constitutivamente verbo-visual, ainda que se considere apenas o jornalismo impresso. Essa marca identitária pode ser constatada na abundância de desenhos, ilustrações, gráficos e infográficos, cujas presenças implicam textos verbais com os quais a dimensão visual está geneticamente articulada, e, também, na forma singular de disposição das matérias numa página, num determinado caderno. O diálogo entre diferentes textos constrói sentidos por meio das especificidades da dimensão verbo-visual. A mudança de esfera, portanto, modifica, altera ou subverte as relações implicadas nos discursos que constituem um texto ou um conjunto de textos. Esse aspecto que está sinalizado em Marxismo e filosofia da linguagem: No domínio dos signos, isto é, na esfera ideológica, existem diferenças profundas, pois este domínio é, ao mesmo tempo, o da representação, do símbolo religioso, da fórmula científica e da forma jurídica, etc. Cada campo de criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade à sua própria maneira. Cada campo dispõe de sua própria função no conjunto da vida social.

4 GÊNEROS DO DISCURSO: UM OLHAR PARA A CHARGE

[...] todos os nossos enunciados dispõem de uma forma padrão e relativamente estável de estruturação como um todo. Possuímos um rico repertório dos gêneros do discurso orais (e escritos).

Mikhail Bakhtin

Esse capítulo visa abordar teoricamente a concepção dos gêneros do discurso e alguns dos conceitos por eles convocados. Para tanto, divide-se em dois itens: 1) Os elementos constituintes do gênero 2) Histórico e características do gênero charge. Bakhtin (2011) manifesta que os gêneros do discurso são infinitos em sua diversidade, uma vez que há inúmeras atividades humanas. Esses gêneros se multiplicam e alteram, quando utilizados para atender as demandas da comunicação humana. Deduzimos, embasados nesse teórico, que os estudiosos da linguagem – ou do discurso – não devem menosprezar a heterogeneidade dos gêneros, nem tampouco a dificuldade proveniente de definir a natureza do enunciado, logo, é fundamental a realização de um estudo do enunciado pela distinção entre duas modalidades de gêneros: os *primários* (simples) e os *secundários* (complexos).

4.1 OS ELEMENTOS CONSTITUINTES DO GÊNERO: CONTEÚDO TEMÁTICO, ESTRUTURA COMPOSICIONAL E ESTILO

Segundo Fiorin (2006), o conceito de gênero bakhtiniano é marcado por unir o estável e o instável, o permanente e o mutável, considerando, simultaneamente, as propriedades fixas e contínuas das formas discursivas, e, conseqüentemente, as alterações sofridas em conformidade com as mudanças das diferentes esferas sociais como aconteceu com a cultura digital que não somente originou novos gêneros, mas também alterou outros atendendo as necessidades de comunicação virtual.

Essa relação do gênero com as esferas de ação da sociedade nos permite compreender o agir do homem por meio das marcas linguístico-discursivas presentes na materialização do discurso, e também entender as mudanças sofridas pela língua(gem) no transcorrer do tempo e do espaço porque essas formas discursivas são individuais, sociais e históricas, preservando e adaptando suas formas típicas conforme as circunstâncias, nas quais, são produzidas. Bakhtin (2011) manifesta também que os gêneros do discurso são infinitos em sua diversidade, uma vez que há inúmeras atividades humanas. Esses gêneros se multiplicam e alteram, quando utilizados para atender as demandas da comunicação humana. Deduzimos, embasados nesse teórico, que

os estudiosos da linguagem – ou do discurso – não devem menosprezar a heterogeneidade dos gêneros, nem tampouco a dificuldade proveniente de definir a natureza do enunciado, logo, é fundamental a realização de um estudo do enunciado pela distinção entre duas modalidades de gêneros: os *primários* (simples) e os *secundários* (complexos).

O referido teórico define os **gêneros primários** como as formas discursivas originadas em situações de comunicação espontâneas e imediatas a exemplo das réplicas do diálogo cotidiano, o bilhete, a carta pessoal, etc. Enquanto, os **gêneros secundários** são concebidos como as formas discursivas mais complexas e elaboradas originadas em situações de comunicação culturais como, por exemplo, pesquisas científicas, conferências, filmes, etc. Essas formas discursivas complexas possuem como característica a incorporação e a reelaboração das formas discursivas simples (BAKHTIN, 2011). Costa e Palmero (2007, p. 38) sintetizam o conceito bakhtiniano de gênero como

[...] uma forma de enunciado que dá internacionalidade, dentro de uma área específica de comunicação; revela a personalidade e o estilo do indivíduo; concebe o destinatário; conecta os significados à realidade; reproduz a estrutura social; se define em função das diferentes esferas da atividade humana e pode ser: primário ou secundário (*Tradução nossa*).

Nessa dimensão, os gêneros são formas típicas que materializam os atos enunciativos dos sujeitos dentro de uma cadeia discursiva complexa, ininterrupta e inesgotável de interlocução mediada pelas relações dialógicas entre sujeitos e entre sujeitos e textos. Portanto, todo enunciado possui como princípio maior a orientação para o “*outro*”, sendo uma atitude responsiva do enunciador para o interlocutor em uma situação de comunicação social.

Em outras palavras, Bakhtin (2011, p. 283, grifos do autor) declara que o ser humano se comunica por meio de enunciados, sendo esses compreendidos como “*formas relativamente estáveis e típicas de construção de um todo*”. Para esse estudioso, as formas (gêneros) moldam o nosso discurso de maneira padronizada, mas flexíveis, maleáveis e inovadoras, podendo se modificar de acordo com as circunstâncias de produção do enunciado. Por esse motivo, não podemos falar de formas fixas quando tratamos sobre os gêneros discursivos, mas sim de formas típicas que se adequam as esferas sociais existindo uma enorme diversidade de gêneros para atender as variadas situações de comunicação.

O gênero apresenta três aspectos, a saber: o *conteúdo temático*, a *estrutura composicional* e o *estilo* que, por sua vez, recebem influência da esfera social – família, escola, igreja, empresa, etc. – em que o sujeito e seu discurso estão inseridos. Segundo Bakhtin (2010),

os componentes do gênero apresentam, em geral, os seguintes aspectos: 1) uma intenção do locutor para a produção do enunciado; 2) um endereçado desse enunciado, e, por sua vez, um interlocutor – real ou virtual; 3) uma estrutura padrão do gênero, ou seja, uma tipificação; 4) uma esfera ideológica (e/ou esfera social) em que o enunciado é produzido (ou está inserido); 5) e o contexto, ou seja, a situação de produção do enunciado, pois o gênero resulta do processo de interação verbal entre diferentes sujeitos sociais. Na sequência, delinearemos esses componentes do gênero, considerando o pensamento bakhtiniano.

4.1.1 Conteúdo Temático: Rede de Vozes.

Na obra de Bakhtin e o Círculo, a noção de **conteúdo temático** exige que retomemos o conceito de **tema**, pois esses, às vezes, se confundem, ou ainda, se complementa. Isso porque o termo “tema” é bastante amplo e complexo, pois recebe a mais de uma conotação na teoria bakhtiniana. Por exemplo, em “*Marxismo e filosofia da linguagem*”, Bakhtin/Volochinov (2010) tratam do “tema” em oposição ao “significado”, sendo o primeiro compreendido como um sentido único pertencente ao todo de cada enunciação, e, portanto, essencial para defini-la.

Deste modo, o tema corresponde aos elementos únicos, irrepetíveis que se materializam em um evento discursivo concreto (no caso, a enunciação), produzindo efeitos de sentido segundo o contexto e as circunstâncias de produção e de recepção da palavra. Esses mesmos teóricos afirmam que o tema é: “[...] um *sistema de signos dinâmico e complexo*, que procura adaptar-se adequadamente às *condições de um dado momento da evolução*” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2010, p. 134).

Nessa visão, o tema é onde o verbal e o extra verbal se encontram para criarem os sentidos de um enunciado, tendo cada situação comunicacional um novo tema revelado, independentemente, das significações serem distantes ou não; logo, o tema é responsável pela atualização dos sentidos de uma palavra. Deduzirmos que o tema é o sentido contextual determinado pelos elementos, verbais e extra verbais, bem como pelos valores predominantes no contexto cultural. Logo, o sujeito traz em seu discurso valores morais, éticos, religiosos, etc. ligados a suas escolhas lexicais que ganham “novos” sentidos quando expressas em uma situação de comunicação verbal.

Por esse motivo, Bakhtin/Volochinov (2010, p. 134) asseveram que: “Não há tema sem significação, e vice-versa”, já que não é possível atribuímos significado a uma palavra isolada, nem tampouco um tema se constitui fora da estabilidade da forma linguística – a significação –, pois essa forma permite a recuperação do sentido anterior, como também sua reprodução

posterior em outras enunciações. Em outros termos, o tema constitui-se mediante a inserção das formas linguísticas em enunciações concretas, dessa maneira, o material linguístico obtém sentido apenas imerso em uma situação de produção e de circulação da palavra. (CEREJA, 2010).

O tema é o sentido da enunciação completa e, com isso, ele é intrínseco ao todo do evento discursivo, no qual se unem o verbal e o extra verbal, tendo, portanto, um caráter único que delimita a enunciação; logo, o tema está ligado aos acontecimentos sociais e históricos, pois toda enunciação acontece em um contexto sócio histórico singular, único e irrepetível. Por sua vez, o tema constitui-se em um processo dialógico ininterrupto, no qual não há ponto conclusivo para a palavra, visto que essa é dinâmica, vivendo em constante movimento, como os sentidos que ecoam nos enunciados. Nessa visão, o **tema** distingue-se de **assunto**, sendo, respectivamente, um aquilo de que o sujeito fala e o outro o sentido produzido na interação entre os sujeitos do discurso.

4.1.2 Estrutura Composicional

Volochinov ([1926] 1976) enuncia no ensaio “*Discurso na Vida e Discurso na Arte*”, que não existe forma de comunicação isolada de uma situação comunicativa concreta, quer dizer, a forma abstrata participa do processo de interação verbal relacionando-se com outras formas discursivas, adquirindo características que aparecem apenas por meio da conexão de um enunciado com o meio social. Logo, a interação entre discursos constitui a base de composição dos enunciados porque esses são construídos no diálogo de uma forma verbal com outra.

Nessa visão, o mesmo estudioso enfatiza a importância do contexto para a compreensão de um enunciado, e por sua vez, para a sua construção composicional, pois, segundo ele, a situação extra verbal não se justapõe ao enunciado, nem tampouco é causa dele, mas “se integra ao enunciado como parte constitutiva essencial da estrutura de sua significação”. (VOLOCHINOV, 1926, p. 05). O contexto influencia, diretamente, na composição do enunciado, pois o enunciador efetua suas escolhas lexicais, considerando uma intenção, um interlocutor e um contexto social. Volochinov (1926, p. 06) ressalta que “o enunciado pode agir apenas se sustentado em fatores constantes e estáveis da vida e em avaliações sociais substantivas e fundamentais”. Nesse caso, os julgamentos de valor, quer dizer, os acentos apreciativos assumem um papel relevante para a organização dos enunciados em estruturas formais porque dizem respeito à maneira como o locutor expõe seus pontos de vista no

enunciado, ou seja, como ele seleciona o material linguístico e organiza a forma composicional do gênero.

Esses estudiosos asseguram que o meio extra verbal e o auditório são responsáveis por moldar as formas típicas de enunciados, sendo assim a construção composicional desses enunciados responde às necessidades da vida cotidiana, e, portanto, são formas com características relativas e não reiteráveis; por conseguinte, essas se modificam conforme a situação de comunicação, na qual, os sujeitos do discurso estão envolvidos. Por causa disso, os referidos estudiosos defendem que a forma composicional não pode ser estudada dissociada do conteúdo temático e do material linguístico porque essa relação garante a mobilidade do gênero, tendo em vista que a atualização é responsável pela atribuição de novos aspectos – temáticos e estruturais – aos enunciados.

No ensaio “*Estrutura do Enunciado*”, Volochinov (1930) retoma essa discussão sobre a constituição do enunciado, e por sua vez, da forma composicional afirmando que “o conteúdo e o sentido de um enunciado não podem se realizar e se concretizar senão dentro de uma forma, sem a qual eles não existiriam” (VOLOCHINOV, 1930, p. 11); desta maneira, a forma composicional é entendida como um modo de materialização do discurso do locutor. Esse estudioso destaca ainda que a produção de um enunciado exige do locutor a delimitação existente entre a forma verbal, a situação de comunicação e o interlocutor. Logo, esse sujeito deve selecionar os elementos essenciais à organização dessa forma verbal que são: a entonação, o material linguístico e a disposição desse material no interior de um todo.

O estudioso enfatiza também que “a situação e seu respectivo auditório determinam a entonação através da qual se realizam a escolha e a ordenação das palavras, fazendo com que o enunciado ganhe sentido próprio” (VOLOCHINOV, 1930, p. 12); pois, conforme esse mesmo estudioso: “O discurso verbal é o esqueleto que só toma forma viva no processo da percepção criativa conseqüentemente, só no processo da comunicação social viva” (VOLOCHINOV, 1926, p. 11).

Enfim, a forma composicional é a maneira de organizar o texto, isto é, o modo como o sujeito dispõe suas palavras para alcançar seus propósitos com um público específico. Cada gênero discursivo possui uma composição particular, porém flexível para ser reconhecido como tal e adapta-se a certas situações de comunicação a exemplo do fórum, que pressupõe uma discussão por meio da comunicação oral sincrônica em torno de uma mesma temática entre diferentes sujeitos, e que se modificou para atender às necessidades do meio virtual através da comunicação assíncrona escrita.

4.1.3 Estilo

Ao tratar sobre a obra artística, Volochinov (1926) afirma que os componentes estilísticos são determinados pela relação entre o objeto do enunciado e o falante. Nessa visão, o estilo depende do repertório do autor/locutor do discurso. O mesmo estudioso atesta que “o segundo fator determinante do estilo na inter-relação entre herói e criador é o grau de sua proximidade recíproca” (VOLOCHINOV, 1926, p. 12), sendo essa marcada pelas formas lexicais da língua viva. Deste modo, a composição estilística do enunciado refletirá as interações constituídas pelo autor; e, conseqüentemente, a estrutura da obra trará marcas do intercâmbio desse sujeito com outros discursos.

O mesmo estudioso destaca que a inter-relação entre autor e herói (tópico temático) não se restringe a esses, uma vez que a ligação entre os participantes do discurso leva, sempre, em consideração um terceiro participante – o ouvinte – que, por sua vez, influenciará outros fatores da obra visto que é quem interpreta, e, portanto, atribui sentidos ao ato discursivo como um todo significativo. Nessa visão, o acontecimento estético, quer dizer, o ato enunciativo exige duas consciências – o **autor** e o **herói** – que se opõem. Nessa interação, tanto a avaliação que o autor faz do herói da obra artística como o grau de proximidade entre esses dois participantes do discurso não dispensa a presença de um ouvinte que, por sua vez, interfere na relação autor-herói (SOBRAL, 2009).

Para Volochinov (1926), o ouvinte possui um papel autônomo, independente da obra artística, não ocupando um lugar qualquer nela, mas, “uma posição especial, e, mais ainda, uma posição *bilateral* com respeito ao autor e com respeito ao herói – e é esta posição que tem efeito determinativo no estilo de um enunciado”. (VOLOCHINOV, 1926, p. 13). Assim, o ouvinte não somente possui um lugar próprio no intercâmbio verbal, mas indispensável para o processo interação, tornando-se fundamental para a construção composicional da obra e a construção do sentido interno do discurso.

O estudioso citado afirma também ser usual que o ouvinte não se oponha ao autor, nem tampouco coincida com o público leitor uma vez que esse último está localizado fora da obra artística. Volochinov (1926) distingue dois participantes do discurso: 1) o **sujeito ouvinte** – aquele que é parte da própria obra, visto que o autor o presume antes de escrevê-la; 2) e o **sujeito leitor** – aquele que é externo a obra artística. Desse modo, o ouvinte é o ser imaginário com quem o autor dialoga, internamente, enquanto, o leitor é o ser real, o público que interage com o discurso, sendo esse sujeito quem constrói os sentidos externos ao discurso, ou seja, os

sentidos constituídos de acordo com a época, o grupo social, no qual está inserido no momento do ato de ler.

Portanto, segundo o autor supracitado, essa preocupação do autor com o leitor confere a esse terceiro sujeito do discurso um papel relevante na construção da obra artística, mudando seu foco do interior para o exterior. Dessa maneira, acontece uma perda, ou mesmo, um distanciamento do ouvinte imanente, isto é, do sujeito intrínseco ao discurso, separando o autor da “unidade social de seu grupo” (VOLOCHINOV, 1926, p. 14) e, por sua vez, o autor passa a atender às exigências externas impostas por um público leitor particular.

Esse mesmo estudioso destaca que o autor não assimilará uma voz contrária à sua voz interior porque “o estilo do poeta é engendrado do estilo de sua fala interior, o qual não se submete a controle, e sua fala interior é ela mesma o produto de sua vida social inteira”. (VOLOCHINOV, 1926, p. 15). Por isso, o estilo do autor não é constituído por uma só voz, mas sim pela voz do autor e de seu grupo social, logo, o ouvinte – o sujeito interior – com quem o autor dialoga, sempre, participará da construção do discurso. Entendemos com isso que assumir a função de autor implica em realizar negociações com os outros participantes do discurso. Essas negociações influenciarão na organização do(s) texto(s), isto é, no modo como esse autor expressará seus pontos de vista em relação aos outros participantes da obra artística, no caso, o herói (tópico) e o ouvinte (sujeito interior); ou seja, a interação do autor com esses participantes do discurso implicará na seleção de formas linguísticas e de linguagem adequadas para atingir os objetivos com a recepção do discurso em um contexto. Em suma, todo ato enunciativo é orientado para alguém, e por sua vez, esse sujeito – real ou virtual – já está presumido no próprio enunciado.

Fundamentados nessa discussão, definimos o **leitor responsivo ativo** como o sujeito que não somente responde, mas se posiciona em relação ao discurso do outro de modo reflexivo, avaliativo, crítico. Como dito, anteriormente, o leitor responsivo no processo de interação com o outro – sujeito ou texto – constitui a si mesmo, o outro e o mundo, pois as relações dialógicas tanto da situação imediata, quanto de suas experiências de vida propiciam a ampliação de seu horizonte, tornando-o capaz de interpretar sua realidade por outros pontos de vistas considerando as suas necessidades de leitura. Porque, segundo Bakhtin (2010, p. 90), “a compreensão amadurece apenas na resposta”, por sua vez, o leitor responsivo se constitui no processo de interação com o outro, e também de compreensão desse outro. Portanto o leitor responsivo aprende com as relações dialógicas constituídas com objetos de discurso, outros sujeitos responsivos e diferentes situações de comunicação, sendo sua compreensão leitora resultante de suas vivências. Essa concepção de leitor responsivo ativo está associada à

construção de sentido do enunciado, pois o objeto pode ser interpretado por múltiplos olhares, não existindo um sentido único para o objeto analisado.

Volochinov (1926 p. 15) acrescenta que “nenhum ato consciente de algum grau de nitidez pode existir sem a fala interior, sem palavras e entoações – sem avaliações, e, conseqüentemente, todo ato consciente já é um ato social, um ato de comunicação”. Uma vez que, o ato enunciativo constitui uma orientação para um possível ouvinte, podendo ser esse o próprio grupo social, no qual o enunciador está inserido; desse modo, todo ato enunciativo carrega não só aspectos psicológicos, mas também aspectos ideológicos resultantes da interação do sujeito com seu grupo social. A entonação torna-se, em consequência disso, relevante para determinar os critérios estilísticos pelos quais o enunciado é expresso ao interlocutor, impondo a acentuação do ritmo desse enunciado no momento da enunciação (VOLOCHINOV, 1930). Nessa dimensão, as escolhas lexicais dão um determinado tom ao enunciado, e também definirão a posição dos sujeitos do discurso.

Ao tratar sobre o estilo em “*Questões de Literatura e de Estética*”, Bakhtin (2010) observa a relação entre autoria, recepção, contexto e componentes estilísticos, pois, segundo esse estudioso, o estilo é interativo porque o autor interage com um grupo social e uma forma de expressão, trazendo marcas lexicais do discurso de outrem para seu discurso construindo uma identidade linguística (SOBRAL, 2009).

Isso significa que o estilo é determinado pelas relações dialógicas que o autor constitui realiza com os valores de seu e/ou de outro grupo social e também com alguns sujeitos ou discursos, em particular, sofrendo transformações conforme essas interações do autor, bem como da época e das circunstâncias, nas quais o discurso é produzido. Enfim, o estilo se constitui como uma orientação social de cunho apreciativo, e como tal, as escolhas lexicais do autor – enunciador – representam posições axiológicas que consideram uma variedade linguística, e também julgamentos de valor propagados pelas diferentes vozes sociais e/ou grupos sociais.

Isso significa que o estilo é determinado pelas relações dialógicas que o autor realiza com os valores de seu e/ou de outro grupo social e também com alguns sujeitos ou discursos, em particular, sofrendo transformações conforme essas interações do autor, bem como da época e das circunstâncias, nas quais o discurso é produzido. É importante refletirmos aqui o papel das *palavras gramaticais* e das *palavras lexicais* para a compreensão da construção e da apropriação do estilo nos gêneros do discurso. Em “*Introdução a estilística*”, Martins (2008) explana a relevância da estilística da palavra para a construção de sentidos do texto. De acordo com essa autora, os aspectos expressivos da palavra não podem ser estudados fora do contexto

de produção dos enunciados, pois os elementos sintáticos e semânticos só ganham significado na língua viva, isto é, na língua em uso. Da mesma maneira, pensam Bakhtin e o Círculo porque o significado real da palavra não pode ser apreendido sem o componente gramatical (o sinal) e os aspectos extralinguísticos (o contexto de produção).

Primeiramente, apresentamos as **palavras gramaticais** cuja função está relacionada ao ato enunciativo para a organização do discurso, isto é, a composição do enunciado. Essa mesma autora define as **palavras lexicais** ou **lexicográficas** como vocábulos que possuem significação extralinguística, pois, referem-se a algo fora da língua, isto é, algo do mundo, do social. Essas formas discursivas são inumeráveis, pois, com o passar do tempo novas formas aparecem e outras desaparecem, ou ainda, são emprestadas a outras línguas renovando, sempre, o léxico de uma língua. Outro aspecto interessante tratado pela referida autora são as **tonalidades emotivas das palavras**. Segundo a referida autora, esse tom pode ser inerente ao significado da palavra, ou ainda, pode surgir de seu emprego em um contexto específico, sendo percebida pela entonação que, por sua vez, é demarcada por aspas, grifos, maiúsculas, tipos de expressões, etc.

4.2 HISTÓRICO DO GÊNERO CHARGE

Segundo o dicionário Aurélio, a charge é uma “representação pictórica, de caráter burlesco e caricatural, em que se satiriza um fato específico, em geral de caráter político e que é do conhecimento” (FERREIRA, 2004, p. 451). Bakhtin trata das esferas sociais, ressaltando seu importante papel na criação de gêneros. Dessa forma, é importante lembrar que a charge é um gênero discursivo da esfera jornalística, organizado por elementos verbais e não-verbais. Tendo como suporte de circulação principalmente jornais (impressos e online), embora apareça também em revistas, sites e outros meios, a charge tem por função provocar o humor, o riso, com o objetivo de atrair o leitor para uma crítica, porém de forma descontraída, mais leve que outros gêneros dentro da mesma esfera ou suporte.

Se pensarmos em termos de conteúdo, uma charge ou uma caricatura podem ser muito mais densas do que os outros textos opinativos, como uma crônica ou até mesmo um editorial. O leitor pode, inclusive, deixar de ler estes e outros gêneros opinativos convencionais, optando pela leitura da charge que, por ser um texto imagético e humorístico, atrai mais sua atenção e lhe transmite mais rapidamente um posicionamento crítico sobre personagens e fatos políticos (ROMUALDO, 2000, p. 15).

As charges são consideradas por alguns como um dos gêneros do discurso jornalístico, pois o jornal foi, e ainda é, um importante meio de circulação do gênero, que retrata atitudes e acontecimentos de certa relevância histórica, criticando-o. Muitos são os elementos que levam à comicidade em uma charge. Manipulações linguísticas, caricaturas, relações entre elementos contraditórios, tudo se mescla e dá sentido ao que o *non sense* tende a esvaziar.

Atualmente, entre os mais diversos ambientes de propagação de informações estão presentes o protesto e a crítica que são feitos ao sistema de modo geral, mas especificamente à política e aos governantes que regem esse sistema. Uma das formas de se criticar é utilizando argumentos persuasivos e passional (o riso) que possam convencer o leitor, podendo ser através da sátira e da ironia, maneira de chamar a atenção do leitor explorando o riso e sarcasmo, usados como meio para criar conexão com o leitor e convencê-lo a aderir às ideias do discurso. Na sociedade atual, o número de jornais televisivos e impressos que estão utilizando a sátira enquanto elemento crítico do discurso está crescendo abundantemente.

Neste sentido, podemos dizer que a charge é um dos meios acima descritos, pois se usa a ironia e a sátira para se produzir o riso e, através dela, busca-se criticar a atuação de sujeitos sociais, tendo como destaque os governantes políticos. Conforme Bonnafous (2003, *apud* BENITES, 2010, p. 154), para que o objetivo da charge se efetive, os chargistas utilizam o recurso da derrisão que - consiste na associação do humor e da agressão que a caracteriza e a distingue, em princípio da pura injúria. Deste modo, a sátira crítica denuncia ao mesmo tempo em que faz rir, livrando o chargista de crimes como os de calúnia e difamação à pessoa física. Diante disso, é necessário expormos como a *charge* surgiu na história e, também, qual a sua função social. O gênero *charge*, segundo Silva (2011), surgiu na França do século XIX, com a função político-social de protesto contra a não liberdade de expressão da imprensa. Esse termo *charge* é - proveniente do francês “*charger*” (carregar, exagerar). Sendo fundamentalmente uma espécie de crônica humorística, a charge tem o caráter de crítica, provocando o hilário, cujo efeito é conseguido por meio do exagero (MACÊDO; SOUSA, 2011).

Esse diálogo com outros discursos na charge, segundo Pilla e Quadros (2009, p. 02), requer um entendimento contemporâneo ao momento em que se estabelece a relação discursiva entre interlocutores, pois somente assim é possível perceber as estratégias utilizadas pelos vários atores sociais envolvidos no contexto de produção. Segundo Bakhtin (1998), os gêneros que sustentam relação com as tradições do cômico-sério ainda cultivam a essência carnavalesca. A partir de suas reflexões sobre a carnavalização e polifonia pode-se compreender e identificar o gênero charge.

É pertinente frisarmos que o significado de uma produção difere de um chargista para outro, sendo que a essência da charge é a crítica jornalística à política nacional. Intensas vezes, a leitura de um texto imagético necessita de um conhecimento mais aprofundado do leitor sobre o tema abordado, por consequência da duplicidade de sentido e dos implícitos presentes na charge a percepção de um leitor ingênuo se restringe apenas ao cômico, não atingindo o objetivo do chargista, que é a crítica por meio do humor. Desta forma, salienta-se que a charge discute questões sociais e políticas que são exploradas observando os recursos linguísticos, discursivos e gráfico-visuais.

Romualdo (2000) expõe que uma das peculiaridades da charge é a polifonia, um jogo de vozes que se atravessam. Outro aspecto importante é a representação de um mundo às avessas, marcando o real muitas vezes não observado, contudo, vivenciado por meio da inversão de valores sociais altamente em voga hoje. Tal representação satiriza esse fato oculto proporcionando ao leitor uma visão crítica da realidade. Levando em consideração o ponto da polifonia, é válido salientar que todo discurso é marcado por suas condições sócio históricas de produção, bem como pelos sujeitos que nessas condições atuam. Assim, os discursos verbo-visuais não fogem desta prerrogativa. Benites (2010) assegura que

deste modo, também para a imagem não há um sentido a priori, nem se pode pensar em um estatuto de neutralidade para os elementos visuais. Eles refletem as condições próprias de um sujeito que procura significar/interpretar a si e o mundo, a partir de um código diferente da escrita, mas igualmente sujeito a deslizes e equívocos (BENITES, 2010, p. 153).

Dessa maneira, por meio da imagem, que é de rápida leitura, a charge jornalística atrai a atenção do leitor, pois, com caráter polifônico este gênero tem o poder de conduzir diversas informações de maneira concisa, provocando, através do humor crítico, reflexões sobre a atualidade sócio-político-econômica do país. Romualdo (2000) salienta que

a charge é um tipo de texto que atrai o leitor, pois, enquanto imagem é de rápida leitura, transmitindo múltiplas informações de forma condensada. Além da facilidade de leitura, o texto chárstico diferencia-se dos demais gêneros opinativos por fazer sua crítica usando constantemente o humor (ROMUALDO, 2000, p. 05).

Em uma perspectiva bakhtiniana, cada gênero possui composição, conteúdo e estilo. Bakhtin (2011, p. 321) salienta que - cada um dos gêneros do discurso, em cada uma das áreas

da comunicação verbal, tem sua concepção padrão do destinatário que o determina como gênero. Do ponto de vista composicional, há uma relação entre o verbal e o não-verbal que são distribuídos na cor, no padrão gráfico e nas ilustrações. O conteúdo temático esperado, na maioria das vezes, é a crítica de forma bem humorada. Em se tratando de estilo, na charge, devido a uma escassez de espaço, a produção escrita é breve e a linguagem é marcada pela informalidade.

O gênero charge mistura, geralmente, de forma harmoniosa as duas linguagens – a verbal e a não-verbal –, constituindo textos sincréticos e efeitos de sentidos na oscilação entre o já-dito e o não-dito. Cada gênero possui função definida, sendo utilizados em diferentes campos discursivos, isto é, - em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo. Uma determinada função e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados tipos de enunciados (BAKHTIN, 2011, p. 266). Assim, percebe-se, em gêneros como a charge, características que agregam dois discursos simultaneamente: o político e o humorístico.

Para que se compreenda a charge, é necessário possuir um conhecimento de mundo acerca do tema abordado, ou seja, que se recupere o seu contexto de produção, considerando suas circunstâncias históricas, políticas, ideológicas e sociais, bem como as informações que estavam sendo veiculadas no período em que esse gênero foi publicado. Só assim é que o leitor compreenderá o teor da crítica que está sendo feita, bem como o humor presente.

O humor e a ironia nesse gênero, na maioria das vezes, são veiculados de maneira implícita ou sob o viés da polifonia, ou seja, através de informações sugeridas ou de manipulação de diferentes pontos de vista, que geralmente se contradizem e são, por sua vez, ironizados no interior do texto (NASCIMENTO, 2010, p. 74).

A charge, enquanto gênero, não se constitui como um discurso ofensivo, mas que discursivamente gera críticas e questiona determinada atividade, pessoa, momento. No entanto, faz com que o leitor questione valores e crenças, posicionando-se perante o que é posto pela sociedade. Isso faz refletir que é a partir da imagem do outro que o sujeito (leitor) constrói uma imagem do mundo e dele mesmo. O discurso é uma ação que transmite uma ideologia e que é a partir dessa alocação que as identidades são representadas.

Por outro lado, ao criticar a política, espera-se uma reação, uma atitude responsiva do público alvo em relação ao que é dito em uma charge ou piada sobre os/a políticos/política, seja

qual for a natureza da atitude: um pensamento, uma revolta, um discurso de oposição ou simplesmente o riso. Chegamos, então, à função social do discurso humorístico sobre a política: a crítica reflexiva. Devemos entender que o discurso político é sério e como todo discurso que envolve a seriedade, conforme afirma Bakhtin (1998), ele quer se estabilizar, se auto preservar, sendo esta a sua obstinação. O riso já é despreocupado e através da crítica causa efeitos devastadores: destrona, desarticula, desestabiliza, causa polêmica em torno de algum fato ou personagem político.

O processo de destronamento ou desqualificação é um mecanismo linguístico-discursivo ao que podemos denominar de derrisão. Esse processo consiste em uma estratégia argumentativa na qual se associam o humor e a agressividade/crítica (BARONAS; SIQUERI, 2006). Observemos que a derrisão utiliza-se de um enunciado efetivamente dito em um campo discursivo determinado, considerado o discurso original ou primeiro e a repetição desse enunciado, consideramos um outro enunciado ou o enunciado segundo, que emerge como resposta ao primeiro. O processo derrisório subverte e perverte o primeiro discurso e, ao mesmo tempo, cria uma imagem negativa do enunciator do primeiro discurso (BARONAS; SIQUERI, 2006).

O primeiro discurso quer estabilizar-se e o segundo quer desestabilizar o primeiro. Esse jogo entre o dito e o repetido gera o humor e simultaneamente a crítica, pois na necessidade de se preservar o discurso primeiro também critica o segundo, em movimentos e deslocamentos constantes. Deve-se considerar que a charge é um gênero em que as relações dialógicas estão muito presentes, um espaço por onde perpassam muitas vozes de origens diversas, e, sendo assim, o produtor do discurso às apreende para comunicar sua opinião. Assim, resta aos leitores identificar os pontos de vista abordados no gênero para que tomem uma posição responsiva, concordando ou discordando com o que está sendo posto.

O humor é um aspecto importante para a sociedade. De acordo com Brait (2008, p. 17), o discurso humorístico - possibilita o desnudamento de determinados aspectos culturais, sociais ou mesmo estéticos, encobertos pelos discursos mais sérios e, muitas vezes, bem menos críticos. Isso ocorre porque o sujeito que enuncia através de enunciados humorísticos não pode ser julgado pelo que diz. Sobre o discurso humorístico não recaem as regras forjadas durante a história e que se perpetuam e recaem sobre outros discursos. Contudo, é importante dizermos que o discurso humorístico trabalha contra tabus e ao mesmo tempo os criam, pois quando um judeu ou homossexual é alvo de uma piada, o enunciator, autor da piada, está fortalecendo um tabu constituído historicamente. Assim, em certa medida, o discurso humorístico sobre a

política reforça algumas - verdades cristalizadas e, às vezes, até banaliza este tema, com afirmações sobre os políticos corruptos, o poder corrompe as pessoas, entre outros.

Geralmente, as charges são de caráter político e a materialidade verbal e não verbal dos desenhos são representações de personagens atuantes na área da política do país. O chargista caracteriza esses personagens em conformidade com os acontecimentos do cotidiano, nos quais constrói um discurso capaz de expressar ideologias, utiliza-se de cores, formas, tempo, espaço e época, satirizam fatos específicos de conhecimento público. Assim, o chargista atinge um grande número de interlocutores que possui acesso a esse gênero discursivo (charge). As charges se expressam em uma linguagem mista (verbal e não verbal). Existem situações ou condições de produções específicas em que a charge pode causar reações negativas ou positivas pelo seu efeito de sentido ou outras como, por exemplo, partidos políticos, pois os desenhos e as representações constituem-se em discurso que denuncia a quem ou ao que se refere à charge, tendo em vista os fatos ou acontecimentos do momento. Devemos considerar para a leitura da charge os elementos de representação nos desenhos, como as expressões faciais, os elementos tipográficos, as cores, os tamanhos de letras, o contorno, o traçado etc. E, além disso, considerar as palavras e expressões que ativam informações implícitas e que direcionam o leitor para certos posicionamentos e julgamentos.

4.3 CARACTERÍSTICAS DO GÊNERO CHARGE

Uma das características fundamentais do gênero charge é a contundente crítica social. O que mais impressiona nele é o fato de ser bastante circunstancial e necessitar para sua compreensão, do manejo de informações compartilhadas e de memórias coletivas. Assim, a charge utiliza-se de um humor circunstancial que exige conhecimentos de suas condições de produção. O “pano de fundo”, o acontecimento de que se fala, os personagens caricaturados ali e como eles são caricaturados, nada deve fugir a uma análise cuidadosa. Sobre a circunstancialidade de certos textos humorísticos, Possenti (2010) diz que quando os textos humorísticos surgem em torno de acontecimentos ‘visíveis’ que os fazem proliferar, sua interpretação depende, em boa medida, de um saber bastante preciso relativo a tais acontecimentos. (POSSENTI, 2010, p. 28).

Entre as principais características desse gênero estão à caricatura, a sátira e a ironia. Além disso, ele também se caracteriza por articular o verbal e o não-verbal para constituir os efeitos de sentidos para o discurso humorístico. Normalmente, esse gênero aparece em jornal e revista, mas, usualmente, vem ganhando espaço em *sites* específicos para a sua divulgação. A

charge apropria-se de discursos que povoam a sociedade e os atualiza através da linguagem do *humor*, esse é um gênero diretamente ligado ao cotidiano social, pois aborda, de forma humorística, valores, política, problemas sociais etc. e, com isso, propaga *ideologias*, tendo, assim, uma grande aceitação popular.

Podemos dividir os elementos composicionais de uma charge em três categorias diferentes, porém indissociáveis: a categoria dos elementos plásticos, visuais; dos elementos linguísticos, verbais; e a dos elementos extratextuais. Todas dispõem de recursos expressivos próprios e a inter-relação entre essas categorias é que torna possível a comicidade no gênero charge. Podemos melhor definir as três categorias composicionais como a divisão apresentada a seguir.

4.3.1 Elementos Visuais

Nesta primeira categoria temos o reconhecimento dos sujeitos representados (e caricaturados) nos desenhos, seu cenário, seu tempo, quem fala e para quem fala, sobre que tipo de situação se fala etc. É a primeira leitura. Superficial, mas importante. Todas as vezes que um “leitor” observa uma imagem, ele entra em um complexo processo de formação de sentidos. A charge representa, de forma satírica, um acontecimento histórico, então a forma como esse acontecimento é retratado plasticamente é determinante para a interpretação do leitor. Por esse motivo, é bastante comum ver os personagens serem retratados com elementos pictóricos que lhe são comuns e aparecerem recorrentemente em suas representações, assim como alguns elementos pessoais, como a forma de falar, alguns elementos faciais (um nariz mais avantajado, uma barriga saliente) etc.

Os personagens e a ambientação devem ser reconhecidos prontamente para que isso não interfira na análise do leitor. Para isso, os cartunistas apresentam vários recursos para propiciar identificação e reconhecimento. Volochinov mostrou que aspectos que formam a parte não verbal dos enunciados fazem parte do que ele denominou *situação*. Fazem parte da situação o espaço e tempo do evento, objeto ou tema do enunciado, a posição dos interlocutores (avaliação) etc. (cf. VOLOCHINOV, 1930). Portanto, o reconhecimento desses elementos constitui uma das bases da leitura da charge.

4.3.2 Elementos Verbais

Uma charge pode não apresentar diálogos ou mesmo um título que leve o leitor ao reconhecimento dos elementos. Porém, o enunciado verbal estará sempre intrinsecamente ligado ao enunciado pictórico, pois, se as palavras não podem estar fora de um contexto que as dê sentido, não podem estar não inseridas no que Bakhtin denomina de tema. Em muitos casos são os elementos verbais que tornam a parte mais fundamental do cômico, graças a trocadilhos, a formação de palavras novas a partir de outras já existentes, às vivências entre sentido literal e metafórico etc. No entanto, as manipulações linguísticas estarão sempre ligadas ao elemento gráfico, não-verbal. O que acontece com qualquer palavra, acontece na charge: ela só adquire sentido dentro do contexto circundante, do contexto enunciativo. E esse contexto é representado pelas ilustrações e pelos enunciados linguísticos. Tentar fazer uma análise meramente linguística do gênero se torna difícil e ao mesmo tempo improfícuo, já que é de conhecimento geral que o sentido não se esgota no vocábulo. Ele está profundamente ligado à situação que o cerca, ao seu contexto extra verbal (VOLOCHINOV, 1926).

Uma característica das charges que não podemos deixar de citar é que seus enunciados verbais aparecem sempre de modo conciso, sintetizando várias ideias em frases curtas. Neste caso, a interpretação é resultado de um processo no qual um enunciado sempre deixa vestígios no outro. Isto é, um enunciado é carregado de inúmeros outros e estes deixam vestígios nele. Vários são os recursos discursivos que podem ser usados nas charges, mas quase sempre são as mesmas técnicas utilizadas em qualquer tipo de texto humorístico: diálogos entre textos e discursos (como as paródias), entrecruzamento de palavras, neologismos semânticos, ridicularização das personagens, ambiguidades, ironias, dentre inúmeros que poderíamos citar. Esta leitura em si é, em muitos casos, o que possibilita a identificação do leitor em relação ao fato mencionado na charge. Até mesmo o título se torna de fundamental importância e uma sentença simples pode ser a principal responsável pela compreensão do enunciado.

4.3.3 Elementos Extra Verbais

Quando tratamos de elementos extra verbais, não tratamos apenas de elementos que não são verbais e, sim, de tudo que está inserido no conjunto do enunciado, mesmo que não dito explicitamente nele. Esta é a leitura sem a qual o efeito de humor falha drasticamente. É a leitura na qual se espera o reconhecimento de informações partilhadas, de elementos intertextuais, de elementos históricos, de pequenos e irremediáveis feitos de políticos, celebridades e de gente

comum, de generalizações, de estereótipos, ironias etc. Se os envolvidos no processo de leitura não compartilharem essas informações, o efeito de humor cai por terra, como assegura Possenti, ao tentar explicar uma charge que para ele “é completamente incompreensível se não se fornece um conjunto de informações”. (POSSENTI, 2010, p. 145).

É uma leitura ainda mais profunda, que nos leva além dos fatos da língua, mas em direção a fatos ideológicos, históricos, sociais e culturais. Nela se mesclam todos os elementos que tentam levar ao humor (e a uma profunda crítica social) sem, no entanto, usar de artifícios óbvios e prolixos. A temporalidade nas charges também é uma questão a ser debatida. Quanto maior o tempo entre a leitura e a publicação, mais difícil se torna o processo de construção de sentido. A charge é um gênero tipicamente circunstancial cujo efeito pretendido tende a curta duração. Basta-nos ler uma charge de publicação superior a cinco anos e encontraremos dificuldades na interpretação que será, obviamente, bem diferente da leitura de uma charge atual. É a temporalidade que a difere de outros gêneros verbo-visuais que circulam no campo do humor, como os cartuns, juntamente, claro, da forte (e hoje bastante questionada) crítica social.

A charge está, intrinsecamente, ligada a fatos históricos e sempre recorre à memória social. Porém, como já dito, é uma memória “circunstancial” (se podemos chamá-la assim) porque se perde quando a leitura se distancia no tempo do acontecimento representado. Na verdade, a charge nos remete a uma memória compartilhada por um certo grupo social e essa memória social nem sempre resiste ao tempo. Todo acontecimento precisa de certa relevância histórica para poder se constituir enquanto memória. A charge é uma representação desse acontecimento já memorizado; assim, representa apenas o que tem importância na história desses grupos sociais. O acontecimento torna-se memória social, mas pode não sobreviver na consciência coletiva de um grupo por muito tempo, o que torna mais difícil a construção de sentido em uma charge cujo leitor está afastado do fato representado. “[A memória coletiva] é uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que não tem nada de artificial, pois ela só retém do passado o que dele ainda é vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que o mantém” (HABWACHS *apud* DAVALLON, 1990, p. 36).

Nem sempre esse acontecimento mantém-se vivo na consciência do grupo social a ela vinculada, até mesmo por uma lógica simples: os seres humanos são incapazes de memorizar (e tornar relevante) tudo o que veem. Porém, algumas representações tornam-se operadores de memória social, como documentos históricos, obras de arte, monumentos etc., que permanecem vivos na memória e podem ser constantemente revitalizados por meio da intertextualidade e da

interdiscursividade, porque não apenas constituem uma memória, mas fazem parte também da própria história.

4.4 CARACTERIZANDO O GÊNERO CHARGE COMO GÊNERO DISCURSIVO: FUNÇÃO SOCIAL E SEUS EFEITOS DE SENTIDO

Iniciaremos com uma abordagem teórica caracterizando as charges como gênero discursivo, como enunciado e descrevendo sua função e sua estrutura. Para refletirmos sobre gênero discursivo e enunciado, partiremos de Bakhtin (2003, p. 261), quando diz que “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem [...]. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados”. Nessa citação, fica claro que os sujeitos sociais, para estabelecer qualquer tipo de interação comunicativa entre si, utilizam-se de enunciados (orais ou escritos) que são a materialização concreta e singular do uso da linguagem.

Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo de linguagem [...] mas, acima de tudo por sua construção composicional. Todos esses três elementos [...] estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. [...] cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso* (BAKHTIN, 2003, p. 261-262).

Na concepção bakhtiniana, os gêneros discursivos são eventos comunicativos que determinam papéis e relações sociais mediadas pela linguagem. Assim, surgem conforme a necessidade e atividades socioculturais, se caracterizam como eventos textuais maleáveis e se definem sócio historicamente, refletindo a dinâmica e as características da sociedade e da cultura da qual são representativos. Ainda conforme Bakhtin (2003), a diversidade dos gêneros do discurso é infinita porque seu repertório está intimamente associado às possibilidades inesgotáveis das atividades comunicativas dos sujeitos. Assim, à medida que essas atividades se desenvolvem e se tornam complexas, os gêneros podem surgir, se transformar e alguns deles podem, até mesmo, desaparecer.

O enunciado pressupõe um processo no qual existe uma interação entre sujeitos. Nesse caso, o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva [...]; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo

de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início [...]. Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva [...]; toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante (BAKHTIN, 2003, p. 271).

Dessa forma, o interlocutor não é um ser passivo. Ao ouvir e compreender um enunciado adota uma atitude responsiva. Conforme atesta Bakhtin (2003, p. 300), “o enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva e não pode ser separado dos elos precedentes que o determinam tanto de fora quanto de dentro, gerando nele atitudes responsivas diretas e ressonâncias dialógicas”. Ou seja, ele pode concordar ou não, pode completar, discutir, ampliar, direcionar, enfim, atuar de forma ativa no processo interativo (da construção do sentido). Aliás, o locutor não deseja uma reação passiva, mas um retorno, uma vez que age no sentido de provocar uma resposta, atua sobre o outro buscando convencê-lo, influenciá-lo.

A charge, obviamente, faz parte das atividades sociocomunicativas dos sujeitos. A todo momento, estão folheando jornais, revistas, acessando a internet, assistindo TV, olhando para cartazes e/ou *outdoors* espalhados pelas ruas, enfim, cotidianamente, se deparam com charges. Ela se caracteriza um enunciado na medida em que promove uma interação entre os sujeitos; estabelece um elo entre eles, gerando uma atitude responsiva, uma vez que, de alguma maneira (com críticas, com aprovação ou reprovação, aderindo ou sendo contra), há um retorno, uma resposta por parte desses sujeitos que de maneira alguma assume uma posição passiva; ao contrário, interage, dialoga.

Aguiar (2004) considera que os conhecimentos e valores da sociedade são estabelecidos e mantidos por meio do processo de comunicação realizado pelos sujeitos nas relações sociais que, segundo Sobral (2009), constituem esses sujeitos ao mesmo tempo em que eles constituem o outro. Então, comunicar-se implica estabelecer relações entre, no mínimo, dois sujeitos que interagem entre si, fazendo uso da linguagem que, de maneira alguma, é algo estático, determinado por regras gramaticais. “Ela é um produto da vida social, a qual não é fixa nem petrificada: a linguagem encontra-se em um perpétuo devir e seu desenvolvimento segue a evolução da vida social” (VOLOCHINOV, 1930, p. 01).

A concretização da linguagem se dá na relação social de comunicação que os sujeitos mantêm uns com os outros dentro de seu grupo social. Logo, é na comunicação sócio interativa que se elaboram os enunciados – cada um correspondendo a um tipo de comunicação social. Dessa forma, só é possível compreendermos como se constrói qualquer enunciado se o considerarmos como um momento, ou seja, um enunciado acontece em um determinado local,

em um tempo determinado, é produzido por um sujeito histórico e recebido por outro. Cada enunciado é único e irrepetível. A mesma frase, exatamente a mesma, produzida em situações sociais diferentes, ainda que pelo mesmo enunciador, não constitui um mesmo enunciado nem pode constituir. A materialização dos enunciados se dá na forma verbal e/ou na forma não-verbal. A linguagem verbal refere-se às modalidades oral e escrita da língua (tem por unidade o verbo, ou seja, a palavra). A linguagem não-verbal refere-se às “imagens sensoriais” (cor, som, gestos, etc.) Desse modo,

[...] percebemos que, na verdade, estamos diante de duas linguagens. Uma é objetiva, definidora, cerebral, lógica e analítica, voltada para a razão, a ciência, a interpretação e a explicação. A outra [...] é a linguagem das imagens, das metáforas, dos símbolos, expressa sempre em totalidades que não se decompõem analiticamente. No primeiro caso, estão as palavras escritas ou faladas; no segundo, os gestos, a música, as cores, as formas que se dão de modo global (AGUIAR, 2004, p. 28).

Sabendo disso, observamos que muitos enunciados são constituídos tanto da linguagem verbal quanto da não-verbal (visual). Nesse caso, a articulação entre esses elementos (verbais e visuais) forma um todo indissolúvel, impossibilitando a exclusão de um ou de outro. Caso contrário, poderia haver interferência nos efeitos de sentido pretendidos pelo sujeito na comunicação social, uma vez que essa junção assumida nos enunciados foi conscientemente empregada para produzir determinado sentido.

A charge é um gênero discursivo em que há a preocupação com a eficácia junto ao interlocutor e para isso dispõe tanto do verbal quanto do não-verbal. Muitas vezes, faz uso de uma linguagem com capacidade de sugerir e persuadir o sujeito mediante processos e recursos de efeito como aspectos ortográfico (jogos com a grafia em que se visam efeitos expressivos), morfológicos (jogos com palavras complexas, prefixação, sufixação), semântico (palavras polissêmicas, homônimas, dentre outras), aspectos contextuais, linguagem figurada (metáforas, comparações, personificação, dentre outras); esses recursos são constituídos a partir de determinada esfera estético-ideológica, a qual possibilita e dinamiza sua existência, interferindo diretamente em suas formas de produção, circulação e recepção.

A compreensão do conceito de gênero discursivo torna o estudo, a leitura e produção da linguagem mais significativa, considerando-a como manifestação viva das relações culturais. Podemos ainda dizer que cada gênero e cada autor possuem um estilo e esse estilo pode ser reconhecido nas produções discursivas. Bakhtin discute sobre estilo a partir de uma abordagem discursiva. Nessa perspectiva, o estilo reflete uma visão de mundo, uma ideologia que perpassa

o sujeito sem descartar seu estilo individual. “Todo estilo está indissolúvelmente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciados, ou seja, aos gêneros do discurso”. (BAKHTIN, 2003, p. 265). Então, o estilo é inerente e parte indissociável do enunciado.

É também importante ressaltarmos, retomando Volochinov (1930), que há elementos que organizam a forma do enunciado. Esses elementos (a entonação, a escolha lexical e a disposição do léxico) servem à construção dos enunciados socialmente orientados. A entonação é responsável pela significação global do enunciado, isto é, a mesma palavra ou expressão apresenta diferentes significações conforme a entonação que é determinada pela situação e seu respectivo auditório (interlocutores). Assim, ela desempenha uma função de guia no interior das relações sociais que se estabelecem entre o locutor e o interlocutor.

Igualmente relevante é abordarmos o conceito de ‘escala avaliativa’ apresentada por Bakhtin/Volochinov (1976) no texto “Discurso na Vida e Discurso na Arte”, quando ele aborda os fatores que são determinantes para a forma do conteúdo. Essa avaliação não é uma avaliação ideológica que está incorporada no conteúdo, nos julgamentos ou nas conclusões, mas aquela avaliação pela qual o material é visto e disposto, ou seja, o autor, antes de criar seu texto, faz uma avaliação que influenciará suas escolhas verbos-visuais.

Conforme Volochinov (1930), a situação e o auditório determinam a orientação social do enunciado e o sujeito da interação; a orientação social, por sua vez, determina a entonação que depende do sujeito da interação e encontra sua expressão tanto na relação do locutor com a situação dada e com o ouvinte, como na avaliação que o locutor faz destes dois últimos termos. Assim, ao criar uma propaganda, o enunciador dispõe de recursos verbais e não verbais e faz a sua entonação e escala avaliativa, considerando o contexto e as representações sociais de seu público alvo; dialoga com o interlocutor, propondo a ele uma atitude responsiva ativa.

A charge como gênero discursivo desempenha uma função no processo sócio interativo entre os sujeitos do discurso. Fica evidente que o contexto social, cultural e histórico dos sujeitos é decisivo para que esse gênero possa surgir. Consequentemente, a posição do sujeito que se deseja atingir, assim como as reações pretendidas, devem estar bem definidas. Afinal, o surgimento dos gêneros discursivos está intimamente ligado às necessidades sociocomunicativas dos sujeitos, as suas diversas atividades comunicativas dentro da sociedade.

O *dialogismo*, sem dúvida, é a questão norteadora da obra do teórico russo Mikhail Bakhtin, visto que, para ele, essa é uma característica constitutiva da linguagem. Desse modo, a linguagem deve ser estudada enquanto lugar no qual se travam as interações verbais, sendo elas o modo de ser social dos indivíduos. Ou seja, a interação verbal é o lugar da produção de linguagem e da constituição do sujeito social, logo, a linguagem é dialógica, porque o outro é

imprescindível para a construção do eu e vice-versa. Essa interação entre os interlocutores, segundo Bakhtin/Volochinov (1999), é o princípio fundador da linguagem e também esses interlocutores se constituem pela linguagem. Diante disso, a relação dialógica acontece no momento da interação verbal, entre o eu e o outro, presentes no discurso, podemos dizer, assim, que o sentido do discurso depende desse diálogo entre os interlocutores. O sujeito locutor ao enunciar um discurso traz explícita ou implicitamente em sua fala a voz, o discurso de um outro locutor para constituir sentidos para o seu próprio discurso. Isso significa que todo o discurso do eu define sua identidade em relação ao discurso do outro, logo, a natureza de qualquer discurso é heterogênea.

Comentando os estudos de Bakhtin sobre esse conceito, Brait (1999, p. 79), ratifica dizendo que “o dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos, instaurados historicamente pelos sujeitos que, por sua vez, instauram-se e são instaurados por esses discursos”. A partir dessas considerações, fica evidente a ideia de que nenhum sujeito falante é a origem do discurso, da linguagem, da mesma forma nenhum agente humano é a fonte de seus atos, mesmo que seja o centro e por eles tenha de se responsabilizar. Portanto, quando os sujeitos produzem seus enunciados/discursos, eles refletem e refratam vozes que os construíram a partir da interação dentro dessas relações sociais.

Nessa perspectiva, tanto locutor como interlocutor têm a mesma importância nesse processo porque toda enunciação é uma resposta a enunciações já ditas (passadas) e a possíveis enunciações futuras e ao mesmo tempo são interpelações que o sujeito falante faz considerando o outro – não como passivo, mas parceiro, colaborador. Dessa forma, a linguagem, para Bakhtin, é um produto da vida social e está continuamente em desenvolvimento conforme a evolução da sociedade. É bom ressaltarmos também que só há enunciado (produto da enunciação) se houver enunciação (processo de produção de enunciados) e vice-versa.

Assim, a base e fundamento do sentido é a relação entre sujeitos de lugares e épocas dos quais fazem parte, entre sujeitos que estão inseridos e vinculados num contexto social, cultural e histórico. Esses sujeitos produzem enunciados, logo, a enunciação não ocorre em um plano abstrato, mas no ambiente da vida concreta desses sujeitos. Caso não seja considerado esse vínculo do sujeito, o sentido não se constitui, é resposta à coisa alguma. Sobre isso, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Bakhtin/ Volochinov ressaltam dessa interação entre os indivíduos socialmente organizados e da base do sentido quando diz que

A palavra dirige-se a um interlocutor: ela é função da pessoa desse interlocutor [...] Não pode haver interlocutor abstrato; não teríamos linguagem

comum com tal interlocutor [...] na realidade é claro que vemos ‘a cidade e o mundo’ através do prisma do meio social concreto que nos engloba (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1999, p. 112).

Dessa forma, cada indivíduo tem um auditório social estabelecido, ou seja, para a produção do enunciado, o locutor considera o outro (interlocutor) para que possa ocorrer a interação, para que o sentido possa acontecer. A palavra é a ponte entre esses interlocutores. Na realidade, toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige a alguém. Ela constitui justamente *o produto da interação do locutor e do ouvinte*. [...] Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em relação à coletividade. [...] A palavra é o território comum entre o locutor e o interlocutor. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1999 p.113).

A partir dessas proposições, podemos dizer que o uso das palavras pelos sujeitos do processo comunicativo na enunciação concreta é inteiramente determinado pelas relações sociais, pelos lugares e épocas dos quais fazem parte esse sujeito. Para finalizar, Bakhtin compreende que a interação entre os sujeitos nas relações sociais está condicionada pela situação pessoal, social e histórica desses sujeitos e pelas condições materiais e institucionais em que ocorre a interação verbal. Para decodificar a mensagem contida neste tipo de texto, deve-se levar em conta o contexto sócio-político em que ela foi produzida. A charge faz menção aos fatos e acontecimentos no momento em que está acontecendo, daí sua efemeridade. É importante destacar que a charge, além do seu caráter humorístico, e, embora pareça ser um texto ingênuo e desprezioso, constitui uma ferramenta de conscientização, pois ao mesmo tempo em que diverte, informa, denuncia e critica, constitui-se um recurso discursivo e ideológico.

5 ANÁLISE DOS DADOS

A palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios.

Mikhail Bakhtin

Esse capítulo tem como objetivo abordar a análise dos dados da pesquisa. Para tanto, nesta dissertação, analisaremos charges que tematizam o evento *Transposição do Rio São Francisco*, a partir de três categorias, a saber: valoração, discurso de outrem e relações dialógicas. Como critério metodológico, agrupamos as charges de maneira que pudéssemos discutir a respeito de cada uma em função dos fatos sociais contextuais que mobilizaram a produção de tais charges naquele momento. Portanto, o capítulo analítico divide-se em dois itens: 1) Divisão Cronológica (2012 e 2015) e 2) Temáticas (aprovação ou negação do projeto e questionamento do posicionamento político).

5.1 ASPECTOS VALORATIVOS NO GÊNERO CHARGE

Segundo o site *A Publica*, *A Transposição do Rio São Francisco* é um projeto de deslocamento de parte das águas do Rio São Francisco, no Brasil, nomeado pelo governo brasileiro como "Projeto de Integração do Rio São Francisco com Bacias Hidrográficas do Nordeste Setentrional". O projeto é um empreendimento do Governo Federal, sob responsabilidade do Ministério da Integração Nacional – MIN. A obra prevê a construção de mais de 700 quilômetros de canais de concreto em dois grandes eixos (norte e leste) ao longo do território de quatro Estados (Pernambuco, Paraíba, Ceará e Rio Grande do Norte) para o desvio das águas do rio. Ao longo do caminho, o projeto prevê a construção de nove estações de bombeamento de água. Mais tarde aventou a possibilidade do chamado eixo sul, abrangendo a Bahia e Sergipe e eixo oeste, no Piauí.

Orçado atualmente em R\$ 8,2 bilhões, o projeto, teoricamente, irrigará a região Nordeste e semiárida do Brasil. O principal argumento da polêmica dá-se sobretudo pela destinação do uso da água: os críticos do projeto alegam que a água será retirada de regiões onde a demanda por água para uso humano e dessedentação animal é maior que a demanda na região de destino e que a finalidade última da transposição é disponibilizar água para a agroindústria e a carcinicultura — contudo, apesar da controvérsia, tais finalidades são

elencadas como positivas no Relatório de Impacto Ambiental (RIMA) em razão da consequente geração de emprego e renda. Iniciada em 2007, a conclusão da transposição estava originalmente planejada para 2012, mas atrasos mudaram a data prevista para 2017.

A ideia de transposição das águas remonta ao ano de 1847, ou seja, no tempo do Império Brasileiro de Dom Pedro II, já sendo vista, por alguns intelectuais de então, como a única solução para a seca do Nordeste. Naquela época, não foi iniciado o projeto por falta de recursos da engenharia. Ao longo do século XX, a transposição do São Francisco continuou a ser vista como uma solução para o aumentar as disponibilidades em água no Nordeste Setentrional. A discussão foi retomada em 1943 pelo Presidente Getúlio Vargas. O primeiro projeto consistente surgiu no governo João Batista de Oliveira Figueiredo, quando Mário Andreazza era Ministro do Interior, após uma das mais longas estiagens da História (1979-1983) e foi elaborado pelo extinto Departamento Nacional de Obras e Saneamento (DNOS).

Em agosto de 1994, o presidente Itamar Franco enviou um Decreto ao Senado, declarando ser de interesse da União estudos sobre o potencial hídrico das bacias das regiões semiáridas dos estados do Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba. Convidou o então Deputado Federal pelo Rio Grande do Norte, Aluizio Alves, para ser Ministro da Integração Regional e levar adiante a execução do projeto. Fernando Henrique Cardoso, ao assumir o governo, assinou o documento "Compromisso pela Vida do São Francisco", propondo a revitalização do rio e a construção dos canais de transposição: o Eixo Norte, o Eixo Leste, Sertão e Remanso. Previa ainda a transposição do Rio Tocantins para o Rio São Francisco, grande projeto da época do Ministro Andreazza.

Tais projetos não foram adiante no Governo FHC, mas durante seu governo foram criados o Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco (CBHSF) e o Projeto de Conservação e Revitalização da Bacia Hidrográfica do São Francisco-PCRBHSF, ambos através do Decreto de 5 de junho de 2001. Estes órgãos foram criados no marco do novo modelo de gestão dos recursos hídricos, expresso pela Lei das Águas. Os Comitês das Bacias, compostos por representantes dos estados e municípios cujos territórios contenham parte da bacia, dos usuários das águas e entidades civis de recursos hídricos que atuem na bacia, representam uma forma descentralizada e participativa da gestão dos recursos hídricos. Durante o primeiro mandato do Presidente Lula, o governo federal contratou as empresas Ecology and Environment do Brasil, Agrar Consultoria e Estudos Técnicos e JP Meio Ambiente para reformularem e continuarem os estudos ambientais para fins de licenciamento do projeto pelo IBAMA.

Estas empresas foram responsáveis pelos Estudos de Impacto Ambiental e pelo Relatório de Impacto Ambiental, apresentados em julho de 2004, que contêm a versão atual do projeto, agora intitulado Projeto de Integração do Rio São Francisco com as Bacias Hidrográficas do Nordeste Setentrional. Estabeleceu-se assim um conflito de competências e interpretações da lei que vem sendo alvo de disputas judiciais ainda em curso, o que atrasou o início das obras. Em julho de 2007, o Exército Brasileiro iniciou as obras do Eixo Leste. O Consórcio Águas do São Francisco, composto pelas empresas Carioca, S.A. Paulista e Serveng serão responsáveis pelas obras do Lote 1 do Eixo Norte e a Camargo Correia executará as obras do Lote 9 do Eixo Norte.

Os trechos sob a responsabilidade do Exército eram os únicos prontos em dezembro de 2013, um ano depois da data de compleição estimada no início do projeto, em 2007. Quatro cidades - Salgueiro e Cabrobó, em Pernambuco, Jati, no Ceará, e São José de Piranhas, na Paraíba - trabalhavam 24 horas em seus canais, mas no geral o ritmo era lento, e alguns municípios ainda contratavam operários para as obras. Alguns dos canais concluídos apresentam rachaduras e outros problemas de conservação, e deverão ser refeitos. Entretanto, o prazo para entrega da obra era previsto para o ano de 2015.

De acordo com *WSCOM*, o projeto prevê a captação de apenas 1,4% da vazão de 1 850 m³/s do São Francisco, dividida em dois eixos de transposição: **Eixo Norte:** Constitui-se em um percurso de aproximadamente 400 km, com ponto de captação de águas próximo à cidade de Cabrobó, Pernambuco; **Eixo Leste:** As águas deste eixo percorrerão a distância de 220 km, a partir da barragem de Itaparica, no município de Floresta (Pernambuco), alcançarão o rio Paraíba, na Paraíba, e deverão atingir os reservatórios existentes nas bacias receptoras: Poço da Cruz, em Pernambuco, e Epitácio Pessoa (Boqueirão), na Paraíba; **Eixo Sul:** A extensão estimada é de cerca de 400 quilômetros, construindo um canal que levará a água do São Francisco (a partir de Juazeiro, Bahia) para a Barragem de São José, no município de São José do Jacuípe (Bahia) com a perenização dos rios Vaza-Barris e Itapicuru e **Eixo Oeste:** Neste eixo, deverá ser composto por mais de um canal. Além do São Francisco, existe a possibilidade de retirar água do aquífero do vale do Gurgueia.

Fazer a transposição e manter a estrutura funcionando têm custos altos. Isso encarecerá a água para o consumidor. O custo final da água será R\$ 0,013 por 1000 litros (m³). Entretanto, como os reservatórios poderão trabalhar com menores volumes, serão reduzidas as perdas por evaporação e haverá um ganho de água antes perdida para o Sol. Esse ganho de água, estimado em 24 000 litros por segundo, foi denominado de sinergia hídrica e barateará o custo médio da água transposta. O rio São Francisco é responsável por boa parte da geração de energia do país

e é bastante navegável, o que propicia eficiência no transporte de cargas. O São Francisco possui uma grande importância econômica na região por onde passa, pois é usado para irrigação de plantações e pesca. A sua importância social é o fornecimento de água e de alimento (peixes) para a população.

Conforme vimos no item 4.3 – Características do gênero charge –, cada gênero possui função definida, sendo utilizado em diferentes campos discursivos, isto é, usado - em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo. Uma determinada função e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados tipos de enunciados. (BAKHTIN, 2011, p. 266). Assim, percebe-se, em gêneros como a charge, características que agregam dois discursos simultaneamente: o político e o humorístico. As representações postadas nas charges trazem consigo uma gama de informações, pois, a partir das ilustrações, o leitor infere, logo de imediato, qual o assunto abordado pela charge. Vejamos a Figura 01.

Figura 01: Charge de Amarildo



FONTE:<https://amarildocharge.wordpress.com/2009/10/16/transposicao-do-sao-francisco/>.

Amarildo Lima, 51 anos, é Capixaba e trabalha há 30 anos no Jornal *A Gazeta do Espírito Santo* - MG como chargista e editor de ilustração. Ele é o autor da Figura 01 e divulga essa charge com o propósito de atingir a grande população, visto que a mesma é publicada em um meio de comunicação social ainda bastante acessado pela população, o que demonstra a qual público-alvo o autor pretende alcançar: público este que encontra nos jornais o fácil acesso para atualizarem-se a respeito dos fatos cotidianos e são através das charges que a sociedade encontra uma forma simples e prática de entender claramente as críticas sociais.

Publicada no blog do próprio chargista Amarildo, em 16 de outubro de 2009, a charge aqui analisada é o termômetro do debate, do escândalo e da disputa de poder e visibilidade do

processo de *Transposição do Rio São Francisco*. Neste momento, o país atravessa um turbilhão de denúncias referente aos governantes e aliados que estão no comando deste evento de grande porte para a sociedade. Amarildo aproveita essas denúncias proferidas pela mídia e, até mesmo, pela própria população, para aliar a ironia e crítica, para definir o efeito de sentido de sua charge. Conforme relata Charaudeau (2005, p. 287), “os políticos sempre tiveram necessidade de visibilidade (devem ter acesso à cena pública), de imagem (devem seduzir) e de legibilidade de seu projeto político (devem ser compreendidos)”. O autor destaca, ainda, que desde a época dos antigos retóricos, que podem ser apontados como os primeiros orientadores em comunicação da Antiguidade, eram enfatizadas questões relacionadas ao comportamento e postura diante do público.

Assim, quando um político articula um discurso, assume uma posição ideológica, coloca-se histórico-socialmente perante o seu público, este assume um conjunto de crenças e valores, que não poderá contradizer. Daí é que saberemos se a construção de sua imagem é coerente aos seus atos. O chargista, por meio de um texto bastante estimulante, na Figura 01, deixa entrever o diálogo com essas valorações sociais, utilizando elementos que enquadram o político brasileiro nesse contexto - comum de ser enganado pela corrupção. Trata-se de uma crítica, que articula muito bem entre a linguagem verbal e não-verbal, uma vez que o gênero discursivo charge articula muito bem as duas linguagens citadas, sendo, portanto, o sentido construído nas oscilações entre o dito e o não-dito.

No elemento verbal, conhecemos os protagonistas, os brasileiros (eleitores) e a político (governante/detentor do poder), com pensamentos divergentes – ele, proferindo palavras de promessas vãs, ou seja, utiliza-se de uma metáfora “essas palavras terem virado água”; e a população, com o pensamento já desmotivado em quando ganhariam a transposição. Mas é apenas na relação do verbal com o contexto extra verbal que esses elementos ganham sentidos. Percebemos na relação dialógica a descrença do brasileiro quanto à conclusão do evento *Transposição do Rio São Francisco*, bem como ironizou através dos personagens e seus aspectos, uma vez que os brasileiros encontram-se entristecidos, cabisbaixos, inferiores à situação e, inclusive, de pés descalços, o que caracteriza bem a situação atual da população carente/sofredora brasileira; enquanto a figura do político transparece conforto, autoridade e segurança, através do dedo indicador da mão direita levantada, assim como o nariz arrebitado, consequentemente elevando a cabeça e impondo superioridade diante dos que estão abaixo, os brasileiros. Portanto, a charge apresenta uma espécie de combinação entre o humor e a ironia, que juntos dão sentidos ao enunciado, como ressalta Nascimento,

o humor e a ironia nesse gênero veiculam de maneira implícita ou sob viés da polifonia, ou seja, através de informações sugeridas ou de manipulações diferentes pontos de vista que geralmente se contradizem e são, por sua vez, ironizadas no interior do texto (NASCIMENTO, 2010, p. 74).

A ironia presente na Figura 01 encontra-se no momento em que o político profere promessas de elucidar o problema da transposição para a população, visando adquirir o maior número de eleitores/aliados. E o humor está presente na relação dialógica da presença das gotículas de água serem relacionadas à própria água da transposição, isto é, as promessas estão sendo transformadas em água e, posteriormente, não precisará mais acontecer a transposição, pois as próprias palavras as transformaram. Destacamos ainda a presença dos guarda-chuvas na mão dos brasileiros, o que concorda para a ideia dialógica de que o soar das palavras do político faz menção a gotículas de água, isto é, chuva que está chegando e, com isso, não se faria necessário mais uma transposição.

A leitura crítica da charge sugere a possíveis leitores da mesma um alerta e concorda para os pensamentos dos protagonistas, pois ambos compartilham desse espaço e desse tipo de situação. Segundo Bakhtin/Volochínov (2009), falantes de um mesmo grupo social, ou que pertencem ao mesmo período de tempo, através de condições reais de vida, geram uma comunidade de julgamento de valor, a exemplo das críticas ao evento *Transposição do Rio São Francisco*. Assim, a situação extra verbal torna-se parte constitutiva da estrutura e da sua significação (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009, p. 05). Percebemos nessa charge a entonação de concordância com as vozes que vinculam o evento da transposição a uma grande importância social, do ponto de vista do brasileiro. Assim, entendemos que a fim de enfatizar a atenção do povo aos escândalos do atraso na conclusão do projeto, a mídia (representada pela figura do jornal) traz a figura do governante e seus interesses políticos como principal pauta de assuntos a serem noticiados.

No diálogo da charge encontramos construções de sentidos que levam a necessidade de criticarmos a presença do evento *Transposição do Rio São Francisco* como uma função, unicamente, eleitoreira, revelando seu eco de comunicação, como forma de apresentar uma visão crítica dos acontecimentos vigentes, mostrando em seus enunciados certas posições ideológicas. Toda enunciação linguística possui um tema ou sentido. Esse tema da enunciação “é determinado não só pelas formas linguísticas que entram na composição (as palavras, as formas morfológicas ou sintáticas, os sons, as entoações), mas igualmente pelos elementos não verbais da situação” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 133). Em outras palavras, o sentido de uma enunciação não se resume aos elementos puramente linguísticos (significação), pois envolve

também elementos contextuais, constituintes da arquitetura da enunciação. Sendo assim, a significação, em *Marxismo e filosofia da linguagem*, pode ser entendida como:

uma espécie de *sensus latens*, um sentido latente, como uma semente de sentido que, estando adormecida, só germinará no ambiente propício da enunciação, do ato, da interação; caso contrário continuará quieta, guardada, armazenada nas suas potencialidades de um livro ou de uma inscrição, por exemplo, à espera do momento favorável (entenda-se aqui momento de enunciação) à sua germinação na forma de sentido real, concreto e vivo: um *sensus factus* (LEITE; EDMUNDSON, 2011, p. 108-109).

Assim, a significação (que possui as unidades da língua: a palavra dicionarizada ou a oração) é considerada o estágio inferior da capacidade de significar, enquanto que o tema (o sentido ou significação contextual) corresponde ao estágio superior da capacidade de significar (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 136). Na figura 01, o chargista projeta em seu discurso as vozes que representariam a opinião pública a respeito da entrega do projeto da transposição. Tais vozes fazem reverberar sentidos de descrédito do povo nas ações tomadas pelos políticos. Ocorre nesse discurso uma crítica contundente ao sistema político brasileiro e um desacordo que podem ser percebidos no dito, por meio das expressões linguísticas e pela pontuação: “*Se continuar assim, nem vai precisar fazer a transposição do rio*”.

A palavra, assim, surge impregnada por posicionamentos valorativos e por sua entoação expressiva. Todos os fenômenos que nos rodeiam têm um julgamento de valor. É essa dimensão valorativa que organiza o enunciado e a sua entoação. Assim, quem escreve seleciona palavras do contexto da vida, por sua vez, elas vêm impregnadas de julgamentos de valor. “Quando uma pessoa entoa e gesticula, ela assume uma posição social ativa com respeito a certos valores específicos e esta posição é condicionada pelas próprias bases de sua existência social” (VOLOSHINOV, 2009, p. 137).

Já na materialidade linguística do político, “*Blá, blá, blá, blá, blá, blá, blá!...*”, as reticências parecem demonstrar uma continuidade, no sentido de alertar para outras promessas em que os políticos continuam fazendo e/ou para promover uma reflexão sobre o contexto de corrupção circundante. Nesse sentido, a entoação do locutor – o chargista – fica evidente pela concordância com as vozes que propagam o descrédito nos políticos, a falsidade de suas ações e encaminha seu discurso para uma acentuação de valor negativa sobre a política brasileira. Em relação dialógica a esses aspectos temos ainda marcas entonativas como o ponto de exclamação que faz surgir a ideia de “não há esperança, eles sempre escapam das penalidades, isto é comum”.

Aqui a repulsa do povo – ilustrada pela relação dialógica entre os interlocutores - denota que o povo já não acredita mais nas boas intenções dos políticos. É essa entoação, essa avaliação comum da situação, que dá o tom de crítica à charge, causando também efeitos de humor. A entoação, nessa perspectiva, “estabelece um elo firme entre o discurso verbal e o contexto extra verbal” (VOLOCHINOV, 1926, p. 06). O “palanque” montado à frente dos “eleitores”, por sua vez, possui toda uma simbologia na área política, que faz alusão ao poder soberano do político perante a sociedade, isto é, que a autoridade precisa estar acima da população, assim como em uma zona de conforto, na charge destacada pela cobertura do “palanque”. Diferentemente, observamos uma população carente bem abaixo do poder político, apenas ouvindo as promessas, sem nenhum conforto e pouca proteção à possível chuva que está caindo sob eles. Além disso, percebemos vozes sociais valorativas a respeito dos políticos envolvidos no projeto. Na feição da população que desacredita na conclusão do projeto, percebemos a mobilização da palavra “se continuar assim” para se referir às inúmeras promessas e não realizações das mesmas. Para Bakhtin e Volochínov (2009, p. 137),

toda palavra usada na fala real possui não apenas tema e significação no sentido objetivo, de conteúdo, desses termos, mas também um acento de valor ou apreciativo, isto é, quando um conteúdo objetivo é expresso (dito ou escrito) pela fala viva, ele é sempre acompanhado por um acento apreciativo determinado. Sem acento apreciativo, não há palavra. As palavras, em qualquer situação social irrepetível, são impregnadas de julgamento de valor, por que não dizer, por elas, pela entoação que lhes é dada, o signo adquire um tom valorativo e se torna signo ideológico.

Desse modo, diante do exposto, a relação entre o elemento verbal e o contexto pragmático extra verbal permite extrair significados outros, permite um contato com a unicidade na construção de sentidos. Tais sentidos são ricos em sua natureza, pois são vinculados à vida social e abrem espaço para novos diálogos sociais e novos paradigmas políticos propagados em discursos. A charge, como expressão intencional do chargista, não é neutra, uma vez que está carregada da visão particular de mundo de seu autor. Assim sendo, o gênero charge reflete e refrata a ideologia do chargista, que pode criticar o modelo de sociedade vigente, ou confirmar uma ideologia dominante, uma vez que emana de uma visão de mundo.

A seguir, apresentamos a Figura 02 em que o chargista projeta em seu discurso as vozes que representam o atraso da conclusão do projeto da *Transposição do Rio São Francisco*, pautado na corrupção que visa, ironicamente falando, a —compra de votos do povo brasileiro em relação ao poder político.

Figura 02: Charge de Bruno



FONTE: <https://jataovaqueiro.blogspot.com.br/2015/03/devemos-acreditar.html?m=1>

Bruno Galvão, nascido em Manhuaçu (MG), é chargista, cartunista, ilustrador, freelancer, autor de quadrinhos, artista plástico e diagramador no jornal *O Vale* e *Sindicato dos Metalúrgicos* de São José dos Campos e Região. Publica tirinhas em quadrinhos diárias no jornal *A Tribuna* (ES), charges no jornal *O Vale* (SP) e ilustrações na revista infanto juvenil *Recreio* (Editora Caras). Premiado no Brasil e em Portugal, tendo seus trabalhos em diversas revistas e jornais brasileiros, entre elas: *Você S.A.*, *Mundo Estranho*, *Meu Próprio Negócio*, *Vencer*, *Bundas*, *Jornal do Brasil*, *O Pasquim 21* e outras. Autor de diversos livros, a saber: *O rico humor de Rico* (1998) e *Onde foi que eu errei?* (2006). Atua no mercado desde 1990, ilustrando livros, jornais, revistas, cartilhas, manuais para comunicação interna para empresas. Bruno Galvão venceu como melhor chargista da região do Vale do Paraíba.

Uma parte fundamental nos estudos com charge é focar os suportes onde podemos encontrar o gênero, os temas mais abordados e quais os objetivos que o todo que forma a charge pretende alcançar. Oliveira (2001) elucida que os textos chargistas constituem, por isso, uma memória social, sem a qual não poderia haver história, que só se constitui pelo discurso e ainda merece destaque a imprescindível relação do fato histórico com o texto chargista. A Figura 02, publicada em um *blog* no dia 26 de março de 2015, apresenta dois personagens, caracterizados pela imagem de dois peixes, representando a relação dialógica com o evento *Transposição do Rio São Francisco*, que faz alusão à discussão do projeto ser concretizado ou não em tempo hábil, assim como o cenário da charge é pautado em detalhes que faz menção ao aspecto do rio.

O enunciado concreto “*Rio São Francisco*” já indica, imediatamente, sobre qual tema o chargista pretende abordar/criticar em sua charge, visto que, diante do contexto histórico, político e social em que estamos situados, percebemos que o Brasil tem em pauta um projeto

de transposição de águas que visa reduzir a seca por qual passa algumas regiões brasileiras. No entanto, o cenário de promessas sem serem cumpridas é o que estimula a crítica da charge em análise. Ainda, o aspecto entristecido e cabisbaixo dos peixes diz respeito à descredibilidade que se tem dado às promessas políticas quanto a conclusão do projeto da transposição, visto que tem o mesmo fim eleitoral. Para Bakhtin e Volochínov (2009, p. 137),

Toda palavra usada na fala real possui não apenas tema e significação no sentido objetivo, de conteúdo, desses termos, mas também um acento de valor ou apreciativo, isto é, quando um conteúdo objetivo é expresso (dito ou escrito) pela fala viva, ele é sempre acompanhado por um acento apreciativo determinado. Sem acento apreciativo, não há palavra. As palavras, em qualquer situação social irrepetível, são impregnadas de julgamento de valor, por que não dizer, por elas, pela entonação que lhes é dada, o signo adquire um tom valorativo e se torna signo ideológico.

Em relação dialógica temos marcas entonativas como o ponto de interrogação, “*E essa transposição, você acha que pode dar certo?*”, que faz surgir a ideia de dúvida com relação à concretização do plano, ou seja, remete a descrença do povo brasileiro perante os governantes possibilitarem benefícios para a sociedade, o que acarreta cada vez mais em assegurar e concordar que a política brasileira é corrupta.

Em detrimento ao questionamento feito pelo primeiro personagem, temos o segundo enunciado concreto “*Do rio não sei, mas dos votos sim!*”, que dialoga no sentido de concordar com a ideia de que, de fato, a transposição está sendo realizada com fins eleitorais, para que posteriormente os políticos tenham o que “cobrar” do povo brasileiro. No entanto, percebemos a valoração do chargista ao jogar com a palavra “transposição”, isto é, utiliza-se do signo com dois sentidos, a saber: transpor água de um lugar para outro e transpor votos. Sendo assim, demonstra, ainda, a falta de compromisso para com o projeto que visa um objetivo maior, uma vez que o mesmo é vislumbrado apenas como manobra de eleições. A entoação, nessa perspectiva, - estabelece um elo firme entre o discurso verbal e o contexto extra verbal (VOLOCHINOV, 1926, p. 06).

O contexto apresentado na figura 02 modifica a pauta da discussão, uma vez que se trata de uma dúvida acerca dos resultados, isto é, a temática de transpor os votos, confirmando a existência de uma corrupção típica do político brasileiro. Portanto, segundo Fiorin (2006), o conceito de cronotopo, formado pelas palavras gregas *crónos* (tempo) e *tópos* (espaço), foi criado por Bakhtin para estudar como as categorias de tempo e espaço estão representadas nos textos. Ainda de acordo com esse autor, os cronotopos são uma categoria contedúístico-formal e brotam de uma cosmovisão, determinando a imagem do homem na literatura, pois constituem

uma ligação entre o mundo real e o mundo representado, lugares que estão em interação mútua (FIORIN, 2006, p. 133).

Existe uma relação dialógica presente contra a figura do político, porque os personagens se apresentam com aspectos tristes, e ainda mais, expõe um discurso que propõe o engano ao povo brasileiro, na busca de permitir que a transposição seja utilizada como manobra de votos para as próximas eleições. Com isso, demonstra mais uma vez a denúncia da corrupção latente na política brasileira, assim como o pessimismo pelo qual o brasileiro sente em relação aos governantes. No contexto de análise dialógica dessa charge, é possível perceber sua direta relação crítica com o evento *Transposição do Rio São Francisco*. Nesses termos, Bakhtin (2010) afirma a importância de se compreender o contexto comunicativo para assimilação do repertório de sentidos de que se pode dispor um determinado texto, visto que os gêneros discursivos são formas comunicativas que são adquiridas nos processos interativos.

O efeito de sentido se dá na crítica destrutiva aos governantes que estão à frente do projeto da Transposição, a partir da concepção de que a obra será concluída, visando a felicidade do povo brasileiro, no entanto, o objetivo são as eleições. São relevantes as palavras de Sousa (2011, p. 158) para quem - o sujeito que fala, o sujeito que escreve ou o sujeito que lê desenvolvem atividades de interpretação, estão atribuindo sentidos às suas palavras e às dos outros. Essa natureza ressalta o posicionamento da ADD de conceber que a apropriação do dizer se desenvolve pela relação dialógica entre as materialidades linguísticas e suas condições sócio históricas de realização. O texto chárstico é uma proposta de reflexão sobre o mundo ideológico do autor e da sociedade na qual está inserido. Esse deslocamento entre “autor” e “leitor” é feito por meio do dialogismo. Bakhtin (apud BARROS, 1997, p. 02) afirma que

O sentido do discurso tem sua condição no dialogismo. O dialogismo é o princípio constitutivo da linguagem e a condição do sentido do discurso. [...] Examina-se, em primeiro lugar, o dialogismo discursivo, desdobrando em dois aspectos: o da interação verbal entre o enunciador do texto, o da intertextualidade no interior do discurso. [...] Só se pode entender o dialogismo interacional pelo deslocamento do conceito de sujeito. O sujeito perde o papel de centro e é substituído por diferentes (ainda que duas vezes) sociais, que fazem dele um sujeito histórico e ideológico.

Barros (1997) elucida que nenhuma palavra é nossa, mas traz em si a perspectiva de outra voz. Para a autora, a persuasão interpretação envolvem sistemas de valores, do enunciador e enunciatário que, como afirma Bakhtin, participam da construção dialógica do sentido. Os textos são dialógicos porque resultam do embate de muitas vozes sociais, o que pode produzir efeitos de polifonia. Sendo assim, Bruno deixa inscrito na charge o seu posicionamento

ideológico: o chargista crítica de forma sagaz o mundo que o cerca, levando assim o leitor a tomar partido de suas convicções. Portanto, a sagacidade do não-verbal presente na charge se dá por meio da imagem dos personagens envolvidos, pelos traços mostrados, além da perspectiva visual, do alvo que se pretende atingir, que é a crítica político-social vigente na sociedade brasileira.

A materialidade linguística, na charge apresenta julgamentos e compreensões que influenciam a opinião do leitor; há um estabelecimento de cumplicidade entre o “autor” e o “leitor” num mesmo contexto social, contexto este revelado pelo verbal, onde este deixa clara a dúvida, de quanto é duvidoso confiarmos nos projetos e promessas políticas. A ironia presente na Figura 02 encontra-se no momento em que o primeiro peixe questiona a confiança em relação ao projeto da *Transposição do Rio São Francisco*; já o humor é destacado na no enunciado do segundo personagem, ou seja, na descrença da concretização do projeto, mas sim na credibilidade que os políticos dão ao projeto visando eleições. Vale ressaltar que os aspectos dos personagens são diferentes, uma vez que o primeiro demonstra estar um pouco mais animado com a ideia da transposição e, conseqüentemente, é destacada nas palavras, mas também no olhar mais elevado e na calda arrebitada, que caracteriza sensação agradável. Diferentemente, observamos o segundo personagem em total desconforto, isto é, o olhar cabisbaixo, característico de tristeza, e a calda fechada.

Para além desse aspecto tristonho, percebemos na enunciação que a desmotivação é latente, a desconfiança em relação ao evento, mas a ênfase dada a corrupção e politicagem brasileira é destacada por meio do enunciado “[...] *mas dos votos sim!*”. Tendo em vista que as charges, assim como os outros gêneros, são axiológicos, podemos observar as relações estabelecidas nela e identificar os valores que recobrem uma dada personalidade ou temática. Pensar charge fora do eixo valorativo é reduzir o poder de alcance de tal gênero. Assim, observemos os tons valorativos apresentados na charge a seguir.

Nesta charge de Bruno, a temática é a concretude do projeto da *Transposição do Rio São Francisco* e pela própria diagramação dada a ela, percebemos que é posta em questão a inconsistência do mesmo. Portanto, a partir de uma contextualização social e um exame da charge, podemos interpretar que o projeto em transição é trazido pelo chargista de maneira negativa, dado o atraso na conclusão da obra. Desta forma, podemos identificar o tom valorativo que recobre a figura do político brasileiro que sobrevive de promessas.

Primeiramente, pela própria cor destacada nos personagens, onde temos a cor laranja dando aparência de vivacidade ao primeiro peixe que se encontra com dúvida em relação a conclusão, e, diferentemente, a cor cinza, que é uma cor muito sóbria, sem vida e pode passar

a impressão de velho, entristecido, assim como as cores mais envelhecidas das outras figuras do mesmo plano, com exceção do segundo plano que encontramos o azul remetendo a água do rio. O tom negativo que se coloca sobre o poder político é mostrado pelo todo da charge e vem de uma insatisfação no âmbito social, comungando, desta forma, com discursos que trazem a figura da política brasileira, o engano.

A opinião expressa no texto dialoga com esses discursos para embasar sua crítica ao sistema político e emitir juízo de valor decisivo. Portanto, pode-se dizer então que o traço axiológico é contundente por explicitar por meio de seus elementos constituintes o tom avaliativo sobre o atraso na conclusão da obra da transposição ser culpa dos governantes. Concluimos que o traço axiológico apresenta-se de maneira “escancarada” no gênero charge, sendo construído pela harmonia do todo – verbal, imagens, traços, caricaturas, etc. Esse gênero tem por característica a explicitação do tom avaliativo, servindo até mesmo de vitrine ideológica de determinados pontos de vista, dependendo da temática abordada e do posicionamento presente. Enfim, a charge serve de veiculador de tons avaliativos de maneira clara e tem nele seu elemento primordial.

5.2 O TEOR IRÔNICO E O SENTIDO NO TEXTO CHARGÍSTICO

A ironia dentro de uma perspectiva linguística se configura numa espécie de texto cômico expressivo, que causa riso como uma construção de entendimento da linguagem. Denise Jardon (1988) estabelece uma tipologia que inclui a ironia, a sátira, o humor e a paródia como fazendo parte do que ela chama de - tipos de discursos cômicos, com base numa perspectiva que privilegia a abordagem linguística, bem como o fato desses tipos de discursos estarem ligados ao riso. Percebemos na ironia uma espécie de jogo proposital do dito e do não dito, que estabelece uma relação de contiguidade perante o leitor para alcançar os sinais contextuais dentro de um determinado tema, que geralmente é de cunho coletivo.

A linguagem em si é rica de artifícios que fazem com que os interlocutores produzam efeitos de sentidos dentro dos enunciados escritos ou falados, usando a ironia como um desses artifícios para estimular a reflexão sobre um episódio que esteja socialmente em pauta, estabelecendo com o interlocutor um sentido que não deixa de ser ambíguo para abrir possibilidades para novas leituras de um mesmo fato. A ironia como figura de linguagem caracteriza-se pelo fato de estabelecer numa relação de contrariedade no ato do enunciado. No gênero discursivo charge uma de suas características marcantes é justamente o uso da ironia

junto com o humor, uma vez que ambos têm conceitos diferenciados, mas que, juntos, formam o humor irônico.

Reconhece-se uma afirmação irônica quando o sentido daquilo que se afirma inverte-se em função do contexto ou da situação que a gerou. De acordo com Brait (2008, p. 17), o discurso humorístico possibilita o desnudamento de determinados aspectos culturais, sociais ou mesmo estéticos, encobertos pelos discursos mais sérios e, muitas vezes, bem menos críticos. Jardon (1988) estabelece a importância para a completude do entendimento de discursos proferidos o indivíduo leitor se apropriar de seus conhecimentos de mundo para desvendar o que a ironia traduz.

Isso ocorre porque o sujeito que enuncia através de enunciados humorísticos não pode ser julgado pelo que diz. Assim, em certa medida, o discurso humorístico sobre a política reforça algumas - verdades cristalizadas, e, às vezes, até banaliza este tema. Por outro lado, ao criticar a política, espera-se uma reação, uma atitude responsiva do público alvo em relação ao que é dito em uma charge sobre os políticos, seja qual for a natureza da atitude: um pensamento, uma revolta, um discurso de oposição ou simplesmente o riso. Chegamos, então, à função social do discurso humorístico sobre a política: a crítica reflexiva. Para que ocorra a ironia é preciso que os intérpretes sejam capazes de reconhecer que o significado de um texto dito não é o significado de quem produziu o texto. Ela é um recurso que evidencia a compreensão responsiva, ou a presença do outro, propondo novos valores, sem que os anteriores sejam apagados. Vejamos a Figura 03.

Figura 03: Charge de Genildo I



Genildo Ronchi, nascido em São Mateus, no interior do Espírito Santo, e tendo vivido sua infância toda em Nova Venécia, começou a construir sua identidade baseada na vivência capixaba. Aos 14 anos, veio sozinho para a Grande Vitória, onde morou vários anos com o primo e a tia. Tendo trabalhado na antiga livraria "A Edição", na capital, e depois no "Camburi Video Club", Genildo pôde desfrutar de diversas obras, muitas delas de autores locais, e isso só alimentou mais suas criações. Nessa mesma época, entrou na UFES, no curso de Educação Artística, atualmente conhecida como Artes Visuais. Foi lá onde ele começou a criar cartazes para o "Abre Bodes", festa da engenharia.

Durante seus anos de estudante na universidade, a empresa "M&M" requisitou quadrinhos para Genildo, que os fez com muito carinho e dedicação. Depois disso, fez estágio na escola Crescer, onde redesenhou a logomarca da instituição, que é usada até os dias atuais. No ano de 1993, entrou como jornalista/infografista/ilustrador no jornal A Gazeta, quando o computador ainda era novidade. No mesmo mês, começou a dar aulas como professor de artes na Escola Monteiro Lobato, como contratado. Genildo começou a ser visibilizado por artistas capixabas, interessados em sua arte, para que ilustrasse livros e revistinhas em quadrinhos. Já em 2001, ilustrou um dos principais livros de sua carreira, "Os Gatos do Beco", de Alvarito Mendes Filho. Anos depois, veio outro também de grande importância, "A Caravela da Imaginação", do mesmo autor. Uma das pessoas de mais referência na vida de Genildo foi o professor Miguel Kill, que passou informações valiosas sobre as terras capixabas. O que levou o artista a se inspirar e a criar e qualificar ainda mais conteúdo referente ao Estado do Espírito Santo. Em 2008, Genildo publicou a primeira tirinha do Tuca, no Caderno 2, parte do jornal A Gazeta. Com isso, o Gió, cartunista, organizou a publicação de quadrinhos "Embróglio Capixaba", que teve 10 páginas dedicadas ao trabalho de Genildo.

Junto com a comitiva de alunos, professores e profissionais do Espírito Santo, foi para Brasília e participou da IV Conferência Infanto-Juvenil Para o Meio Ambiente, em 2013. Foi em 2015 que ele recebeu um dos convites mais especiais, para fazer uma participação como convidado no Roberto Justus Mais, falando sobre Liberdade de Expressão. Nesse ano, 2016, Genildo foi honrado a ser um condutor da chama olímpica, na cidade de Vitória, no ES. E, finalmente, em agosto, nasce a Revista Vila Capixaba, impressa na gráfica GSA, com apoio da Link Editoração e do grande amigo Léo Fávaro. Entretanto, somente com seus 48 anos de idade, o chargista conseguiu realizar seu sonho de lançar sua obra Vila Capixaba.

A Figura 03, publicada em 26 de março de 2015, apresenta como conteúdo temático a crítica ao atraso na entrega da obra da *Transposição do Rio São Francisco*. Na charge acima, Genildo busca exprimir uma crítica em relação à figura do nordestino que espera ansiosamente

pela conclusão da obra, no entanto, reconhece a demora; e o outro colega que é consciente da situação real da política em relação ao aproveitamento das obras, isto é, a corrupção. Partimos da premissa de que o sujeito produtor do discurso (o chargista Nef) abandona as relações dialógicas para sustentar o seu ponto de vista em relação ao tema que aborda. Esta é uma das múltiplas e variadas formas do dialogismo. Sendo assim, o chargista, ao buscar nos enunciados concretos produzidos pelos personagens subsídios para provocar o humor com a situação política brasileira, constrói os efeitos de sentidos para seu texto através do discurso de outrem em um enunciado que remete para outros discursos e, também, através do diálogo entre textos que tratam sobre a mesma temática, como aconteceu entre a primeira e a terceira charge. Isto é, o chargista procura retratar a tão sonhada conclusão da obra da *Transposição do Rio São Francisco*.

Daí a importância do analista do discurso considerar o dialogismo, isto é, o conjunto complexo de relações discursivas que tece todo e qualquer enunciado a fim de compreender não somente a constituição linguística, mas também sua dimensão intertextual e, assim, os efeitos de sentidos responsáveis pelo humor na charge. Portanto, na Figura 03, Genildo projeta em seu discurso as vozes que representariam a opinião pública a respeito da corrupção entorno do projeto e obra da *Transposição do Rio São Francisco*, uma vez que tais vozes fazem reverberar sentidos de descrédito da população aos governantes. Ocorre nesse discurso uma crítica contundente ao sistema político brasileiro e um desacordo que podem ser percebidos claramente, uma vez que o texto verbal e não-verbal expressa tal fato.

Percebemos na charge acima a presença de dois personagens, apresentados com características de trajés/estilo típico sertanejos, isto é, calças com recortes, camisas e chapéu/boné, que atribui sentido dialógico ao povo que espera pela transposição. Em outras palavras, temos a voz do personagem mais velho “detentor” da sabedoria; e o mais novo, com a tonalidade de roupa vermelha, representante inquietação. Ou seja, um conformista e o outro idealista. O cenário da charge é destacado por uma parte do canal da transposição, onde a água deveria estar transitando, mas que, na imagem, não vemos nenhum “sinal”, ao contrário, o chargista atribui a tonalidade marrom para indicar a ausência de água naquele local.

Bakhtin afirma que “uma palavra realmente pronunciada não pode evitar de ser entoada, a entonação é inerente ao fato mesmo de ser pronunciada [e] [...] uma entonação [...] possui um tom emotivo-volitivo”. (BAKHTIN, 2010a, p. 85-86). Para ele, esse tom emotivo-volitivo está intrinsecamente ligado ao *hic et nunc* da sua manifestação, pois “o tom emotivo-volitivo busca expressar a verdade [*pravda*] do momento dado, o que o relaciona à unidade última, una e singular”. (BAKHTIN, 2010a, p. 92).

O chargista na elaboração do balão de linha comum indica a fala do personagem “*E esta obra da transposição que nunca acaba????*”, utilizando letra em caixa alta. Ainda, as mãos abertas e o dedo polegar do personagem tem relação dialógica com o aspecto facial do mesmo, visto que transmite a sensação de questionamento, dúvida e espera de uma possível resposta para o fato. Podemos conjecturar uma posição valorativa de comando em um tom de voz normal, pela configuração não estar em negrito – indicativo de atenção ao termo – assumindo uma postura que não condiz com uma ação digna, mas que tem permissão para realizar tal atitude, pela posição valorativa assumida pela sociedade com referência ao governo e sua proposta do projeto de transposição. Já o segundo enunciado “*Tem obra que foi planejada para não acabar!!*” nos permite inferir que o aspecto do personagem já diferente do primeiro, uma vez que os olhos, nariz e a boca já estão mais realçados, o que demonstra uma total insatisfação. A ironia da charge está presente na imagem do cifrão do dinheiro, que faz menção a crítica social da corrupção brasileira diante as grandes obras que são propostas para a sociedade. Além do cifrão, temos a imagem da mão direita do personagem que gesticula com os dedos indicador e polegar, apresentando o barulho (*pac*) que tem relação dialógica com o senso comum de se referir ao gesto do “envolver dinheiro”.

Em outras palavras, os políticos são apelidados de corruptos, pois são muitos, não “aparecem” e são difíceis de capturar. Hoje o descaso é grande com ruas e avenidas sujas, obras inacabadas, falta de saneamento básico, filas homéricas em hospitais, saúde fragilizada, educação morta e segurança arquejando. Já liquidaram a economia do País, e tomam providências funestas para liquidar de uma vez com a camada mais carente do Brasil. Infelizmente essa é a realidade da politicagem que se pratica nosso Brasil. Observamos também as cores utilizadas por Genildo, como por exemplo a camisa amarelo, que mesmo em tom pastel, pode indicar um sinal de alerta à situação de denúncia à corrupção política perante as obras planejadas, visto que remete ao personagem que está desacreditado da conclusão do projeto. Já a cor vermelha na camisa do personagem que questiona o término da obra, indica uma cor quente, vibrante, podendo nos remeter à inquietude, insatisfação e questionamentos incessantes da sociedade perante os governantes.

Para Dondis (2007), [...] a cor tem maiores afinidades com as emoções. [...] A cor está de fato, impregnada de informação, e é uma das mais penetrantes experiências visuais que temos todos em comum. [...] a cor oferece um vocabulário enorme e de grande utilidade para o alfabetismo visual. Para Brait (2008, p. 62), “no caso da ironia, o enunciador qualifica o enunciatário como capaz de perceber o índice e participar da construção da significação irônica”. Estabelece-se, dessa forma, uma cumplicidade entre o enunciador da charge e o

enunciatório, favorecendo a compreensão daquilo que o locutor propõe. Com a afirmação de Dondis (2007, p. 99) de que “a forma segue a função”, podemos concluir que a intenção do artista, nas formas de sua informação verbo visual, foi mais geral e abrangente pela complexidade das possíveis interpretações que podem surgir, dependendo do universo de informações do leitor, pois “a charge, enquanto mensagem icônica, não será recebida e decodificada se não levarmos em conta os diversos contextos necessários para que isso aconteça”. (ROMUALDO, 2000, p. 23).

A compreensão responsiva, podemos dizer, ocorre quando se defronta não com uma estrutura linguística muda, mas com os sujeitos que nos enunciados falam. Tal compreensão ativa considera também que todo enunciado carrega acentos de valor ou apreciativos, que são realces axiológicos, perceptíveis também pelas entoações (ou entonações) expressivas. E toda palavra viva, todo enunciado concreto, é traspassado de entoação e de acento apreciativo de seus autores.

Nesse sentido, fica evidente pela concordância com as vozes que propagam o descrédito nos políticos, a falsidade de suas ações e encaminha seu discurso para uma acentuação de valor negativo sobre a política brasileira, visto que o chargista busca demonstrar essa crítica reflexiva através do humor e da ironia presente na Figura 03. Desse modo, diante do exposto, a relação entre o elemento verbal e o contexto extra verbal permite extrair significados outros na construção de sentidos. Tais sentidos são ricos em sua natureza, pois são vinculados à vida social e abrem espaço para novos diálogos sociais e novos paradigmas políticos propagados em discursos.

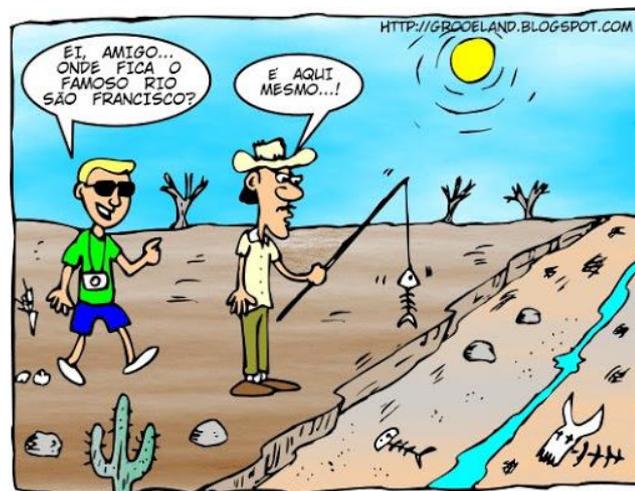
Um mesmo discurso pode assumir diferentes sentidos dependendo do lugar em que é produzido e da ideologia do sujeito. E é interessante observar como o sentido das palavras se modifica, de acordo com a situação sócio histórica em que é utilizada. Desse modo, analisando através da polifonia, as vozes sociais são apreendidas pelo sujeito. E é a partir disso juntamente com as relações dialógicas que o sujeito vai se constituindo discursivamente. Assim, observamos que a expressão – transposição - já foi utilizada em outros momentos por outros discursos. É importante ressaltarmos que, apesar da mesma expressão ser utilizada em contextos diferentes e com finalidades diferentes, o chargista, ao agir, assume uma responsabilidade pelo que enuncia, uma vez que, dependendo do contexto, o enunciado se torna único para aquele momento. Em outras palavras, constatamos que a imagem e a palavra presentes na charge apontam para o jogo de sentidos que há entre o visual e o verbal (como a representação do cifrão do dinheiro e a palavra - transposição), mostrando que há uma articulação entre os enunciados com as imagens, o que é uma característica típica deste gênero discursivo. Assim,

percebemos essas relações dialógicas entre charge e contexto com as palavras de Bakhtin (2003, p. 300):

O enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva e não pode ser separado dos elos precedentes que o determinam tanto de fora quanto de dentro, gerando nele atitudes responsivas diretas e ressonâncias dialógicas. Todo enunciado sempre responde de uma forma ou de outra aos enunciados do outro que o antecederam.

A seguir, apresentaremos mais uma análise de charge.

Figura 04: Charge de Grooeland/Jaime Guimarães



FONTE: <https://bibocaambiental.blogspot.com.br/2012/03/por-que-transposicao-do-rio-sao.html>.

Jaime Guimarães nasceu em 04 de junho de 1976, em São Paulo. Não é chargista e nem cartunista profissional, mas realiza esse tipo de arte porque gosta e/ou hobby. Publica as charges nas redes sociais e em um blog (grooeland.blogspot.com) e já teve algumas charges solicitadas e publicadas por editoras de livros didáticos. É formado em Letras pela UNG (Universidade de Guarulhos – SP) e atualmente é professor de inglês concursado nas redes estadual da Bahia e municipal de Salvador. É paulistano e radicado em Salvador desde os 23 anos de idade.

Sempre esteve envolvido com as Artes. Desde criança fez seus rabiscos pelas paredes de casa e até hoje com rabisca em papéis e ocasionalmente em telas; na adolescência fez um curso de desenho para aprimorar técnicas. Em seu trabalho como professor utiliza charges e desenhos constantemente, o que faz com que os alunos solicitem a presença do mesmo como professor de Artes. Chegou a cursar um semestre de Desenho Industrial, mas desistiu por não se identificar, mas ressalta a relevância da disciplina “História da Arte”.

Jaime aponta para um cenário rural estável, onde se observa a presença do córrego do rio, as plantações ao redor, o sol latente, a figura do anzol (objeto característico de pesca) e os dois personagens. Portanto, primeiramente, devemos ter ciência de que tudo na charge, não apenas nela, mas em qualquer texto produzido, reverte-se para o direcionamento axiológico apregoadado. Toda imagem, seleção lexical, sintática e de argumentos, enquadramento dado à fala de outrem não é gratuito, tudo está a serviço dos interesses ideológicos a que o chargista se presta, refletindo o acento valorativo que ele carrega.

Assim, na Figura 04, charge publicada em um *blog* no dia 30 de março de 2012, se apresenta o posicionamento da crítica social em relação ao atraso da obra da *Transposição do Rio São Francisco*, assim como as críticas referendadas ao projeto, isto é, que ao transpor essas águas o rio São Francisco estaria sofrendo muita degradação e muita água seria perdida, se evaporaria durante o trajeto. Também foi cogitada a possibilidade de aumento de energia elétrica por causa do grande custo da obra, danos à fauna e à flora.

Percebemos dialogicamente a crítica que o chargista elucida em relação a essa água ser transportada apenas para os grandes fazendeiros, como sempre tem sido feito em todos os projetos no Nordeste, e não aos mais necessitados, enfatizando a corrupção da política brasileira, através da humor e ironia. Uma ironia instaurada que se consiste em estabelecer uma cumplicidade com o leitor, visando desautorizar algo ou alguém, criando um efeito de sentido. A ironia nos possibilita perceber as vozes dos outros, por meio da qual podemos analisar formas de interação verbal, pois: formas de construção, manifestação e recepção do humor, configurado ou não pela ironia, podem auxiliar o desvendamento de momentos ou aspectos de uma dada cultura, de uma sociedade” (BRAIT, 2003, p.15). Ao desautorizar alguém ou algo, por meio da ironia, objetiva-se deixar implícito um julgamento, uma crítica, um juízo de valor, visando a constituir uma cumplicidade com o outro na crítica pretendida. A ironia instaura a não possibilidade de resposta ao alvo do enunciado, mas busca a cumplicidade do interlocutor em calar alguém, constituindo uma barreira à dimensão dialógica do discurso.

A ironia é produzida, como estratégia significativa, no nível do discurso, devendo ser descrita e analisada da perspectiva da enunciação, mais diretamente, do edifício retórico instaurado por uma enunciação, isso significa que o discurso irônico joga essencialmente com a ambiguidade, convidando o receptor a, no mínimo, uma dupla decodificação, isto é, linguística e discursiva. Esse convite à participação ativa coloca o receptor na condição de coprodutor da significação, o que implica necessariamente sua instauração como interlocutor. (BRAIT, 2003, p. 96).

Essa cumplicidade, essa coprodução de sentido que reforça as vozes do discurso, justificando a ironia como sendo manifestação de outras vozes sociais utilizadas pelo locutor a fim de se posicionar contrário a algo que ele próprio discorda. No nosso caso, na charge, o anunciante constitui um texto e instaura uma enunciação que dialoga com outras vozes sociais, levando o leitor a refletir sobre elas e, por intermédio da ironia, o torna cúmplice dessa enunciação, levando-o a adotar determinadas posições ideológicas no estabelecimento do sentido do texto.

A imagem do sol, com traços ao redor que demonstram irradiações fortes, os cactos, pedras, árvores desmatadas demonstra a grande crítica que foi ao se propor o projeto da transposição, visto que ao se pensar na retirada de uma porcentagem da vazão média, o governo ignorou as peculiaridades do rio que, na seca, tem vazão bem menor. Isto é, nesses períodos, a retirada pode equivaler a quase toda a água do rio, ocasionando o esvaziamento precoce do mesmo. A imagem dos peixes mortos e em decomposição, assim como uma cabeça de animal não identificado faz menção a essa seca que assola a região e que havia sido prevista. Em outras palavras, a pesca seria prejudicada, pois a reprodução dos peixes seria dificultada devido a evasão de água.

Levando em consideração o sujeito ideológico, segundo o Círculo de Bakhtin, afirma-se que o sujeito produtor da charge, ao tratar deste tema polêmico, constitui-se em um espaço de linguagem extremamente dialógico, pois no seu papel de sujeito traz para a produção do texto seus aspectos sociais e históricos, uma vez que o sujeito produtor da charge se torna porta-voz da população, expressando uma opinião pública. Mostrando, então, em seu agir, que assume seu caráter de responsabilidade pelo que faz, isto é, o caráter responsivo por seu ato.

Desse modo, destacamos que este sujeito (chargista Jaime), ao ocupar um lugar social em que enuncia, faz com que esse espaço determine o que ele poderá dizer, pois ele é dotado de uma ideologia que estabelecerá as possibilidades de sentido do seu discurso. Dessa maneira, de acordo com Fiorin (2006), o dialogismo é também o princípio de constituição dos sujeitos, pois estes agem sempre em relação a outros sujeitos e é nesse sentido que os mesmos se constituem. É possível analisar, por meio do dialogismo de Bakhtin, o que a charge evidencia de dialógico e ideológico. Observa-se que o sujeito produtor da charge a construiu mediante uso das relações dialógicas e do discurso de outrem convocados pela Figura 04. Para isso, recuperou por meio do contexto do possível leitor, o evento *Transposição do Rio São Francisco* utilizando-se de enunciados e da linguagem mista (verbal e não-verbal). Porém, nesse contexto da charge, esses elementos aparecem revestidos de novos significados.

O enunciado concreto “*Ei, amigo... onde fica o famoso rio São Francisco?*”, aliado a imagem do personagem com trajes de cores chamativas, óculos de sol, câmera fotográfica, os cabelos loiros, um belo sorriso e o dedo indicador apontado entram em relação dialógica com o próprio questionamento feito, pois indica que trata-se de um turista que está na cidade e veio conhecer o *famoso* rio São Francisco. Em outras palavras, afirma que a imagem que o turista tem a respeito do São Francisco não condiz com a realidade, visto que o personagem se encontra defronte ao rio e não o reconhece, pois o mesmo está secando e em estado de calamidade/alerta.

Já o personagem nordestino, por assim dizer, se mostra com uma expressão séria, fechada, em um gesto de possível desagrado com a situação, *presumido* não só pela sua expressão, mas igualmente pelo seu gesto. Esse gesto de desagrado da personagem e a tonalidade das roupas (cores neutras) se complementam, dialogicamente, com o enunciado concreto “*É aqui mesmo...!*”, deixando entrever uma entonação irônica a respeito do *tópico*, uma vez surpreende o turista para com a realidade do rio, diferentemente do que estava sendo divulgado na mídia acerca do projeto, isto é, um aspecto positivo. Isto é, o enunciado é transmitido de maneira pessimista e tristonha, o que caracteriza bem o estado emocional do brasileiro que está desolado pela situação, para além do uso das reticências que caracteriza uma continuação, no entanto, na charge o personagem silenciou.

Diante desse enunciado composto de imagens, cores, figuras, há um projeto gráfico que disponibiliza os elementos no espaço discursivo e de elementos verbais que se articulam com as sequências visuais. Os elementos verbais e os visuais não podem ser separados quando se pretende entender o sentido expresso por esse enunciado concreto. O discurso é, pois, polissêmico porque nas relações dialógicas, mediado pelas relações sociais, reflete e refrata essas relações. A relação do nosso dizer com as coisas (em sentido amplo do termo) nunca é direta, mas se dá sempre obliquamente: nossas palavras não tocam as coisas, mas penetram na camada de discursos sociais que recobrem as coisas”. (FARACO, 2003, p. 49). Na interação discursiva, o sentido se estabelece pela mediação entre uma dada realidade e uma elocução, constituído por um valor genérico, vago que não garante uma correspondência perfeita entre uma elocução e uma dada realidade, podendo deixar espaço para outras interpretações e sentidos, como apontado Faraco.

Deste modo, o efeito discursivo que é obtido através da interação entre o que está manifestado verbalmente e visualmente nos leva a processar a produção de sentidos, visto que - o discurso não é a linguagem em si, mas precisa dela para ter existência material e/ou verbal (FERNANDES, 2008, p. 13), para que os efeitos de sentidos sejam produzidos. O sentido se estabelece pelo levantamento, entendimento das partes que o constituem, dentro do contexto

sócio histórico em que se encontra, no espaço-tempo em que se desencadeia. Assim, as muitas partes, as muitas vozes compõem o todo.

5.3 DISCURSO DE OUTREM NAS CHARGES

No livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Bakhtin/Volochinov (1978) esclarecem que todo discurso é dialógico, onde o homem é um sujeito inexistente fora da relação com o outro, que se realiza através da linguagem. Eles asseveram que a construção do sentido se dá pela multiplicidade, pelo dialogismo e pela polifonia, elementos constitutivos do discurso citado. Ainda de acordo com os autores, todo discurso é constituído pelo discurso do outro, estando este sujeito a recriações e reinterpretações.

Nosso discurso está carregado do discurso do outro, pois falamos através da palavra alheia. Isso ocorre devido ao fato de sermos sujeitos situados tanto historicamente como ideologicamente em contextos sociais. As palavras que utilizamos não são fruto de um sistema isolado, mas sim de enunciações completas e com “determinada direção ideológica, ou seja, expressam um projeto concreto, um determinado nexos com a práxis.” (PONZIO, 2008, p.101). Dessa forma, todo discurso concreto presente nos diferentes contextos sociais nunca é completamente novo, pois contém resquícios de outros discursos, ou seja, discursos de outrem, reorganizados de forma dialógica nas falas dos sujeitos. Vejamos a Figura 05.

Figura 05: Charge de Genildo II



FONTE: <http://www.genildo.com/2014/10/trans-posicao.html>.

Genildo Ronchi, com seus 48 anos de idade, consegue realizar seu sonho de lançar sua obra “Vila Capixaba”. Nascido em São Mateus, no interior do Espírito Santo, e tendo vivido

sua infância toda em Nova Venécia, começou a construir sua identidade baseada na vivência capixaba. Aos 14 anos, vem sozinho para a Grande vitória, onde morou vários anos com o primo e a tia.

Tendo trabalhado na antiga livraria "A Edição", na capital, e depois no "Camburi Video Club", Genildo pôde desfrutar de diversas obras, muitas delas de autores locais, e isso só alimentou mais suas criações. Nessa mesma época, entrou na UFES, no curso de Educação Artística, atualmente conhecida como Artes Visuais. Foi lá onde ele começou a criar cartazes para o "Abre Bodes", festa da engenharia. Durante seus anos de estudante na universidade, a empresa "M&M" requisitou quadrinhos para Genildo, que os fez com muito carinho e dedicação. Depois disso, fez estágio na escola Crescer, onde redesenhou a logomarca da instituição, que é usada até os dias atuais. No ano de 1993, entrou como jornalista/infografista/ilustrador no jornal A Gazeta, quando o computador ainda era novidade. No mesmo mês, começou a dar aulas como professor de artes na Escola Monteiro Lobato, como contratado. Genildo começou a ser visibilizado por artistas capixabas, interessados em sua arte, para que ilustrasse livros e revistinhas em quadrinhos. Já em 2001, ilustrou um dos principais livros de sua carreira, "Os Gatos do Beco", de Alvarito Mendes Filho. Anos depois, veio outro também de grande importância, "A Caravela da Imaginação", do mesmo autor.

Uma das pessoas de mais referência na vida de Genildo foi o professor Miguel Kill, que passou informações valiosas sobre as terras capixabas. O que levou o artista a se inspirar e a criar e qualificar ainda mais conteúdo referente ao Estado do Espírito Santo. Em 2008, Genildo publicou a primeira tirinha do Tuca, no Caderno 2, parte do jornal A Gazeta. Com isso, o Gió, cartunista, organizou a publicação de quadrinhos "Embróglío Capixaba", que teve 10 páginas dedicadas ao trabalho de Genildo. Junto com a comitiva de alunos, professores e profissionais do Espírito Santo, foi para Brasília e participou da IV Conferência Infanto-Juvenil Para o Meio Ambiente, em 2013. Foi em 2015 que ele recebeu um dos convites mais especiais, para fazer uma participação como convidado no Roberto Justus Mais, falando sobre Liberdade de Expressão. Em 2016, Genildo foi honrado a ser um condutor da chama olímpica, na cidade de Vitória, no ES. E, finalmente, em agosto, nasce a Revista Vila Capixaba, impressa na gráfica GSA, com apoio da Link Editoração e do grande amigo Léo Fávaro.

A charge, publicada no *blog* do Genildo em 19 de outubro de 2014, se caracteriza por ser um texto visual humorístico e opinativo, que critica uma personagem ou fato político específico. Sua construção baseia-se na remissão a um universo textual em que mantêm relações intertextuais com texto verbal, não-verbal e verbal não-verbal simultaneamente. O que torna singular é a demonstração perspicaz da propriedade carnavalesca da charge de congregar, num

jogo polifônico, o verso e o reverso do que tematiza. Dessa maneira o chargista, através do desenho e da língua, utiliza o humor para destronar os poderosos e buscar o que está oculto em fatos, personagens e ações de cunho político. Há uma arena de vozes que formam os discursos da sociedade a partir do veículo de comunicação, ou seja, reforçam o discurso de acordo com o aspecto ideológico, sendo assim, a Figura 05 tem como conteúdo temático a problemática da *Transposição do Rio São Francisco*, bem como as críticas referendadas ao projeto em execução. O chargista, por meio do texto verbal e não-verbal busca trazer à tona reflexões para a sociedade que, por sua vez, não está satisfeita com o evento em tramitação.

Nesse sentido, não podemos deixar de mencionar o posicionamento ideológico que os chargistas defendem. Afinal, todo texto carrega consigo a ideologia que o constitui. Esses artistas podem ser considerados cronistas de imagens, uma vez que, partindo do humor, se inscrevem como leitores do mundo e convidam seus interlocutores a partilharem suas leituras, por isso, podemos considerá-los como formadores de opiniões. Eles jogam com aquilo que pode gerar risos e trazem ao palco de seus textos as mazelas sociais, pois os personagens que neles são retratados são celebridades que representam a vida em sociedade.

Encontramos na charge dois personagens, sendo o primeiro representado pelo nordestino, que tem a ânsia incessante de ver a obra concluída e os benefícios da mesma em sua região; já o outro personagem é a figura do político, que se encontra satisfeita com a ilusão de ter enganado a população acerca da conclusão da obra e que tenha tudo ocorrido conforme foi planejado. Entretanto, não é isso que acontece, porque a imagem retrata o rio com um filete de água que representa um rio seco e cheio de pedras, demonstrando o esvaziamento ocasionado pela demora no processo de transposição, e o canal que deveria estar sendo realizada a transposição das águas, este sim está concluído, no entanto, contém uma espécie de “porta” que fecha/proíbe a entrada da água. O humor do texto chárstico faz com que ele afirme e negue, eleve e rebaixe ao mesmo tempo, proporcionando ao leitor refletir sobre fatos e personagens do mundo político ou social, uma vez que expõe tudo aquilo que está oculto por trás da figura caricatural e da linguagem. Assim, afirma Melo

[...] a charge será concebida não apenas como modalidade da linguagem iconográfica, mas também como prática discursiva irônica e, conseqüentemente, ideológica. Os principais aspectos que compõem o universo de definição da charge, reconhece a sua historicidade e determina a sua condição de signo ideológico, portanto, uma discursividade de natureza irônica e humorística, por isso, reveladora de ideias e expressão ideológica de uma determinada posição que se encontra no exercício do poder e como discurso de reflexão de denúncia social (MELO, 2004 p. 94).

A charge é um tipo de texto que atrai o leitor, pois, transmite múltiplas informações de forma muito efetiva em que “as linguagens verbal e não-verbal são utilizadas de maneira harmoniosa à medida que o sentido é constituído pelo que foi dito e o que não foi dito”. (XAVIER, 2008 p. 15-16). O leitor do texto chárstico, tem que ser um indivíduo bem informado para que ele compreenda e capte o teor crítico, irônico e humorístico da charge. Uma característica da Figura 05 que não podemos deixar de citar é que seus enunciados verbais aparecem de modo conciso, sintetizando várias ideias em frases curtas, a exemplo do – TRANSPOSIÇÃO DO RIO SÃO FRANCISCO - que indica a problemática em evidência. Nesse caso, a interpretação é resultado de um processo no qual um enunciado sempre deixa vestígios no outro. Isto é, um enunciado é carregado de inúmeros outros e estes deixam vestígios nele.

Ainda, os elementos extra verbais são de fundamental importância para a compreensão da charge 07, a exemplo do filete de água no rio, do canal da transposição e conseqüentemente o fechamento do mesmo, o tipo de vegetação em evidência, o aspecto raivoso do nordestino ao questionar a evasão da água do rio etc. Esta é a leitura sem a qual o efeito de humor falha drasticamente. É a leitura na qual se espera o reconhecimento de informações partilhadas, de elementos dialógicos, de elementos históricos, de pequenos e irremediáveis feitos de políticos, de ironias etc. Se os envolvidos no processo de leitura não compartilharem essas informações, o efeito de humor não é alcançado, como assegura Possenti ao explicar que uma charge - é completamente incompreensível se não se fornece um conjunto de informações. (POSSENTI, 2010, p. 145). Aqui podemos observar como o artista Genildo representa a situação: dá ao leitor a noção de espaço (uma das estações da *transposição*), a noção de tempo (cronológico, a data da publicação de tempo —discursivo, no qual se reúnem o acontecimento abordado) e a noção de quem é o sujeito falante inserido naquela improvável enunciação (no caso, a figura do político e do nordestino, identificada pela própria imagem).

Na Figura 05 encontramos a heterogeneidade discursiva nos enunciados verbais proferidos pelos personagens, a saber: o político, caracterizado pela presença da imagem da mala na mão, a imposição da mão direita perante o cidadão, vestimenta formal, assim como o sorriso que expõe os dentes e um olhar satisfatório perante a obra “concluída” e acompanhada do vocábulo “ACABOU!”, nos permite inferir que o mesmo transparece felicidade, portanto, o aspecto fácil e o contexto nos permite relacionar dialogicamente a ironia presente na charge, o fato de acreditar que a população está sendo enganada mais uma vez com essas obras políticas e corruptas.

No entanto, o enunciado do segundo personagem, caracterizado pela vestimenta rural e típica do nordestino, apresenta um aspecto de desilusão, tristeza e perplexidade diante do que está vendo, isto é, a obra acabou, mas devido à demora e tantos problemas ambientais por quais passam o rio São Francisco, a água do mesmo infelizmente esvaziou. O humor está presente nesse jogo de enunciados proferido pelos personagens, visto que um se refere a conclusão da obra e o outro a evasão da água do rio, mostrando com o dedo indicador da mão esquerda a verdadeira realidade; já com a mão direita, ele “complementa” a fala do político, com o gesto da mão aberta (indicando o sinal de “pare”) confirma que o que acabou, de fato, foi a água que deveria está sendo transportada para a região Nordeste. Estabelece-se um diálogo entre esses enunciados verbais acima, permitindo uma leitura interpretativa, dirigida pela articulação de sentidos estabelecida entre eles. Nesses enunciados está estabelecida uma relação dialógica, pois, como nos aponta Bakhtin (1988), os enunciados são dialógicos e, portanto, o dialogismo constitui o diálogo. Nessa relação dialógica estão presentes diversas vozes que ajudam a compor o sentido de cada enunciado e permitem estabelecer uma relação entre eles.

Portanto, extraímos como elementos visuais a figura do nordestino e do político, a placa – Transposição do Rio São Francisco- indicando o conteúdo temático. E, ainda temos os elementos contextuais, como o momento histórico que o Brasil passa com esse projeto em vigor e a raiva do brasileiro por ter descoberto mais uma obra inconclusa devido os desvios políticos. Com isso, podemos afirmar que a Figura 05 critica a gestão política, uma vez que eleva uma crítica social e busca denunciar a sociedade o fato que está acontecendo no Brasil, o desvio do evento *Transposição do Rio São Francisco* e denúncia os problemas ambientais referendados ao rio. Portanto, devido a leitura dessa charge a sociedade pode encarar o evento observando-o a partir de uma nova maneira de pensar e agir, bem como estimular a participação popular frente a tais polêmicas. Logo, convoca a sociedade a refletir criticamente. Ou seja, este é o compromisso discursivo do gênero em função das práticas sociais. Apresentaremos, nesse momento, a última charge que compõe o *corpus* desta pesquisa e que está elencada na última categoria de análise deste trabalho, - Heterogeneidade discursiva nas charges.

Figura 06: Charge de Spon Holz



FONTE:<http://mipibuonline.blogspot.com.br/2012/03/charge-transposicao-do-rio-sao.html>.

Roque Sponholz é arquiteto e urbanista formado pela Universidade Federal do Paraná, e atualmente é professor da Universidade Estadual de Ponta Grossa, onde leciona planejamento urbano e desenho técnico. Já foi vereador, mas hoje participa da política sem mandato, como chargista dos que - pegam pesado, com contundência e talento inquestionáveis. Sponholz, chargista que publica na Revista *Veja*, paranaense de Imbituva, é crítico ríspido ao governo de Lula e do Partido dos Trabalhadores. Sempre atento ao ir e vir da política e com visão muito analítica do contexto do país, o chargista possui um acervo de charges das mais contundentes, grande parte da pimenta reservada ao - presiMente, como o artista define Lula.

A charge supracitada foi publicada no dia 11 de março de 2012, isto é, logo após o início dos comentários acerca da Transposição. Publicada em um *blog*, conforme podemos ver na fonte, a charge é lida por um público-alvo que tem acesso à internet, um meio de comunicação bastante utilizado nos dias atuais e que possui uma grande acessibilidade e divulgação imediata dos fatos que ocorrem na sociedade e no país. Portanto, o chargista busca com essa publicação denunciar o evento *Transposição do Rio São Francisco*, bem como alertar para a sociedade o que está acontecendo no Brasil. Com isso, problematizar o projeto e a disputa pela obra superfaturada.

A Figura 06 tem como conteúdo temático a polêmica sobre a *Transposição do Rio São Francisco*. Em outras palavras, há muito tempo vinha-se discutindo sobre esse projeto que, conseqüentemente, tornou-se pauta dos comentários da sociedade brasileira. Nesse sentido, não podemos deixar de mencionar o posicionamento ideológico que os chargistas defendem. Afinal, todo texto carrega consigo a ideologia que o constitui. Esses artistas podem ser considerados cronistas de imagens, uma vez que, partindo do humor, se inscrevem como leitores do mundo e convidam seus interlocutores a partilharem suas leituras, por isso, podemos considerá-los

como formadores de opiniões. Eles jogam com aquilo que pode gerar risos e trazem ao palco de seus textos as mazelas sociais, pois os personagens que neles são retratados são celebridades que representam a vida em sociedade. Por isso, — o desfile de presidentes, ministros — figuras representativas de um grupo social — serve para pôr a nu os erros e os desmazelos desses heróis. (OLIVEIRA, 2001, p. 266).

Os chargistas levam seus interlocutores a refletirem sobre o momento histórico, social, político e cultural que vive a comunidade social a qual se situam. É salutar que esses artistas tenham um olhar crítico frente à realidade, ironizem, trabalhem com os detalhes físicos dos personagens. Nesse sentido, Oliveira (2001, p. 266) relata que - os textos chargísticos constituem, por isso, um vasto material de memória social, sem a qual não poderia existir a História, que só se constitui pelo discurso [...] numa época bem datada, um conjunto de charges tem a força da narratividade. Diante disso, as charges podem ser consideradas um vasto material em que a História da sociedade pode ser lida e interpretada. Uma característica da Figura 06 que não podemos deixar de citar é que seus enunciados verbais aparecem de modo conciso, sintetizando várias ideias em frases curtas, a exemplo do – Transposição do São Francisco - que indica a problemática em evidência. Nesse caso, a interpretação é resultado de um processo no qual um enunciado sempre deixa vestígios no outro. Isto é, um enunciado é carregado de inúmeros outros e estes deixam vestígios nele.

Ainda, os elementos extra verbais são de fundamental importância para a compreensão da charge 06, a exemplo da sacola com dinheiro, as moedas caindo de tão cheio que se encontra o saco, o córrego do rio etc. Portanto, na figura 06 temos a imagem de um prato que apresenta relação dialógica com o programa *Bolsa Família*, isto é, significa “colocar tudo dentro do mesmo saco”, tratando-se de uma estratégia política, representada através do saco do dinheiro. Esta é a leitura sem a qual o efeito de humor falha drasticamente. É a leitura na qual se espera o reconhecimento de informações partilhadas, de elementos dialógicos, de elementos históricos, de pequenos e irremediáveis feitos de políticos, de ironias etc.

Se os envolvidos no processo de leitura não compartilharem essas informações, o efeito de humor não é alcançado, como assegura Possenti ao explicar que uma charge - é completamente incompreensível se não se fornece um conjunto de informações. (POSSENTI, 2010, p. 145). Aqui podemos observar como o artista Sponholz representa a situação: dá ao leitor a noção de espaço (uma sacola cheia de dinheiro e que faz menção a superfaturação do projeto), a noção de tempo (cronológico, a data da publicação de tempo - discursivo, no qual se reúnem o acontecimento abordado) e a noção de quem é o sujeito falante inserido naquela improvável enunciação (no caso, a figura do mágico, identificada pela própria imagem).

Portanto, extraímos como elementos visuais a figura do mágico, a placa – *BRASIL, País Rico é País sem Pobreza* - indicando a logomarca do governo federal do Brasil, as marcas do córrego do rio ao encontro da sacola de dinheiro que, por sua vez, já se encontra muito cheia. E, ainda temos os elementos contextuais, como o momento histórico que o Brasil passa e os desvios que são ocasionados diante os projetos sancionados. O que nos permite compreender esse sentido são as marcas das relações dialógicas presentes na charge, bem como seu contexto extra verbal. Assim, o contexto da denúncia da Transposição e a imagem denunciam esse acontecimento através da figura do mágico no chão com uma sacola de dinheiro sendo transportada pelo córrego do rio.

Todo texto humorístico tem ao menos um fim: fazer rir. Porém, é difícil afirmar que eles possuem apenas esta finalidade. O riso, como qualquer manifestação humana, esteve sempre ligado a fatores sociais. Estereótipos, falhas de comunicação, deficiências físicas, desvios de conduta, muitos são os assuntos explorados no âmbito do humor. Ri-se do que não é geralmente aceito, convencional e/ou louvável em uma dada sociedade. É pouco provável rir-se da perfeição, a não ser que a própria perfeição resulte em uma falha humana (a vaidade, por exemplo). Ri-se dos comportamentos que se desviam dos padrões normalmente julgados como corretos por um grupo social.

O humor de cunho político não deixa de se ater a esta característica, mas atrela a ela também a crítica social. O humor não teria um fim primeiro (fazer rir), mas fins, como levar o leitor à consciência do fato, à reflexão, à crítica e, em alguns casos, à persuasão. Este tipo de humor é mais pernicioso do que parece, pois adentra o seio da grande massa, tentando se comunicar com ela de modo aberto, simples, e, ao mesmo tempo, discreto e complexo. Envolve-a em um jogo de esconde-mostra que por meio da linguagem (e das ilustrações, no caso das charges e cartuns), permite ao leitor a identificação de um problema social, camuflado por jogos de palavras e ideias.

O gênero charge articula muito bem as duas linguagens: verbal e não-verbal, uma vez que o sentido é construído nas oscilações entre o dito e o não-dito. Na Figura 06, percebemos certa ironia por parte do interlocutor ao vermos o aspecto sarcástico dele em relação ao evento *Transposição do Rio São Francisco*, uma vez que demonstra total interesse financeiro no projeto. Sabendo que a *Transposição* é um projeto destinado a sociedade carente de água, desse modo, deveria haver certo grau de seriedade e empatia por parte dos políticos perante a população brasileira que necessita desse recurso. Essa relação de desacordo é percebida por meio do entimema, o que podemos chamar de parte presumida. (VOLOCHINOV, 1926, p. 05).

Segundo Volochinov (1926), falantes do mesmo grupo social, ou que pertencem ao mesmo período de tempo, através de condições reais de vida, geram uma comunidade de julgamento de valor. Assim, a situação extra verbal torna-se parte constitutiva da estrutura e da sua significação. (VOLOCHINOV, 1926, p. 05). A entoação pode ser percebida na expressão “facial” do personagem. O que significa dizer: não podemos esperar muito da política, eles fazem promessas e depois não cumprem e/ou cumprem visando o financeiro. Isto é, isso é um fato, sempre acontece, é algo que se tornou comum: “a entoação estabelece um elo firme entre o discurso verbal e o contexto extra verbal”. (VOLOCHINOV, 1926, p. 06). O gesto de “ficar de boca aberta com sorriso esperto e os olhos virados de ganância” do personagem reforça a ideia de desaprovação e indignação. Essa reprovação e indignação são dirigidas ao herói, um terceiro participante, nesse caso, ao governo federal.

O que se presume são valores, estereótipos, vivências, comportamentos, entre outros, os quais não são abstratos e não estão limitados à consciência individual, pois “a parte presumida que figura a base de significação é de natureza social”. Essa base de significado é fundamentada em um contexto de vida que compreende uma fração de mundo entendida pelos falantes e produz uma valoração comum, isto é, o presumido pode ser a representação do que pensa uma família, uma classe, uma nação, e pode se referir a uma época específica: abarcando dias, anos ou épocas. (PONZIO, 2011, p. 93-94).

Todas as avaliações sociais básicas que derivam diretamente das características distintivas da vida econômica de um grupo social dado usualmente não são enunciadas: elas estão na carne e sangue de todos os representantes deste grupo; elas organizam o comportamento e as ações; elas se fundiram, por assim dizer, com os objetos e fenômenos aos quais elas correspondem, e por essa razão elas não necessitam de uma formulação verbal especial (VOLOCHINOV, 1926, p. 06). Em outras palavras, políticos se utilizam de estratégias que vão ao encontro dos interesses do povo para ganhar as eleições; depois de eleitos vão a favor de seus interesses próprios. Outra característica também presente na charge é a carnavalização das personagens, pois a charge tem a priori, a finalidade do humor para, a posteriori, provocar a ironia, a contestação, a crítica e a denúncia.

Para a análise da enunciação da charge, podemos dizer que está baseada nos pontos de vista do chargista sobre os textos, os discursos e as várias vozes do universo político realizado de maneira axiológica e acrescidos da visão presumida do leitor. Por ser a charge carregada de simbolismos, sua compreensão demanda conhecimento dos fatos e habilidade de interpretação das imagens visuais. A análise dialógica baseada nos estudos de Bakhtin e do Círculo nos permite observar que cada elemento gráfico que compõe a charge, do mais visível ao mais sutil,

está carregado de sentido. Para analisar e compreender a estrutura total de uma linguagem visual é conveniente concentrar-se nos elementos visuais individuais, um por um, para um conhecimento mais aprofundado de suas qualidades específicas. (DONDIS, 2007, p. 53). A composição das informações importantes para a leitura da charge está realizada à esquerda, onde, segundo Dondis (2007) há o favorecimento de qualquer campo visual.

O elemento linguístico da presente charge passa a ter função figurativa com letras em caixa alta e em negrito no título: **TRANSPOSIÇÃO DO SÃO FRANCISCO**, como um grito de alerta, uma chamada de atenção ao que está acontecendo no Brasil. Também, na elaboração do slogan *BRASIL: PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA*. Podemos conjecturar uma posição valorativa de comando em um tom de voz normal, por não estar a configuração em negrito - indicativo de atenção ao termo - assumindo uma postura que não condiz com uma ação digna de um bom governo, mas que tem permissão para realizar tal atitude, pela posição valorativa assumida pelo Estado com referência as demandas, com sua proposta financeira, exposta no título da charge.

Para Brait (2008, p. 62), “no caso da ironia, o enunciador qualifica o enunciatário como capaz de perceber o índice e participar da construção da significação irônica”. Com a afirmação de Dondis (2007, p. 99) “a forma segue a função”, podemos concluir que a intenção do artista, nas formas de sua informação verbo visual, foi mais geral e abrangente pela complexidade das possíveis interpretações que podem surgir, dependendo do universo de informações do leitor. “A charge, enquanto mensagem icônica, não será recebida e decodificada se não levarmos em conta os diversos contextos necessários para que isso aconteça” (ROMUALDO, 2000, p. 23), pois ela é um enunciado e como tal é um elo na cadeia da comunicação discursiva, respondendo de uma forma ou de outra aos enunciados que a antecederam. (BAKHTIN, 2003).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as análises podemos chegar a algumas considerações. A primeira é que as charges são um importante registro histórico, pois com suas particularidades (e o humor é uma delas) criticam e fazem o leitor pensar sobre um acontecimento importante o bastante para se constituir como memória coletiva. A segunda é que esse gênero discursivo, assim como qualquer outro, não pode ser interpretado longe de seu contexto histórico, político, social e ideológico. Nenhum gênero deve ser analisado distanciado de seu contexto, mas no caso da charge e de alguns outros gêneros circunstanciais os efeitos de sentido variam de acordo com o tempo e com os dados compartilhados entre autor/artista/cartunista e leitor.

No problema de pesquisa, foi levantada a questão de como, nas charges, as representações dialógicas e jogo de palavras da temática Transposição do Rio São Francisco eram convocadas. Essas possíveis conjecturas nos levam a perceber, nas análises, que as charges são gêneros discursivos que perpassam relações dialógicas entre as vozes presentes nos discursos dos autores, assim como os chargistas deixam em evidência o ponto de vista que defendem: não são a favor de nenhum político do Partido dos Trabalhadores. Portanto, a conclusão das seis charges analisadas, acerca da Transposição do Rio São Francisco, nos permitiu perceber que o gênero discursivo charge foi veiculado de diversas maneiras, tendo muitas vezes as vozes silenciadas.

Vários são os modos utilizados pelos cartunistas para fazer rir em uma charge. As manipulações linguísticas são uma delas, o que comprova que os sentidos atribuídos às palavras, bem como a criação de inesperados neologismos, dependem de sua inserção no devir da história. O discurso, como propõe a TDL, nunca é neutro, pois é sempre interpelado pelas vozes da ideologia e constituído por discursos outros que se cruzam e/ou se excluem. Por mais variados que sejam esses métodos, o que mais observamos nas charges é o diálogo que elas mantêm com outros gêneros do discurso e também com outros discursos. Não apenas os enunciados linguísticos como também os elementos imagéticos que compõem o enunciado como um todo modificam seus efeitos de sentido. Uma representação de uma outra ilustração existente ou de um enunciado já proferido (intertextualidades) não só modificam sentidos como constroem diversos outros.

Por se tratar de um gênero bastante circunstancial, a construção de sentido pode se dar de modo distinto com o passar dos anos, visto que alguns acontecimentos políticos ou sociais vão perdendo sua relevância na história e vão se desfazendo na memória social dos indivíduos. É necessário um conhecimento bem preciso dos acontecimentos do contexto de produção das

charges para poder interpretar seu enunciado que só tem sentido porque está inserido em um determinado contexto. A charge como gênero discursivo revela a criatividade do chargista, desperta a curiosidade do leitor e o mantém atualizado de forma descontraída por meio de notícias divulgada pela esfera jornalista a respeito principalmente das críticas emitidas ao meio político. Possibilita também uma interação do leitor com a realidade, pois o texto não verbal traz informações atuais, na maioria das vezes de forma crítica e irônica, ligadas ao humor e, por isso, torna a leitura prazerosa para o interlocutor e o faz refletir a respeito da situação retratada.

Por fim, percebe-se a partir da análise empreendida, que o gênero charge é carregado de enunciações que revelam argumentos persuasivos criados a partir de outros discursos em determinado momento histórico e visa promover a interação entre locutor e interlocutor, por meio da linguagem verbal e principalmente não verbal e ainda, possui um caráter crítico que é feito ao sistema de modo geral. Assim, percebemos, por meio das análises, que cada charge fez emergir diversos outros discursos que circulam socialmente sobre a situação do evento *Transposição do Rio São Francisco*. Apareceram desse modo, vozes sociais que acentuam negativamente o olhar perante este projeto. Entender tais valorações torna-se relevante do ponto de vista social, uma vez que possibilita-nos construir um olhar crítico a respeito de um assunto que afeta diretamente a vida dos sujeitos. Do ponto de vista teórico, tais discussões, à luz da teoria bakhtiniana, ampliam as possibilidades de aplicação de conceitos teóricos e filosóficos em discursos reais, vivos e dinâmicos como é o caso das charges analisadas.

Cumprir dizer que constatamos nesta análise, a partir da concepção de discurso como produto de relações dialógicas, a possibilidade de tecer a leitura da verbo-visualidade nas charges elencadas por meio da concepção de discurso: de que os enunciados são postos a circular e significar no ambiente sócio histórico por meio de uma relação dialógica que os concebe e lhes permite a criação de um outro enunciado que produz um outro sentido. Com este trabalho, observamos o quanto é fértil um estudo do discurso aliado à abordagem do gênero, uma vez que o gênero discursivo charge é um lugar móvel, no qual se encontram o sujeito, a língua e a História para a atualização de enunciados e, por sua vez, para construir efeitos de sentidos para o texto.

Por fim, salientamos que as charges aqui exploradas, foram vistas apenas sob o olhar do Círculo de Bakhtin. No entanto, uma abordagem dialógica do discurso sempre abre discussão para diversos outros olhares teóricos possíveis. Assim, almejamos que o debate a respeito desses discursos não se esgote neste estudo, outros aspectos podem ainda ser considerados, uma vez que as vozes sociais a respeito de um herói são múltiplas e inconclusas na cadeia da comunicação discursiva.

Assim, a charge se mostra um texto crítico e dialógico, devendo ter lugar privilegiado nas instituições jornalísticas, bem como nas instituições acadêmicas e escolares. Podemos concluir, portanto, que a teoria dialógica bakhtiniana, através do discurso, pode construir um alicerce profundo para uma análise rica de charges. Ressaltamos que o estudo realizado não é conclusivo, por isso, outras compreensões das charges selecionadas por nós podem surgir, uma vez que as pesquisas dispõem de limitações. No entanto, o objetivo da pesquisa foi alcançado e o resultado contemplado, de acordo com a questão-problema e a hipótese levantada. Porém, mesmo que novas interpretações surjam, já não será mais esta enunciação que irá vir à tona e sim outra, pois sabemos que a enunciação não se repete: é impossível remontar todos os elementos que possibilitaram que tal enunciado surgisse.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, V. T. *O verbal e o não verbal*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

AUTHIER-REVUZ, J. *Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail M. *Para uma filosofia do ato*. São Carlos - SP: Pedro & João, 2010.

BAKHTIN, M. M. O discurso no romance (1934-35). In: *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance*. Trad. Carlos Vogt e Eny Orlandi. 4. ed. São Paulo: Unesp, 1998.

BAKHTIN, M. M. *Estética da Criação Verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. BAKHTIN, Mikhail. *Arte e responsabilidade* (1919). *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. M. *O autor e a personagem na atividade estética* (1920). *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. M. *Os gêneros do discurso* (1952). *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 2000.

BAKHTIN, M. M. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1999.

BAKHTIN, M. M.; VOLOCHÍNOV, V. N. *Marxismo e Filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 13. ed. São Paulo: HUCITEC, 2009.

BAKHTIN, M. M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora F. Bernardini *et al.* 4 ed. São Paulo: Editora da UNESP, HUCITEC, 1998.

BAKHTIN, M. M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

BAKHTIN, M. M. *Discurso na vida e discurso na arte*. Tradução de Carlos Alberto Faraco & Cristóvão Tezza. Circulação restrita, 1926.

BAKHTIN, M. M. A interação verbal. In: *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Veira. 10. ed. São Paulo, Hucitec, 2002.

BAKHTIN, M. M. MELO, R. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

BARROS, N. *As múltiplas faces da incongruência: uma introdução ao estudo do texto humorístico*. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras e Artes, PUCRS. Porto Alegre, 1997.

BARONAS, R. L. & SIQUERI, M. S. Derrisão em caricaturas políticas: observações sobre interincompreensão intersemiótica. In: NOLASCO, E. C. & GUERRA, V. M. L. (Orgs) *Discurso, Alteridades e Gênero*. São Carlos - SP: Pedro e João, 2006, p. 56-70.

BENITES, S. A. L. Sentido, História e Memória em Charges Eletrônicas: os domínios do interdiscurso. In: POSSENTI, S.; PASSETI, M. C. (Orgs.). *Estudos do texto e do discurso: política e mídia*. Maringá: EDUEM, 2010, p. 149-176.

BENVENISTE, É. 1988. *Problemas de Linguística Geral I*. 2ª ed., Campinas, Pontes/Editora da Universidade Estadual de Campinas. [1902-1976].

BRANDÃO, Helena N. Enunciação e construção do sentido. In: FÍGARO, R. (Org.). *Comunicação e Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2012.

BRAIT, B. Reflexões dialógicas: de olho no verbal, piscando para a imagem. In: MACHADO, I. L.; MENDES, E. (Orgs.). *Discurso e imagem*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012.

BRAIT, Beth. *Ironia: em perspectiva polifônica*. 2. ed. Campinas - SP: Editora da UNICAMP, 2008.

BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

BRAIT, Beth. *Bakhtin: dialogismo e construção do sentido*. 2 ed. rev. São Paulo: Campinas - SP, Editora da UNICAMP, 2003a.

BRAIT, Beth. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas - SP: Editora da UNICAMP, 2003b.

BEZERRA, P. Polifonia. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. *Português: Linguagens*, 8º ano. 5. ed. São Paulo: Atual, 2010.

CHARAUDEAU, P. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2005.

CHIZZOTTI. *A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios*. Portugal: Revista Portuguesa de Educação, 2003. Nº 02. Ano 16.

CLARK, K.; HOLQUIST, M. *Mikhail Bakhtin*. Traduzido por J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2008.

DONDIS, Donis A. *A sintaxe da linguagem visual*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FARACO, C. A. *Linguagem e Diálogos: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola, 2003.

FERNANDES, C. A. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. 2. ed. São Carlos - SP: Claraluz, 2008.

FERREIRA, M. C. L. *A resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso: da ambiguidade ao equívoco*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas - SP: Editora da UNICAMP, 2004a.

FERREIRA, E. G. *Charge: uma abordagem parodística da realidade*. Dissertação de mestrado. Universidade Vale do Rio Verde, 2004b.

FIORIN, J. L. Polifonia textual e discursiva. In: BARROS, D.; FIORIN, J. L. (Orgs.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin*. São Paulo: EDUSP, 2006.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. 16. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FREITAS, M.T.A. *Vygotsky e Bakhtin. Psicologia e Educação: um intertexto*. São Paulo: Ática, 2000.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

JARDON, D. *Du comique dans le texte littéraire*. Bruxelles: De Boeck-Duculot, 1988.

JUNQUEIRA, F. G. C. *Confronto de vozes discursivas no contexto escolar: percepções sobre o ensino da gramática da língua portuguesa*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC, 2003.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *L'énonciation, de La subjectivité dans Le langage*. Paris: Armand Colin, 1988.

LAKATOS, I. *O falseamento e a metodologia dos programas de pesquisa científica*. São Paulo: Cutrix, 2001.

LEITE, Francisco, SILVEIRA, Maria V. A. de. Bakhtin/Volochínov e os problemas da construção do sentido. In: ALMEIDA, Maria de Fátima (Org.) *Bakhtin/Volochínov e a filosofia da linguagem: ressignificações*. Recife: Bagaço, 2011.

MACÊDO, J. E. T.; SOUZA, M. L. G. *A charge no ensino de história*. Disponível em: <http://www.anpuhpb.org/anais_xiii_eeph/textos/ST%2004%20-%20Jos%C3%A9%20Emerson%20Tavares%20de%20Macedo%20TC.PDF> Acesso em: 20 nov. 2017

MAGALHÃES, Oliveira. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2010.

MARCONI, Marina; LAKATOS, Eva M. *Metodologia científica*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTINS, N. S. *Introdução à Estilística: a expressividade da língua portuguesa*. 4. ed. rev. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

MEDVIÉDEV, Pavel Nikolaevitch. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Tradução do russo por Ekaterina Américo e Sheila Grillo. São Paulo: Contexto, 2012 [1928].

PEREIRA, Rodrigo A. *Ensino/Aprendizagem de Leitura e a Questão dos Gêneros do Discurso - Aspectos Teórico-Aplicados*. Santa Maria. Revista Linguagem e Cidadania/UFSM, 2007a. Disponível em: < www.revistalinguagemecidadania.com.br.> Acesso em: 20 nov. 2017

MELO, Francineide Fernandes. *Entre o discurso e a ironia: o pintar o sete e desenhar os outros no discurso humorístico*. Dissertação (Mestrado em Letras). João Pessoa: UFPB, 2004.

MESQUITA, D. P. C.; ROSA, F. I. As heterogeneidades enunciativas como aporte teórico-metodológico para a análise do discurso de linha francesa. In: Veredas – *análise do discurso*, 2/2010.

MORATO, E. M. O interacionismo no campo linguístico. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.) *Introdução a Linguística: fundamentos epistemológicos*. 3. ed. v. 3. São Paulo: Cortez, 2007.

MOTTA-ROTH, D; HENDGES, G. H. *Produção textual na universidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

NASCIMENTO, E. P. Gêneros jornalísticos na sala de aula: desenvolvendo habilidades leitoras. In: PEREIRA, R. C. M. *Ações de linguagem: da formação continuada à sala de aula*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2010.

OLIVEIRA, M. M. *Como fazer pesquisa qualitativa*. Petrópolis - RJ: Vozes, 2001.

PILLA, A.; QUADROS, C. B. *Charges: uma leitura orientada pela Análise do Discurso de linha francesa*. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2082-1.pdf>.> Acesso em: 10 nov. 2017

POSSENTI, S. *Questões para analistas do discurso*. São Paulo, SP: Parábola, 2010.

PONZIO, A. O debate entre o estruturalismo linguístico e a dialogia bakhtiniana sobre o conceito de linguagem. In: PAULA, L.; STAFUZZA, G. *Círculo de Bakhtin: Diálogos in possíveis*. Campinas: Mercado de Letras, 2010. (Série Bakhtin: inclassificável. v. 2)

RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTAROTH, D. (Orgs.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2001.

RODRIGUES, Maria Lucia; LIMENA, Maria Margarida Cavalcanti (Orgs.). *Metodologias multidimensionais em Ciências Humanas*. Brasília: Líber Livros Editora, 2006.

ROMUALDO, E. C. *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia*. Maringá: EDUEM, 2000.

SEVERINO, Antonio J. *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, T. C. G.; VASCONCELOS, G. P.; MORAIS, D. S. A interação verbal: uma leitura de Marxismo e Filosofia da Linguagem de Mikhail Bakhtin/Volochínov. In: ALMEIDA, M. F. (Org.) *Bakhtin/Volochínov e a filosofia da linguagem: ressignificações*. Recife: Bagaço, 2011.

SILVA, D. B. *A charge em sala de aula*. Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, 2011. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/ixcnlf/05/03/2011.htm>> Acesso em: 07 oct. 2017

SOBRAL, A. *Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2009.

SOUSA, M. I. P. O; MACHADO, R. B. O verbal e o não verbal na produção de efeitos de sentidos no gênero charge. In: CRISTOVÃO, V. L. L; NASCIMENTO, E. L. (Orgs). *Gêneros Textuais: teoria e prática II*. Palmas e União da Vitória, PR: Kayangue, 2011, p. 59-71.

SOUZA, H. V. A. *A charge virtual e a construção de identidades*. Recife: Editora da UFPE, 2008.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. *A pesquisa e a produção de conhecimentos*. Disponível em: <<http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/2010/123456789/196/3/01d10a02.pdf>> Acesso em: 20 nov. 2017

VOLOSHINOV, V. N. *A estrutura do enunciado. 1930*. Tradução de Ana Vaz, para fins didáticos, com base na tradução francesa de Tzevan Todorov (“La structure de l’énoncé”), publicada em Tzevan Todorov, Mikail Bakhtin – Le prince dialogique. Paris, Seuil, 1976.

XAVIER, Girlene R. de Souza. *Uma Análise do Gênero Discursivo “charge”*. Monografia (graduação em Letras – Hab. II), Guarabira (Campus III): UEPB, 2008.

ZANDWAIS, A. Prefácio. In: Paula, L. ; STAFUZZA, G. (Orgs.) *Círculo de Bakhtin: diálogos in possíveis*. v. 2. Campinas: Mercado de Letras, 2010.